

approches coopératives



N° 27 INVERNO 2025



PEDAGOGIA CRÍTICA
E
EDUCAÇÃO POPULAR

Atualidade de
Paulo Freire

"La seule voie, qui offre quelque espoir d'un avenir meilleur pour l'humanité, est celle de la coopération et du partenariat"

Kofi Annan



ASSOCIATION POUR LA PROMOTION DES APPROCHES COOPÉRATIVES (APAC)

contact@approchescooperatives.com

Approches Coopératives, revista digital trimestral, é publicada pela APAC, uma associação sem fins lucrativos sediada na França. A APAC tem como missão promover abordagens cooperativas em áreas-chave da vida social: educação de jovens e adultos, ação social, gestão organizacional, economia, cultura, participação cidadã, vida internacional.

COMITÉ EDITORIAL

Dominique Bénard, Matheus Batalha Nery, Larry Childs, Roland Daval, Alain Dewerdt, Anne-Laure Dettelleux, Patrick Gallaud, Francis Jeandra, Dominique Lesaffre, Guy Ménant, Hamady Mbodj, Dante Monferrer, Carolina Osorio Garcia, Michel Seyrat, Dominique Solazzi, Michel Tissier.

Para mais informações: <https://www.approchescooperatives.org/>

ÍNDICE

A ATUALIDADE DE PAULO FREIRE.....	4
Editorial. Matheus Batalha Nery	
TRAJETÓRIAS FREIRIANAS NA CONSTRUÇÃO DE UMA PEDAGOGIA CRÍTICA.....	9
Depoimento. Maria Amélia Santoro Franco	
PAULO FREIRE DURANTE SEU EXÍLIO NO CHILE.....	15
Depoimento. L. Marcela Gajardo J.	
PAULO FREIRE.....	22
Depoimento. César Nunes	
BREVE DEPOIMENTO SOBRE PAULO FREIRE.....	29
Homenagem. Celso Dos S. Vasconcellos	
ANDARILHAGENS COM PAULO FREIRE.....	36
Depoimento. Ana Lúcia Souza de Freitas	
O PROGRAMA “ESCOLA DE TERRA”.....	47
Entrevista. Professora Marlene Santos (UFS). por Matheus Batalha Nery	
“DERRUBAR A CERCA HOJE, PARA ESPERANÇAR NO AMANHÃ!”.....	51
Relato de experiência. Livia Jéssica de Almeida e Marlene Santos	
PAULO FREIRE: QUANDO EDUCAR SE TORNA UM ATO POLÍTICO.....	55
Decifragem. Dominique Bénard	
A ABORDAGEM PEDAGÓGICA DE PAULO FREIRE.....	59
Análise. Dominique Bénard	
APROXIMAÇÕES ENTRE DANÇA E A PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE.....	62
Perspectivas. Cecília Cavalcante Vieira	
TIERRA NUEVA.....	70
Uma aventura editorial. Dr. Federico Brugaletta	
“E ENSINEM-NOS TAMBÉM A LER!”.....	77
Depoimento do Dr. Eduardo Missoni	
UM ABRAÇO COLETIVO.....	83
Homenagem ao Professor Bernard Charlot	
ELE VAI ME AMAR CIGANA?.....	85
Poema. Helena Valmont	

Clique em um título para acessar o artigo correspondente

A ATUALIDADE DE PAULO FREIRE

MATHEUS BATALHA NERY



No Brasil, existe uma pedagogia antes e depois de Paulo Freire.

Aquela que o antecede foi profundamente marcada pelos tradicionalismos, onde a autoridade do professor e os autoritarismos da sociedade brasileira eram constantemente enfatizados. Seu foco perpassou as catequeses, a aprendizagem através da repetição da leitura, da escrita e da aritmética básica, bem como a moral e a religião, em consonância com as influências coloniais, jesuíta e pombalina. As reminiscências deste passado se fizeram presentes também em outros movimentos, a exemplo da Escola Nova de Anísio Teixeira, que buscava a construção de uma escola mais democrática, mas não renunciava às raízes tradicionais, e no tecnicismo, cujo foco era uma ideia de escola eficiente, haja vista que a sociedade precisava de trabalhadores, obedientes, que se formassem, de preferência, sem aprender a questionar suas realidades. A obra de Freire rompeu com tudo isto. Com ele, a pedag-

gia passou a privilegiar a libertação da opressão através do diálogo, a problematização da realidade, o conhecimento crítico, e o papel ativo das pessoas numa relação dialógica de aprendizagem. Suas ideias ressoaram por todo o mundo.

As experiências difíceis, a exclusão social e a superação dos obstáculos que atravessam a educação permearam toda a obra filosófica de Freire. A Pedagogia da Libertação, como ficou conhecido seu método de ensino-aprendizagem, pode ser descrita, muito simploriamente, em cinco grandes conceitos. O primeiro deles é justamente a necessidade de diálogo constante e horizontalidade. Aqui, Freire diverge dos autoritarismos presentes nos espaços escolares, em especial, contra o conhecimento unilateral dos professores. A escola, em sua mais profunda concepção, é um espaço de argumentação, não de silenciamentos. O segundo conceito vem da noção dos círculos de cultura, feitos para servirem enquanto espaços de

debates sobre a própria realidade que cerca e atravessa as escolas. Em vez das salas de aulas tradicionais, com todos os estudantes enfileirados e obedientes, propôs um espaço em que todos podiam se olhar nos olhos e debater os contrastes de sua realidade. O terceiro conceito deriva justamente deste contexto, ou seja, as palavras que formam este mundo são também geradoras de contextualização. Aqui, Freire buscou explorar o vocabulário dos próprios estudantes, em vez de submetê-los a um constante depósito de novas palavras, que, muitas vezes, desconsiderava suas realidades. A palavra assume assim um significado social e emocional, sendo dever de um professor compreender sua lógica comunitária. Esta noção abre caminho para um quarto elemento, o conceito de conscientização. Este é visto como um ponto de virada, haja vista que é de extrema importância que o aprendiz compreenda as estruturas de poder e as desigualdades que cercam sua existência. Evidentemente, enquanto quinto elemento, é através da leitura que se lê o mundo.

Nos anos 60s, este método, enquanto uma ação política, se deparou no Brasil com uma realidade profundamente fraturada e em vias de ruptura democrática. Dois momentos essenciais colocaram Paulo Freire como pessoa não grata da ditadura militar que se instalou no Brasil em 1964. Ambos ain-

da em 1963, o primeiro foi a experiência em Angicos, no Rio Grande do Norte, no Nordeste Brasileiro, onde Freire alfabetizou, com seu método, mais de 300 cortadores de cana-de-açúcar em apenas 45 dias. O segundo foi a sua ascensão, a convite do Presidente João Goulart – comunista declarado, nas palavras dos militares golpistas brasileiros –, ao cargo de coordenador do Plano Nacional de Alfabetização. Estes dois movimentos deixaram transparentes o engajamento político de sua filosofia, pois sua visão rompia radicalmente com a educação tradicional, conceituada por este filósofo enquanto “bancária”, e revelava que o campo educacional é um ato político, haja vista que visa justamente libertar os estudantes das opressões a que estão submetidos em sua sociedade. Para ser livre, é preciso que a pessoa compreenda seu lugar político no mundo, de modo a não desejar ser mais um opressor que buscar oprimir e explorar as camadas populares. O golpe veio e Paulo Freire seguiu para o exílio.

Essencialmente, a visão de Freire é também uma abordagem cooperativa, e esta edição da revista francesa *Approches Coopératives* buscou remarcar a atualidade de sua visão filosófica neste ano de 2025, ano do Brasil na França. Assim, privilegiou-se três núcleos de trabalhos. No primeiro, o leitor encontrará artigos escritos por autores que convi-

MATHEUS BATALHA MOREIRA NERY

Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Membro do MAC/ASL. Doutorem Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), estudou Direito Internacional na The Hague Academy of International Law, sediada no Palácio da Paz (ONU) e foi Visiting Scholar na RLL Department na Harvard University.

Seus interesses de pesquisa incluem Psicologia, Relações Internacionais e Ensino Superior.

Nos últimos anos, participou de diversos programas internacionais, incluindo o Erasmus Mundus e o 100,000 Strong in the Americas, e foi premiado pelo fundo de inovação em educação internacional da Casa Branca (EUA), além de ter liderado os esforços que resultaram na criação do Tiradentes Institute na Universidade de Massachusetts, Boston. matheusbatalha@academico.ufs.br

veram com Paulo Freire nos anos de exílio, bem como por aqueles que partilharam de sua presença durante a redemocratização brasileira.

Trata-se de cinco artigos encadeados, escritos por Maria Amélia Santoro Franco, que nos trás um depoimento emocionante do reencontro do filósofo com a Universidade Presbiteriana Mackenzie, já sem a ameaça das metralhadoras; por Marcela Gajardo, que conviveu com Freire no Chile, período em que escreveu sua obra seminal, *Pedagogia do Oprimido*, e ainda não cultivava sua famosa barba; por Cesar Nunes sobre o período em que o filósofo foi professor na UNICAMP e a importância do conceito de amor em sua obra; por Celso Vasconcelos, que remonta os tempos em que foram vizinho educacionais no Imaco e o engajamento político de Freire enquanto secretário municipal de educação de São Paulo na gestão da prefeita Luiza Erundina; e, por fim, fechando esta sequência, o artigo de Ana Lúcia Souza de Freiras, sobre as caminhadas de Freire e sua relação com a França, em especial o projeto Cartas Pedagógicas.

O tom nestes artigos é intimista e revelador de muitos aspectos da vida e da obra de Paulo Freire.

Em sequência, já na segunda parte desta publicação, somam-se a estes artigos uma entrevista com o Programa Escola da Terra, uma iniciativa do governo federal brasileiro, através do Ministério da Edu-

cação, que busca promover a educação do campo através da formação de professores para atuarem ou que já atuam em escolas rurais e quilombolas.

Este programa é profundamente influenciado pela pedagogia freiriana. Na entrevista, há a fala da coordenadora institucional deste programa na Universidade Federal de Sergipe, Marilene Santos, bem como a apresentação de um relato de experiência sobre este trabalho, escrito por ela e por Lívia Jéssica Messias de Almeida, também docente desta instituição. A entrevista é seguida por um artigo escrito por Dominique Bénard, editor da *Approches Coopératives*, que se dedica a analisar o impacto que a obra de Freire teve e ainda tem no continente europeu. Este conjunto busca fomentar o debate sobre a importância da práxis de Freire na contemporaneidade.

No terceiro e último seguimento desta publicação, encontram-se os artigos de Cecília Cavalcante Vieira, que faz uma análise transdisciplinar da obra de Freire, a partir de sua importância para a Dança, enquanto uma área do conhecimento e, sobretudo, como práxis no cotidiano escolar. Seu artigo é seguido pelo de Federico Brugaletta, que analisa a relação entre política, religião e difusão das obras de Paulo Freire na América Latina, durante os anos de chumbo das ditaduras militares que assombraram sem muitos países. Este, por sua vez, é seguido de um brilhante rela-

to de experiência escrito por Eduardo Missoni, nos tempos em que atuou enquanto médico e educador na Nicarágua. Por fim, pois a obra de Freire nos impõe leveza, fechamos esta edição com um poema da poetiza Helena Valmont, que nos faz sentir os paradoxos de uma relação dialógica.

Olhando em perspectiva, a atualidade desta edição remarca fundamentalmente dois importantes conceitos na obra de Freire. O primeiro, aparece ainda nas páginas iniciais do livro *Pedagogia do Oprimido*. Trata-se da noção de hospedeiro, que faz com que, o oprimido, diante de muitas circunstâncias difíceis de vida, acabe por internalizar uma ideologia dominante na forma de fazer valer para si os valores do opressor. Através deste processo, o oprimido acaba por hospedar em si a própria ideologia que o oprime – num mundo que ainda flerta com a ideia de ditadura, este conceito é mais atual do que nunca. A superação deste quatro vem justamente pela descoberta crítica desta hospedagem e, evidentemente, de uma luta pela humanização, em que a liberdade vem justamente da libertação das imagens de opressão que cercam a existência do oprimido. Assim, humanizar é também construir um caminho para conhecer a si mesmo, de modo a ser livre e crítico dos ideais de uma sociedade autoritária.

Tudo é isto é alçado através de uma educação dialógica, que privilegia um diálogo

horizontal entre educador e educando, na forma de uma abordagem cooperativa, que dá vazão a conscientização, a ação e a reflexão – a práxis –, e o ensino contextualizado. Aqui, o perigo reside justamente em uma nova ascensão de um ensino tecnicista, onde os discursos que defendem uma educação apolítica ganham força. O Brasil, como outros países mundo afora flertam também com estes discursos – os exemplos ruins em territórios brasileiros são múltiplos, e vão desde projetos como “Escola sem Partido”, as tentativas de implementação de “escolas cívico-militares”, na forma de um retorno aos ideais tecnicistas da ditadura militar. A resposta para tudo isto, para além da própria obra de Freire, vem também de outros filósofos, a exemplo de Bernard Charlot, francês radicado no Brasil, que nos deixou recentemente, a quem esta edição, em seu terceiro segmento, também presta homenagem. A ideia aqui é a de que, enquanto uma abordagem cooperativa, o acesso a educação é também um grande portal para a nossa própria humanidade. Nele, não cabem estratégias que visam apenas manter o autoritarismo.

Mais do que nunca, as ideias de Freire são amplamente necessárias!

Voltar ao índice



Paulo Freire

(1921-1997)

DEPOIMENTO

TRAJETÓRIAS FREIRIANAS NA CONSTRUÇÃO DE UMA PEDAGOGIA CRÍTICA

MARIA AMÉLIA DO ROSÁRIO SANTORO FRANCO



Tive dois encontros marcantes com Paulo Freire: um encontro que chamo de epifania epistemológica e outro que denomino entrelaçamento de afetos. Entre esses encontros e para além deles houve contínuos diálogos, por mais de cinquenta anos, por meio dos quais me constituí como pedagoga crítica, entrelaçada pelos fios e veias da teoria e da práxis freiriana.

Esses dois momentos não são apenas passagens de vida: são processos de formação existencial e intelectual, movimentos de uma travessia que vai do espanto à esperança. O primeiro encontro me revelou o Brasil e suas contradições; o segundo confirmou, na presença viva do mestre, a coerência entre ética, amorosidade e docência.

Entre eles, construí minha própria concepção de Pedagogia crítica: um estatuto científico que, inspirado na radicalidade de Freire, compreende que ou a Pedagogia é crítica, ou não é Pedagogia e será apenas uma técnica de domesticação, um instrumento de manutenção da or-

dem.

Este texto é, portanto, reminiscência e reflexão. É o testemunho de uma formação tecida pela presença viva de Paulo Freire e pela busca permanente dos fundamentos epistemológicos de uma Pedagogia outra; uma pedagogia que reafirme sua natureza científica, crítica e emancipatória, voltada à denúncia das desigualdades sociais e à construção de práticas educativas transformadoras, capazes de anunciar e reinventar uma sociedade mais justa e democrática.

A EPIFANIA EPISTEMOLÓGICA

Em 1968, aos vinte anos, eu cursava Pedagogia na PUC de Campinas. Foi ali que vivi o que chamo de epifania epistemológica: o momento em que compreendi um novo Brasil: um Brasil injusto, desigual, excludente. Diante das altas taxas de analfabetismo e da pobreza que atravessava o país, fui também tomada pela descoberta daquilo que denominei ética dos privilegiados: uma atitude crítica e sensível de resistência dentro da própria elite, que buscava olhar de frente as desigualdades e re-

conhecer nelas a urgência da transformação.

Naquele tempo, compreendi que não era apenas a escola que produzia exclusão; era a sociedade que, sustentada por uma ideologia de privilégios, fazia da escola o espelho de suas contradições. A escola reverberava essa lógica, mascarando a ilusão de que era espaço para todos. Na prática, era seletiva e essa seleção se materializava nos currículos, nos saberes proclamados como universais e únicos, no desprezo pelos conhecimentos da classe popular.

Sob o silêncio imposto pela ditadura, encontrei refúgio nos espaços da Igreja Católica onde germinavam as práticas e estudos com base política na Teologia da Libertação. Foi ali que descobri, quase em segredo, Paulo Freire. Educação como prática da liberdade me chegou como revelação: a certeza de que educar é um ato político e amoroso, e que a palavra só se faz libertadora quando nasce do diálogo com os oprimidos.

Foram momentos de espantos e descobertas. Tudo nasceu de uma tríade explosiva.

Primeiro, descobri o Brasil, aquele que não aparecia nos livros da escola nem nas falas oficiais. Ao ingressar na Universidade, encontrei-me diante de dois Brasis: o Brasil formal, que se queria moderno e civilizado, e o Brasil real, profundamente injusto,



desigual, ferido por uma exclusão histórica.

Depois, descobri o privilégio e com ele, a possibilidade de uma ética dos privilegiados: a consciência crítica de quem, pertencendo à elite, não se acomoda, mas se inquieta diante das desigualdades e se compromete com a denúncia das injustiças.

Por fim, descobri a doutrina social da Igreja, que clamava por justiça aos desamparados. Essa descoberta me abalou profundamente. A princípio, entristeceu-me: como conciliar fé e indignação? Como viver numa sociedade que se dizia cristã e, ao mesmo tempo, legitimava a miséria?

Esses três choques: o Brasil, o privilégio e a fé comprometida abriram fissuras na minha forma de ver o mundo. Eu via, com olhos assustados, a distância entre o país que se proclamava igualitário e a realidade excludente que

Naquele tempo, compreendi que não era apenas a escola que produzia exclusão; era a sociedade que, sustentada por uma ideologia de privilégios, fazia da escola o espelho de suas contradições.

Pouco depois, Pedagogia do oprimido emergia como um farol. Freire escrevia desde o exílio, mas sua voz ecoava como denúncia e esperança diante de um país que se negava e se recusa ainda a renunciar a seus privilégios.

nos cercava. E, tomada por perplexidade, perguntava a mim mesma:

A PEDAGOGIA COMEÇA NA SALA DE AULA OU NÓ MUNDO?

Foi Paulo Freire quem me tirou dessa perplexidade. Em Educação como prática da liberdade, encontrei a lucidez necessária para compreender o que até então era apenas espanto. Freire afirmava com coragem: “a escola, como funciona, exclui e afasta a classe popular.” Compreendi que a escola, tal como funcionava, servia de instrumento para a manutenção de uma sociedade que desprezava os “esfarrapados da vida”.

Essa nova compreensão me fez perceber qual deveria ser a função social da Pedagogia. Comecei a compreender de outra forma o que eu via nas escolas das periferias: crianças que não reclamavam, pois se acreditavam incapazes, crianças famintas; crianças descalças e, que logo abandonavam a escola. A exclusão não era apenas material; era simbólica, cultural e afetiva. A escola não apenas negava o saber popular, mas o desqualificava.

Movida pela inquietação que as letras de Freire me provocavam, comecei a conversar com as crianças, a escutar suas histórias, seus modos de pensar e de nomear o mundo. Nesses diálogos, fui descobrindo o rico universo cultural delas, muitos

saberes outros, tecidos por outras experiências de vida.

Com debates, indignações e novas leituras, compreendi que a ética dos privilegiados não é um olhar de compaixão, mas um modo de agir diferente. É o gesto de reconhecer o outro como sujeito de conhecimento. Mais tarde, aprendi que essa ética se traduz em estabelecer uma nova relação com o saber (Bernard Charlot).

Pouco depois, *Pedagogia do oprimido* emergia como um farol. Freire escrevia desde o exílio, mas sua voz ecoava como denúncia e esperança diante de um país que se negava e se recusa ainda a renunciar a seus privilégios. A pedagogia que ele propunha não era apenas um método, mas uma ética libertadora, um convite para refazer o mundo a partir dos oprimidos.

Perceber a escola castradora e compreender Freire me deram a exata dimensão do quefazer do pedagogo. Ele não foi feito para repetir lições, nem para reproduzir o sistema, mas para identificar os obstáculos que impedem os desprivilegiados de perceber seu lugar social e a força deste lugar.

Em uma sociedade marcada por tamanha desigualdade social, compreendi que a Pedagogia só pode estar com e para os menos privilegiados. Foi assim que fui construindo

do minha concepção de Pedagogia: a Pedagogia como uma práxis radicalmente política.

Na década de 1980, ao ler *Mistificação pedagógica*, de Bernard Charlot, essa compreensão ganhou nova clareza: “*Uma pedagogia que não questiona o poder é mera ideologia e uma forma refinada de opressão*”.

Assim, a epifania epistemológica se completava: compreender Freire foi compreender o próprio sentido político da Pedagogia; não como técnica e métodos de ensinar, mas como ato de libertar, formar, emancipar, o sujeito e a sociedade que mutuamente se constroem.

ENTRE OS ENCONTROS: A CONSTRUÇÃO DE UMA PEDAGOGIA CRÍTICA

Entre a epifania epistemológica e o entrelaçamento de afetos, há um longo percurso de estudo, docência e militância intelectual. Foram anos em que busquei compreender, teoricamente e politicamente, o lugar da Pedagogia no campo das ciências humanas.

A leitura de Paulo Freire não apenas me formou como educadora, mas me instigou a buscar os fundamentos epistemológicos da Pedagogia para compreender que tipo de ciência ela é e/ou deveria ser, e o que a distingue de ser uma ciência colonizada por outras ciências ou uma mera tecno-



Maria Amélia Santoro Franco e Paulo Freire juntos durante o VI Simpósio de Educação Mackenzie, em 10 de abril de 1997, na última conferência de Freire. Fonte: Acervo Educador Paulo Freire (1997)

logia de aplicação de teorias alheias.

Com essa inquietação, organizei grupos de estudo, de pesquisas produzi artigos e livros; construí práticas participativas; criei a pesquisa-ação pedagógica como método compatível à pedagogia crítica e procurei sistematizar uma concepção crítica da Pedagogia, entendendo-a como ciência da prática educativa e, portanto, inseparável da dimensão ética, política e histórica da práxis docente.

Sempre imbuída da radicalidade de Freire, escrevi e reafirmo:

Ou a Pedagogia é crítica ou não é Pedagogia!

Entre a epifania epistemológica e o entrelaçamento de afetos, há um longo percurso de estudo, docência e militância intelectual.

MARIA AMÉLIA DO ROSÁRIO SANTORO FRANCO

Pós-doutora em Pedagogia; Doutora em Educação; Mestre em Psicologia da Educação. Especialista em Psicologia da Educação. Professora Titular e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Santos. Líder do grupo de pesquisa Pedagogia Crítica: Práticas e Formação, da Universidade Católica de Santos e Vice Coordenadora da Cátedra Paulo Freire na mesma instituição. Diretora de escola pública estadual Coordenadora de Publicação da área de Educação (Saberes Pedagógicos) da Editora Cortez. Membro da Editoria Executiva e do Corpo Editorial da Editora Leopoldianum. Editora-chefe da revista Pesquis@educa. Tem experiência na área de Pesquisa Educacional, com ênfase na pesquisa-ação pedagógica e pesquisa crítica da epistemologia da Pedagogia, com destaque para a epistemologia das práticas pedagógicas.

É parecerista, revisora e avaliadora de projetos, atuando em colaboração com diversos periódicos e instituições, tais como: INEP, CAPES e CNPq. Consultora em projetos de Pesquisa-Ação voltados à formação docente e educação popular. Suas pesquisas estão inseridas nos seguintes temas: Pedagogias Críticas/pedagogias emancipatórias; Pesquisa-Ação, Práticas Pedagógicas, Formação de Professores e Didática Crítica.

Publicou mais de 80 artigos em periódicos e cerca de 12 livros, dentre os quais: Pedagogia como Ciência da Educação; Pedagogia e Prática docente e coorganizadora de Pedagogias emergentes: princípios e práticas, pela editora Cortez.

Quando a Pedagogia renuncia à crítica, converte-se em técnica, em instrumento de reprodução, em tecnologia de opressão e domesticação. Perde seu caráter emancipador e sua razão de existir.

Foi à luz dessa convicção que trilhei meu caminho acadêmico, buscando construir uma Pedagogia que se afirmasse como ciência autônoma e crítica: uma Pedagogia comprometida com a transformação da sociedade e com a emancipação dos sujeitos históricos.

Essa travessia entre o primeiro e o segundo encontro com Freire é, na verdade, a travessia de uma vida inteira: da perplexidade à consciência, da indignação à ação, do espanto à esperança.

O ENTRELAÇAMENTO DE AFETOS

Muitos anos se passaram desde aquela epifania de juventude. Eu já era professora universitária, e ao assumir a direção da Faculdade de Educação da Universidade Presbiteriana Mackenzie, a primeira decisão que tomei foi marcar, de modo simbólico e político, a orientação da minha gestão: ela seria guiada pelo pensamento crítico e libertador de Paulo Freire.

Desejava que o início dessa gestão fosse um gesto de afirmação e de esperança: que Freire viesse à universidade para uma conferência pública, que não fosse apenas um evento acadêmico, mas uma celebração da docência críti-

ca, da ética e da amorosidade.

Com a colaboração de uma amiga Helena, ex-freira e ex-aluna que mantinha proximidade com ele, consegui marcar um encontro com Freire e convidá-lo à palestra. Freire aceitou prontamente:

— *Quero ir ao Mackenzie. Da última vez que estive lá, em 1964, não me deixaram entrar. Fui recebido à porta com metralhadoras.*

Sua decisão tinha a força dos gestos que reconciliam a história. Voltar ao Mackenzie, agora como convidado de honra da Faculdade de Educação, era um ato profundamente político, um retorno simbólico, carregado de significado. O espaço que antes o negara abria-se, décadas depois, para escutá-lo e acolhê-lo.

Quinze dias antes do evento, fui à sua casa, no bairro do Sumaré, em São Paulo. Era uma tarde tranquila. A residência de Freire era o retrato fiel de sua pessoa: simples, acolhedora, repleta de livros, de lembranças e de ternura. Fui recebida com afeto e uma escuta generosa. Conversamos longamente sobre o país, sobre a formação de professores e sobre o desencanto que ameaçava a educação.

Foi nessa conversa que ele escolheu o tema de sua fala no Mackenzie: “*Ética na docência*”. Recordo-me de suas palavras firmes e mansas: Minha filha, não há docência sem decência.

Contou-me que o livro que estava lançando, *Pedagogia da autonomia*, estava pronto, e seria lançado no mesmo dia, 10 de abril de 1997, na PUC-SP. A coincidência de datas transformou a conferência no Mackenzie em um marco: era como se Freire oferecesse, em primeira mão, suas últimas palavras públicas sobre a educação.

Quando chegou ao Mackenzie naquela manhã, Freire não conseguiu andar até o auditório. Estava profundamente emocionado. Parou diante dos jardins e, com os olhos marejados, disse:

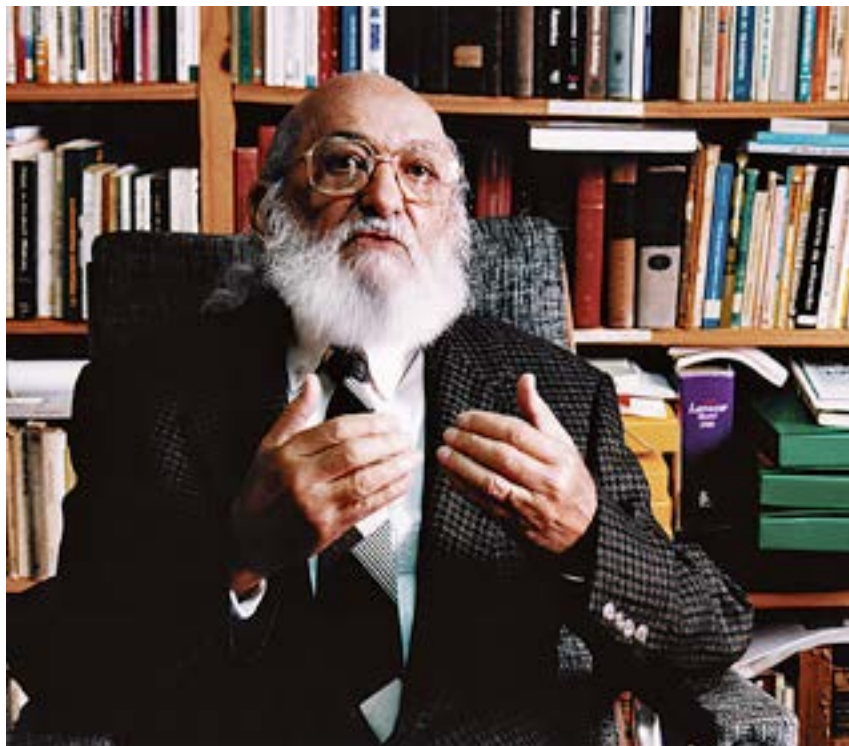
— *Pensar que eu poderia morrer sem conhecer esses belos jardins do Mackenzie...*

A cena permanece viva em minha memória. Diante de sua dificuldade para caminhar, pedi ao jardineiro que trouxesse o pequeno carrinho de golfe usado na manutenção do campus. Acomodei Freire no banco e, enquanto o conduzia lentamente pelos caminhos arborizados, ele sorriu e comentou, com aquele humor terno que o caracterizava:

— *Minha cabeça está boa, mas minhas pernas estão fracas.*

Quando finalmente chegou ao auditório, foi recebido por uma plateia em silêncio reverente. Professores, reitoria, estudantes e funcionários se levantaram para aplaudir. Freire olhou o público com doçura e iniciou sua fala sem formalidades.

Falou da ética como fundamento da docência, da necessidade de coragem e esperança para ensinar, da amorosidade



como base do ato pedagógico. Repetia com ênfase:

“Ensinar exige alegria, esperança e decência. O professor que não acredita na capacidade do aluno trai a própria educação”.

Não era uma conferência comum. Era um encontro entre a história e a utopia. O espaço que antes o havia negado agora o reverenciava, e a universidade, naquele instante, parecia reconciliar-se com a liberdade de pensar.

Ao final me disse comovido: *“Foi bom ter vindo! Voltar aqui foi necessário. O medo e o silêncio não podem ser a última palavra”.*

Fiquei profundamente tocada. Aquele reencontro mediado pela amizade, selado pela conferência e coroado pela ternura foi o verdadeiro entrelaçamento de afetos: o instante em que o pensamento se faz corpo, o corpo se faz palavra, e a palavra se faz esperança.

Ao final me disse comovido: “Foi bom ter vindo! Voltar aqui foi necessário. O medo e o silêncio não podem ser a última palavra”.

Poucos dias depois, Paulo Freire nos deixaria. Pedagogia da autonomia seria sua despedida amorosa e sua última lição.

Poucos dias depois, Paulo Freire nos deixaria. *Pedagogia da autonomia* seria sua despedida amorosa e sua última lição. Para mim, aquele dia 10 de abril de 1997 tornou-se um marco pessoal e histórico: o momento em que a vida me concedeu o privilégio de conduzir, pelas alamedas do Mackenzie, um dos maiores educadores do mundo e de aprender, mais uma vez, que a pedagogia só é viva quando é amorosa, e que a ética é a alma da docência.

DO ESPANTO À ESPERANÇA

Entre o espanto inicial e a ternura do reencontro, delineou-se minha travessia como educadora e pesquisadora. De Paulo Freire, recebi não apenas o estímulo intelectual, mas o convite ético para viver a educação como compromisso político e amoroso com o mundo.

A epifania epistemológica me despertou para a realidade social e me ensinou a ler o Brasil em suas contradições. A construção da Pedagogia crítica me levou a compreender que o ato de educar não é neutro, mas carregado de escolhas políticas e valores. E o entrelaçamento de afetos me mostrou que pensar criticamente não é fundamentalmente acolhida e solidariedade e que toda pedagogia que se quer emancipadora precisa nascer dos afetos partilhados e de novas e contínuas utopias.

Hoje entendo que esses dois encontros com Paulo Freire foram mais do que episódios:

foram processos de formação existencial e epistemológica. O primeiro encontro revelou-me a necessidade de pensar criticamente; o segundo confirmou a urgência de viver coerentemente o que se pensa.

Em cada dia de minha vida como pedagoga, Freire esteve presente, quer nas leituras, nas conversas, nas inquietações e, sobretudo, na ética de minha práxis. Ele me ensinou que a educação é sempre um ato político, e que a Pedagogia, se quiser permanecer fiel a si mesma, deve afirmar-se como ciência crítica da prática educativa.

Apreendi com ele que esperar não é esperar, mas agir; não é acreditar ingenuamente, mas lutar amorosamente. Por isso, cada gesto docente, cada pesquisa, cada texto e cada formação que realizei desde então traz, ainda que silenciosamente, a marca de Freire, a marca de quem acreditou no poder transformador da palavra, do diálogo e da amorosidade.

Paulo Freire partiu poucos dias depois, mas sua presença nunca nos deixou. Permanece como horizonte e compromisso: o de fazer da Pedagogia um ato de coragem e resistência, e de insistência em manter viva a esperança crítica que move o sonho de um Brasil mais justo e mais humano.

[Voltar ao índice](#)

DEPOIMENTO

PAULO FREIRE DURANTE SEU EXÍLIO NO CHILE

L. MARCELA GAJARDO J.

FLACSO-CHILE

George C. Stoney (1916-2012), cineasta e professor americano, viajou ao Chile para registrar a experiência de Paulo Freire no exílio e expandir debates iniciados em Recife. Apesar de não finalizar o documentário, seu filme capturou episódios importantes do trabalho de Freire no Chile (1964-1969) e entrevistas com profissionais ligados aos projetos do ICIRA, o Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agraria¹. Nesse tempo Paulo não tinha barba. Sua barba cresceu depois de sua partida do Chile.

Embora técnica e politicamente consistente, há rumores que, durante a apresentação do documentário no Institute for Latin American Studies da UCLA, um conhecido interrompeu a sessão alegando que aquele não era o verdadeiro Paulo Freire, mas sim uma criação dos neoliberais chilenos. Stoney

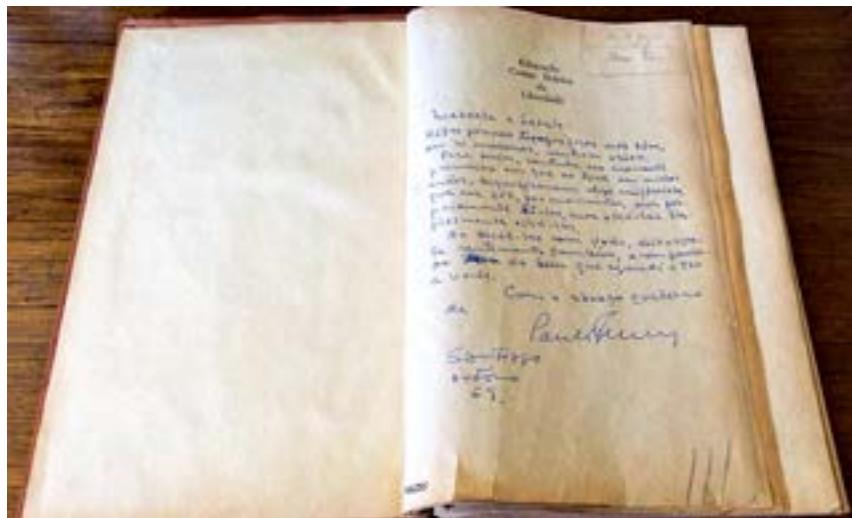
ficou desconcertado, principalmente ao ver seus críticos substituírem seu vídeo por outro em que Paulo aparecia com a longa barba branca de profeta nordestino. “Este é o verdadeiro Paulo Freire”, teriam dito. O vídeo foi exibido para Stoney, que queria apenas destacar o trabalho de Freire com os chilenos. O filme foi recuperado por pesquisadores interessados na história da origem e evolução das ideias políticas e a obra pedagógica de Paulo Freire².

Daqueles tempos, ainda tenho vários presentes que Paulo Freire me ofereceu ao partir, primeiro para Harvard como professor visitante, e depois, para Genebra como especialista em educação do Conselho Mundial de Igrejas. Entre esses presentes estão as provas tipográficas da primeira edição de “*A Educação como Prática da Liberdade*”, além da mesa e as estantes do pequeno escritório de Paulo em Santiago, onde morou após



1. George C. Stoney. 2002. Paulo Freire's Experience in Chile 9/64 -2/69 as remembered by some who collaborated with him. www.youtube.com/educacionydesarrollo

2. Gajardo, M. 2019. PAULO FREIRE. Crónica de sus años en Chile. EBook. Flacso-Chile. www.academia.edu



Nota: Provas tipográficas de Educação como Prática de Liberdade, publicado pela Paz e Terra Editores, Brasil, 1967. Presente de despedida dedicado por Paulo Freire a Marcela Gajardo por ocasião de sua partida para Harvard no outono de 1969.

Freire era simples, acolhedor, mantinha laços profundos com colegas e valorizava a cultura nordestina mesmo morando no Chile e na Suíça.

ser expulso do Brasil. Sobre essa mesa, revisou as provas de "A Educação como Prática da Liberdade" (1965) e escreveu a versão final de "Pedagogia do Oprimido" (1968), seu livro mais famoso. Além de diversos materiais voltados para capacitar camponeses, formar educadores, debater a alfabetização e a educação de adultos como ferramentas cidadãs, bem como formular críticas à escola tradicional. Mais tarde, várias dessas obras foram publicadas e traduzidas para diferentes idiomas, como "¿Extensión o Comunicación?" (1968) e "Sobre la Acción Cultural" (1969), coletânea de textos preparados por Paulo Freire que ele me pediu para organizar, editar e introduzir no âmbito das minhas responsabilidades como uma das assistentes de pesquisa no ICIRA.

Os anos sessenta marcaram

a fase de Paulo Freire sem barba, num cenário de Revolução em Liberdade no Chile, direitos civis nos EUA, democracia social europeia, Guerra Fria, e as Revoluções cubana, chinesa e das Flores na França³. Foi nesse contexto que me aproximei não só de Paulo, mas também de muitos brasileiros exilados entre 1964 e 1973.

Conheci Paulo Freire no início de 1966, quando ainda estudava Educação na Universidade Católica do Chile. Participei de oficinas para alfabetizadores e professores ligados à Campanha Nacional de Alfabetização de Adultos, lançada em 1965 durante o governo de Eduardo Frei Montalva. Assisti a palestras de Freire no Ministério da Educação, discutindo o "Método Paulo Freire" e sua adaptação ao Chile. Mais tarde, integrei a equipe do Instituto de Pesquisa, Treinamento e Reforma Agrária (ICIRA), colaborando na produção de materiais de formação e pesquisa cultural junto aos camponeses assentados num prédio da reforma agrária. Minha amizade com Freire seguiu após sua saída do Chile, especialmente durante minha pós-graduação na Inglaterra (1970-72), quando o acompanhei em conferências internacionais, como a de Bergen na Holanda⁴ organizada pelo Conselho Mundial de Igrejas e atividades educativas

3. Aqui, a autora utiliza a expressão "Revolução das Flores" como metáfora para os eventos que ocorreram em maio de 1968 na França.

4. Seeing Education Whole" (1971), convocado pelo Conselho Mundial de Igrejas e realizado em Bergen Am See, Países Baixos.

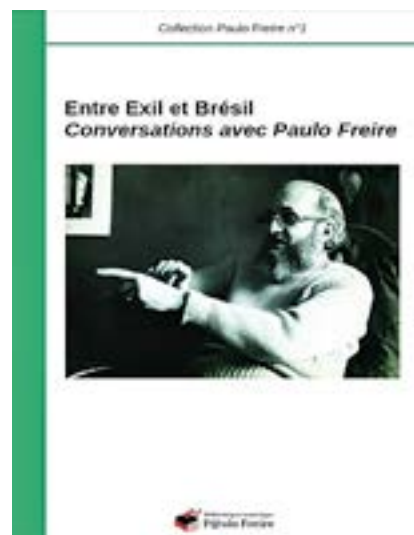
promovidas pelo INODEP e IDAC, em Paris e Genebra, respectivamente.

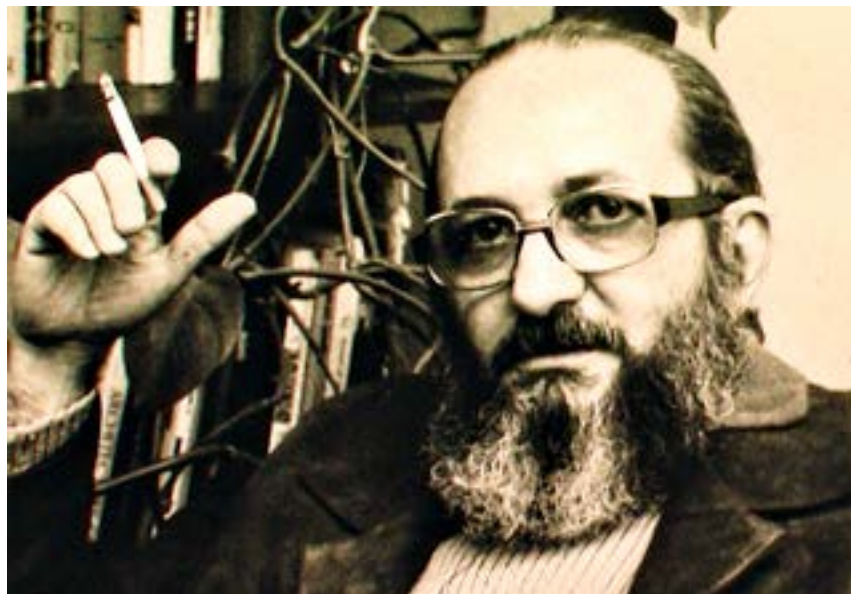
Freire era simples, acolhedor, mantinha laços profundos com colegas e valorizava a cultura nordestina mesmo morando no Chile e na Suíça. As viagens à África aliviaram em parte a saudade do Brasil e inspiraram o livro “Cartas a Guiné-Bissau” (1977), onde o autor reflete sobre educação entre África e Europa, buscando preservar memórias do Nordeste brasileiro. No Chile, trabalhando no ICIRA, ouvi-o várias vezes relembrar com nostalgia o vendedor de doces de banana e goiaba típico de Recife ou comentar sua saudade dos professores, artistas, acadêmicos e intelectuais parceiros nas ações educacionais em Pernambuco. Entre eles, destacam-se Francisco Brennand, artista plástico, e Ariano Suassuna, dramaturgo e pintor. Tive contato com as cerâmicas de Brennand e pude visitar Ariano Suassuna ao ser convidada para trabalhar na Secretaria Estadual de Educação e Cultura de Pernambuco em 1978. No tempo livre, costumava andar pela cidade, observando o rio e o mar que atravessam Recife, buscando compreender o sentimento de um exilado como Freire no Chile, tão distante de sua terra natal.

Grande parte da obra “Educação como Prática da Liberdade” e “Pedagogia do Oprimido” foi concebida no Chile, um período pelo qual Freire

tinha grande afeição. Ali, ele desenvolveu o conceito de ação cultural e ampliou sua abordagem da alfabetização para campos como a educação escolar, desenvolvimento comunitário e pesquisa. Esses métodos inspiraram campanhas educativas na América Latina, valorizando os saberes dos adultos sem escolaridade e a pesquisa temática nos conteúdos. Com o tempo, suas propostas foram difundidas no Peru e Colômbia por organizações que adaptaram seus princípios aos próprios contextos. A Igreja Católica, após a Conferência de Medellín, também adotou parte de suas metodologias inovadoras. Freire defendia processos pedagógicos participativos, nos quais educadores e educandos construía conhecimento juntos, promovendo novas práticas educativas e à adequação de seu método em diferentes contextos políticos e sociais.

Durante seu exílio, Paulo Freire atuou como intelectual da esquerda católica, abordando questões políticas com camponeses e organizações na América Latina. No Chile, seu contato com líderes brasileiros exilados, como Paulo de Tarso Santos, ex-ministro da Educação, Almino Afonso, ex-ministro do Trabalho, Plínio Sampaio, político y acadêmico afiliado ao FAO e Fernando Henrique Cardoso, sociólogo, político e acadêmico no Chile funcionário da CEPAL, viabilizou, sua participação em iniciativas como o ICIRA. O programa,





Em sua obra autobiográfica *"Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido"*, publicada em 1992, Freire relata que sua passagem pelo ICIRA foi um dos períodos mais produtivos de seu exílio...

parceria da ONU com o governo chileno, apoiou a reforma agrária por meio de pesquisa, capacitação técnica e treinamentos para pequenos agricultores e, na década de 1960, reuniu profissionais chilenos e especialistas internacionais contratados por agências da ONU como FAO, UNESCO e OIT.

Nessa instituição, Freire reencontrou diversos compatriotas no exílio e convidou o analista político Francisco Weffort e o poeta Thiago de Mello, ex-adiado cultural do Brasil no Chile, para redigir o prólogo de *"A Educação como Prática da Liberdade"*. Posteriormente, solicitou que Ernani Maria Fiori escrevesse o prólogo de *"Pedagogia do Oprimido"*, reconhecendo a autoria do

termo "conscientização" a Álvaro Vieira Pinto e outros filósofos do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). O manuscrito de *"Pedagogia do Oprimido"* serviu de base para a tradução inglesa revisada pelo próprio Freire em Harvard. Simultaneamente, foi traduzido ao espanhol e publicado pela Editora Tierra Nueva, do Uruguai, após revisão da equipe de Freire no ICIRA, em 1970.

Em sua obra autobiográfica *"Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido"*, publicada em 1992, Freire relata que sua passagem pelo ICIRA foi um dos períodos mais produtivos de seu exílio, atribuindo esse fato ao ambiente intelectual proporcionado pela instituição e à possibilidade de reencontrar colegas de sua geração, entre muitos brasileiros que ali trabalhavam. Dessa colaboração coletiva resultaram duas publicações que, apesar de relevantes, tornaram-se pouco conhecidas no Chile e internacionalmen

A primeira foi a coletânea de ensaios organizada por Freire, publicada inicialmente pelo ICIRA em 1969 e reeditada em 1970 e 1972 sob o título *"Sobre la Acción Cultural"*⁵. Dez anos depois foi re-

5. "Três módulos temáticos em *Sobre la Acción Cultural* serviram para organizar essas ideias. O primeiro módulo, com o título "A educação como uma dimensão da Ação Cultural" (p. 19-51) incluiu "A concepção bancária e a concepção problematizadora da educação", "A alfabetização de adultos", "A prática do método psicossocial", "Os camponeses também podem ser autores de seus próprios textos de leitura". Um segundo módulo, organizado sob o título "O movimento dialético da ação cultural" (p. 52-79) incluiu os textos "Pesquisa da Temática Geradora" (p. 51-66), "A propósito do tema gerador e do Universo temático" (p. 66-77). Um terceiro módulo, "Ação Cultural e Mudança" (p. 79-110) incluiu os textos mais diretamente relacionados com práticas educacionais realizadas com o processo chileno da reforma agrária: "Ação Cultural e Reforma Agrária" (p. 79-88); "O Papel do Trabalhador Social no Processo de Mudança" (p. 88-101); "O Compromisso do Profissional com a Sociedade" (p. 102-106). www.academia.edu "

visada e publicada no Brasil como Ação Cultural para a Liberdade⁶. Originalmente, esses textos serviram como material didático para treinamento de profissionais e assistência técnica no Chile, Colômbia, Peru, entre outros lugares, sendo usados para capacitar especialistas em planejamento local e métodos de educação rural interessados em aplicar a conscientização e a pesquisa temática em seus países. Um período que marcou a preparação de relatórios e artigos que refletiam as transformações sociais em sua abordagem teórica, interrompida depois por questões políticas, levando analistas a chamarem esse momento de *"agenda não concluída da conscientização"*.

A segunda publicação foi organizada por María Edy Ferreira e José Luis Fiori, divulgada com o título *"Investigación de la Temática Cultural de los Campesinos de El Recurso"*, um relatório preliminar onde se registram as diferentes etapas do estudo, os antecedentes históricos do assentamento, o registro das observações iniciais na comunidade e os antecedentes que serviram de base para a construção de códigos e gráficos utilizados nos círculos de pesquisa e cultura com os camponeses beneficiários

da reforma agrária e pequenos proprietários. Paulo abordou as etapas desta pesquisa nos textos *"Investigación de la Temática Generadora"* e *"A propósito del tema generador y el universo temático"* (1968), presentes no capítulo dois de *"Pedagogia do Oprimido"* e na coletânea *"Sobre la Acción Cultural"*. Há também outros materiais inéditos e dispersos, que não foram reunidos em uma única obra⁷.

José Luis Fiori, em 2021, no centenário do natalício de Freire, lembrou sua participação na pesquisa sobre o universo dos camponeses chilenos, realizada na mesma época em que Freire escrevia *Pedagogia do Oprimido* e tinha por hábito discutir os capítulos com sua equipe de pesquisa e com outros colegas do próprio ICIRA. Em 1973, seu texto foi publicado num livro em Bilbao, Espanha, ao lado de dois artigos de P. Freire e Ernani Maria Fiori. Ao revisitar o texto após 54 anos, Fiori decidiu traduzir parte dele, não pelo valor próprio, mas como registro histórico útil aos estudos sobre Freire e como uma forma de lembrar e homenagear Paulo, como um mestre inesquecível, um humanista, e um amigo de toda vida, apesar das distâncias geográficas e a despeito da diferença

...em 2021, no centenário do natalício de Freire, lembrou sua participação na pesquisa sobre o universo dos camponeses chilenos...

6. Freire, P., 1979. Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos. Ed. Paz e Terra, São Paulo, Brasil

7. Ferreira M.E. e Fiori, J.L. 1971. Investigación de la Temática Cultural de los campesinos de El Recurso. ICIRA. Santiago, Chile

L. MARCELA GAJARDO J.

é socióloga da educação. Formou-se pela Faculdade de Educação da Universidade Católica do Chile e possui mestrado em sociologia pela Universidade de Essex, Inglaterra. Co-fundadora e ex-diretora do Programa de Promoção da Reforma Educativa na América Latina (PREAL) (1995-2014), atuou como consultora sênior da UNESCO e da OEA, IDRC e IICA no Brasil. Pesquisadora visitante na Universidade de Harvard (2015-2016), foi membro e presidente do Conselho Consultivo do Global Monitoring Report (GEM), sediado na UNESCO, Paris (2001-2011) e consultora especializada do Instituto Nacional de Avaliação Educacional (INEE) no México (2014-2019). Entre 1990 e 1995, foi Diretora de Planejamento e Estudos da Agência Chilena de Cooperação (AGCI, 1990-1995) e é autora de diversos artigos e livros sobre educação e desenvolvimento. Atualmente, trabalha sob os auspícios institucionais da FLACSO-Chile.

geracionais. Nesse escrito ressalta a influência duradoura de Paulo Freire em sua vida, especialmente o otimismo perene do educador, e a uma lição que ele deu quando se conheceram: *“nunca tenha medo de suas próprias ideias, mesmo quando elas mudem através do tempo”*⁸.

No final de 1968, o governo do Chile decidiu não renovar o contrato de consultoria internacional que Freire mantinha com a UNESCO, sob a acusação de provocar, num contexto político cada vez mais radicalizado, a politização de alguns grupos sociais, especialmente de organizações camponesas e redes urbano-marginais. Ao se ver na situação de escolher entre ficar no Chile ou deixar o país, ele decidiu aceitar uma posição como professor visitante na Universidade de Harvard. O convite, feito pelo Center for Studies in Development and Social Change, era para trabalhar e colocar em debate a teoria da ação cultural apresentada em *Pedagogia do Oprimido*, livro que nessa época já circulava dentro e fora dos Estados Unidos. Freire trabalhou como acadêmico em Harvard por um período de dez meses, a partir do final de abril de 1969. Ele ofe-

receu várias conferências e publicou dois textos em inglês que serviram de base para extrapolar sua teoria do método da conscientização aos processos de transformação cultural e a outros campos disciplinares, especialmente os do mundo da teologia e da política⁹.

No início de 1970, ele deixou os Estados Unidos e se mudou para a Europa como especialista em educação do Conselho Mundial de Igrejas, com sede em Genebra, onde permaneceu até o final de 1979. Na qualidade de consultor, ele assessorou organizações e grupos ecumênicos e presidiu várias associações internacionais dedicadas a promover transformações sociais e culturais nos mais diversos contextos. Em 1979, alguns desses textos e outros ensaios preparados para conferências e seminários nos Estados Unidos e na Europa foram revisados e editados pelo autor sob o título de *“Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos”* (1979). A partir de então, Freire dedicou suas atividades para a Europa, por um lado, e para a África, por outro. Ele trabalhou apoiando os governos da Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Moçambique,

8. Fiori, J. L. “Dialéctica y Libertad, recordando Paulo Freire. Blog setembro 2021 e *Dialectica y Libertad*. In: Freire, P.; Fiori, E. M.; Fiori, J. L. *Educación Liberadora*. Bilbao: Editora Zero S.A., 1973 19 de setembro de 2021 e Fiori, J. L. *Dialéctica y Libertad*. Dos dimensiones de la Investigación Temática. En *Cristianismo y Sociedad: una contribución al proceso de concientización en América Latina*. ISAL., 1968. Montevideo, Uruguay.

9. Gajardo, M. Ed. (2025) *The Making of Pedagogy of the Oppressed*. Brill

Santo Tomé e Príncipe, assessorando várias campanhas de alfabetização e desenvolvimento educacional nesses países. Retornou ao Chile em duas oportunidades: em 1972, para se reunir com educadores chilenos e debater sobre a orientação dos processos de transformação educacional e sobre as políticas de alfabetização e educação de adultos do governo da Unidade Popular; em 1991, para conhecer a opinião e a atitude do mundo cristão frente às mudanças sociais e políticas da época e trocar ideias com teólogos chilenos sobre a missão educacional das igrejas na América Latina.



[Voltar ao índice](#)

DEPOIMENTO

PAULO FREIRE

UM HOMEM SEM MEDO DE DIGNIFICAR A VIDA, DE AMAR AS PESSOAS E DE LUTAR PARA TRANSFORMAR O MUNDO

CESAR NUNES



O professor Cesar Nunes com Paulo Freire.

Não é fácil escrever sobre Paulo Freire hoje. Para ser até mesmo mais criterioso e honesto, é necessário constatar que não é fácil falar ou escrever sobre Paulo Freire em nenhuma época, seja pela grandeza de sua atuação no mundo, pela pluralidade de suas reflexões e de suas produções, pela densidade amorosa de sua personalidade e pela sua original visão de mundo, seja ainda por tantas alienações e inverdades, manipulações e desconstruções de má fé que foram feitas sobre sua pessoa e sobre seu pensamento, a respeito de sua ação no mundo, de sua produção teórica e prática, de seu ser.

UM PERSONAGEM-CHAVE

Paulo Freire tornou-se um símbolo, um personagem-chave na decifração dos movimentos e das transformações políticas e educacionais pelas quais o Brasil passou nos últimos cinquenta ou sessenta anos. Essa tarefa, nascida de um gentil convite de Bernard Charlot,

de registrar minha convivência com Paulo Freire, é um honroso convite para sempre reaproximar-me de sua pessoa e de seu legado, para o seu tempo, para a educação e para a cultura. Paulo Freire nasceu em 1921 e faleceu em 1997, construiu uma vida inteira num século de mudanças radicais e de transformações estruturais da história.

A dificuldade aumenta, quando se trata da nossa vontade de definir o perfil histórico, político e humano de Paulo Freire, como deixei claro, pela existência numerosa de tantas versões e de narrativas reducionistas e inverossímeis que foram construídas sobre o mestre Paulo Freire, sobretudo feitas pelos grupos conservadores e autoritários, a maioria deles sem ter a mínima noção de sua identidade e, menos ainda, de sua criteriosa, profunda, original e rica produção intelectual e cultural. Parece que estamos sempre tendo a necessidade de defender Paulo Freire, numa certa atitude apologética, o que muitas vezes acaba

caindo na análise parcial, no contra-argumento, na elucidação contextual, ainda que bem-intencionada, mas que permanece distante de uma visão de totalidade que pudesse dar conta da singular e universal figura desse educador e intelectual brasileiro de primeira grandeza.

A SINGULARIDADE DE SUA PERSONALIDADE

Vou declinar da leitura ampla, contextual e filosófica, de seu legado e de sua obra. Já há muitos estudos plenos e rigorosas pesquisas que se ocupam desse trabalho. Minha intenção será de demonstrar, numa atitude testemunhal, a singularidade de sua personalidade afável, acolhedora, atenciosa, humanista e bem-humorada, agradável e inspiradora, decorrente de minha alegria e honra de ter convivido com ele por alguns anos na década de 1980 e 1990, depois de seu retorno do exílio, na Universidade Estadual de Campinas, para onde Paulo Freire se dirigiu e atuou como professor entre os anos de 1981 e 1991. Também nos encontramos nas lutas políticas, nos movimentos educacionais e populares que conquistaram a redemocratização do Brasil, na superação da perversa ditadura civil-militar que o exilara, vivenciada entre 1964 e 1985. Nesse tempo eu cursava o Mestrado em Educação na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e nosso encontro, na universidade e nas lutas so-

ciais dessa década, foi desses acontecimentos que mudam o rumo da vida de todos os que buscam entender o mundo para nele atuar como agente de transformação e de produção de justiça social.

Não farei um ensaio acadêmico, buscarei aqui destacar alguns pontos referenciais, que considero importantes, para lançar algumas luzes ainda mais intensas sobre o já iluminado Paulo Freire. Meu desejo é que, ao final desse texto, minhas histórias e escritas tenham auxiliado a identificar o homem, a pessoa humana, como substância do educador, do intelectual e do agente político-social que ele foi.

Paulo Freire era um exímio contador de histórias. Suas aulas eram momentos de encantamento, de inspirações criativas, de demonstração patente de grandiosa e humilde erudição, sem esnobismos e sem quaisquer manifestações de pedantismo acadêmico ou estereis convencionalidades. Não somente nas suas aulas, momentos nos quais ele parecia transcender-se, mas igualmente no dia a dia, no estacionamento, nos corredores, na cantina, do jardim, sua presença era afetivamente marcada por uma alegria inefável. Poder ouvir suas conversas, no café da cantina, na banca de garapa e de água de coco, no restaurante, nos corredores ou nas salas da Faculdade de Educação, no prédio do Ciclo Básico da jovem universidade pau-

CESAR NUNES

66 anos, é licenciado em Filosofia, História e Pedagogia. Livre-docente em Educação, Professor Titular de Filosofia e Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP, Brasil, é Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas PAIDEIA e diretor do Instituto Nacional de Pesquisas e Promoção dos Direitos Humanos, Professor Colaborador da Universidade de Coimbra Portugal sobre Filosofia e Direitos Humanos. Orcid Id: <https://orcid.org/0000-0003-3548-9486>. Lattes <http://lattes.cnpq.br/8427731174220329> ID

Lattes: 8427731174220329 - E-mail: cnunes@unicamp.br

Não era comum alguém falar em “amor” na universidade, nas lutas sociais e nos enfrentamentos políticos daquele momento histórico

lista, a UNICAMP foi, indubitavelmente, um presente da vida e da história. Tenho muito orgulho dos diretores da Faculdade de Educação da UNICAMP, e faço questão de registrar aqui, o atencioso gesto dos Professores Doutores Antonio Muniz de Rezende e Pedro Laudinor Goergen, que firmaram os contratos iniciais e sequenciais para que Paulo Freire pudesse ser Docente na recém-criada Faculdade de Educação. Foi esse o primeiro momento mais denso e próximo de nosso encontro de vidas e de visões de mundo, e o marco inicial de nossa convivência afetiva.

CINCO SITUAÇÕES EXISTENCIAIS SINGULARES

Preparei este pequeno texto para registrar cinco momentos, cinco singulares situações existenciais, aparentemente comuns, de minha convivência com Paulo Freire, mas que revelam, - ousou interpretar hoje -, o tamanho da sua figura humana plena! A memória é uma das mais importantes dimensões de nossa vida, todos sabemos. Essa é uma convicção que vai tomando nossa existência com o passar dos anos, imantada pela maturidade, intelectual e afetiva, que vai se fortalecendo em nossos corações e em nossas mentes. Mas, a despeito dos que acreditam que a memória seja uma mera lembrança factual dos acontecimentos que vivenciamos, tenho buscado contrapor uma outra compreensão da memória: não é

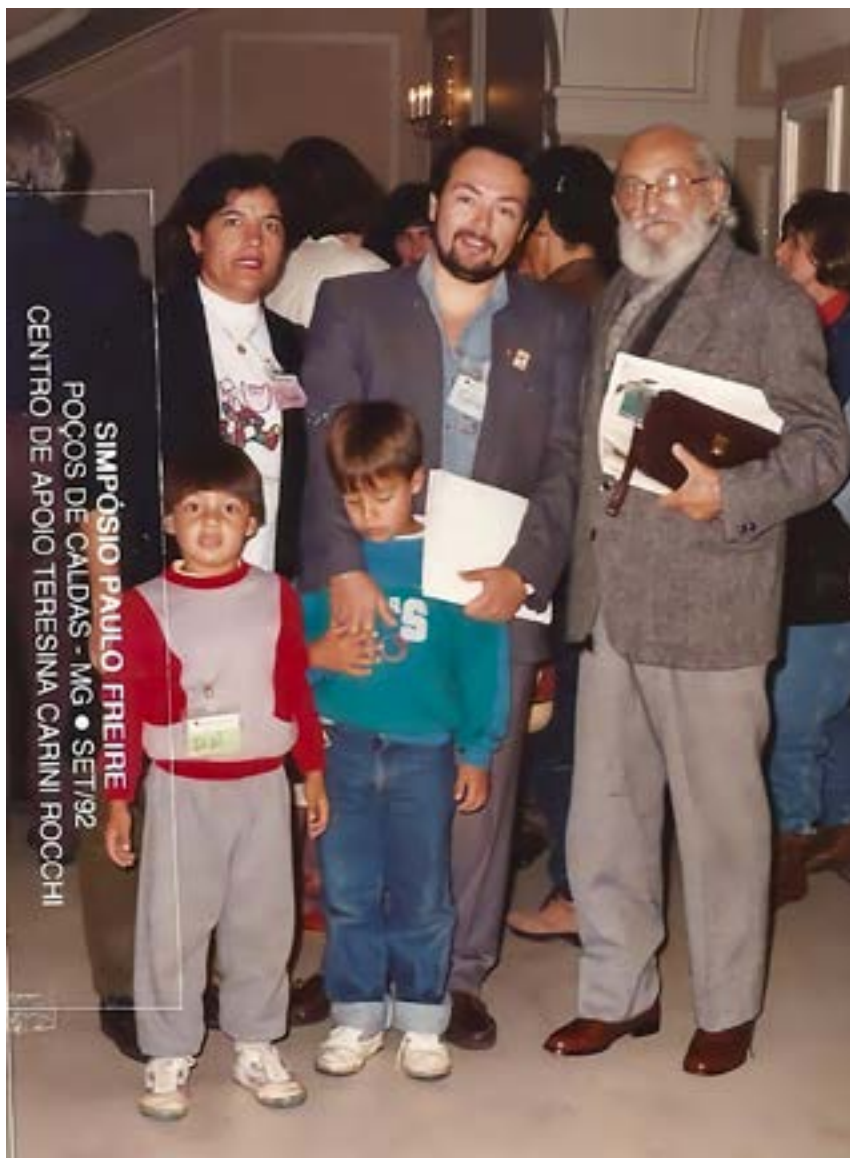
somente uma lembrança fria ou isenta de um acontecido, é muito mais que isso, é uma reconstrução interpretativa dos fatos e dos acontecimentos que vivemos, um exercício efetivo de hermenêutica existencial e social. Pois, ao relembrar os fatos, fazemo-lo com nossa cumulativa experiência de vida, ao escrever sobre esses fatos já sabemos os desdobramentos de muitas coisas que decorreram para além dos próprios fatos e dos acontecimentos, já compreendemos os percursos de todas as vidas, das pessoas e dos processos nos quais nossas lembranças nos situaram.

Como primeira aproximação interpretativa eu diria que Paulo Freire foi uma pessoa original, amorosa e sem medo, no sentido ontológico e político dessas expressões. Não se cansava de dizer que amava o mundo, que amava a vida e que amava as pessoas. Essas suas recorrentes afirmações calavam fundo no coração de uma jovem de 25 anos, apaixonado por Paulo Freire e por sua figura quase mítica, acalentada na resistência, na tarefa de “amar e mudar as coisas” como cantava outro grande artista nordestino, Belchior. Não era comum alguém falar em “amor” na universidade, nas lutas sociais e nos enfrentamentos políticos daquele momento histórico. As palavras que nos embalavam na formação dos movimentos populares de enfrentamento com a ditadura militar e com os grupos conservadores do país eram “libertação”,

“opressão”, “resistir, ocupar, produzir”, “enfrentar”. Paulo Freire nos resignificou a apropriação da palavra e do sentimento que reconhecemos como “amor”, no sentido de compreensão omnilateral da dignidade e da diversidade humana, como constructo axiológico de uma política e de uma cultura revolucionária.

Sua primeira locução, ao voltar do exílio, ainda no aeroporto de Campinas, onde todos nós o esperávamos, cheios de esperanças, já causava em mim um impacto sem medida. Cantávamos com Elis Regina, “(...) *que sonha com a volta do irmão do Henfil, de muita gente que saiu, num rabo de foguete*”, referindo-se à volta dos exilados após a aprovação da questionável anistia. Todos os demais exilados que acompanhávamos na volta para o Brasil, nesses inícios dos anos 1980, sempre repetiam o mesmo nexos argumentativo de que o Brasil estivera atrasado, com relação ao mundo, que eles, os que voltavam, eram portadores de atualização e de modernização do país.

Paulo Freire fez uma inversão profunda nesse argumento, ao subir numa cadeira e proclamar, a todos nós, que ali olhávamos para ele com olhos marejados de utopias: “*eu estou aqui para reaprender o Brasil!*” Essa declaração reboou em nós, estudantes, que repetíamos, em uníssono – “*Paulo Freire, Paulo Freire: liberdade e luta!*” A ditadura agonizante ainda perduraria



Fotos do acervo pessoal do Professor Cesar Nunes com o Professor Paulo Freire, bem como com sua família

por mais meia década, mas já não estávamos sós, a figura de Paulo Freire nos acolhia e encorajava-nos a tomar nossa história nas mãos. Essa lembrança remexe em mim as lutas e esperanças que carregávamos juntos.

Outra passagem cheia de ensinamentos, da qual não me esqueço jamais, deu-se na biblioteca da Faculdade de Educação, ainda improvisada, no prédio do Ciclo Básico da UNICAMP. Eu

...creio mesmo que fiz o substrato reflexivo de meu mestrado em Educação nas conversas da Anhanguera, nas paradas para um café e uma garapa de cana, antes de propriamente defender publicamente a dissertação!

fora incumbido pelo diretor da Faculdade de Educação, que era meu orientador de mestrado, Professor Doutor Pedro Goergen, a transportar - buscar e levar - o professor Paulo Freire para São Paulo, algumas vezes no mês, além dos dias em que ele fazia o traslado pelo ônibus que ligava a UNICAMP à USP e PUCSP, denominado "Massa Crítica".

CONVERSAS COM PAULO FREIRE

Eu ficava extremamente sensibilizado e feliz por ser o motorista sazonal que levava e trazia o Professor Paulo Freire para as aulas da universidade. Minha glória era demasiada, nunca imaginara essa situação, era motivo de orgulho e de conagração a essa condição, criada pela generosidade de meu orientador de mestrado e pela arbitrariedade da própria vida! Nunca imaginaria que o grandioso autor dos textos que líamos em cópias clandestinas, tiradas no mimeógrafo à álcool, nas sacristias pastorais das igrejas, que acendia em nós a esperança de um mundo mais justo, estava ali, sentado ao meu lado, transitando pela disputada rodovia Anhanguera.

Conversava com Paulo Freire pela Rodovia Anhanguera, nas idas e vindas a São Paulo, creio mesmo que fiz o substrato reflexivo de meu mestrado em Educação nas conversas da Anhanguera, nas paradas para um café e uma garapa de cana, antes

de propriamente defender publicamente a dissertação!

Ao buscá-lo na biblioteca, com a intenção de voltar com brevidade para encontrar-me com os demais colegas nas festas estudantis pedi-lhe que, se pudesse, adiantasse nosso horário de saída, alegando que haveria problemas de tráfego intensa na entrada e posterior saída de São Paulo. Ao que ele me respondeu, com calma e serenidade: - *Cézinha (era assim que ele me chamava) tu és muito ansioso, tenha calma.*

Eu fiquei quieto numa cadeira, distante da mesa, e ele continuou a leitura de um pequeno livro, Paulo Freire era um homem que lia muito, estava sempre comentando um livro, um texto de jornal, uma publicação e, para minha alegria, gostava de acompanhar as telenovelas brasileiras, com destaque para O Bem Amado, de Dias Gomes. Ao cabo de 40 ou 50 minutos ele fechou o livro e perguntou-me: - *Cézinha, estás vendo esses livros aqui nessa prateleira?* Eu respondi: *Sim, Professor, são as dissertações de mestrado encadernadas.* Ele continuou - *Estás vendo esses livros e textos aqui da prateleira de cima?* Eu respondi novamente - *Sim, Professor, são as teses de Doutorado!* E ele completou - *"Pois é, Cézinha, à noite, quando se apaga a luz, pelo cheiro do papel, vem as traças para esse lugar, para devorar o papel; e elas entram por todos os lugares possíveis. Mas, andando sobre algumas dissertações e teses, as próprias traças se*

recusam a comê-las, pois foram escritas sem alma, sem intencionalidade transformadora, realizadas somente para burocracias institucionais e para alpinismo acadêmico, sem sentido."

Eu fiquei parado, aturdido pela força dessa sua declaração, ao que ele finalizou, pegando em meu braço e sacudindo-o freneticamente dizendo: "Você , menino, quando vier a escrever sua dissertação, ou uma tese, ou um livro, busque sempre identificar criteriosamente um determinado problema da realidade social, que lhe cause incomodação, procure ver algo que precisa ser esclarecido e decifrado, uma das inúmeras causalidade de sofrimento humano, subjetivo e social. Pegue esse problema, transforme num problema de investigação, eleve à teoria, banhe e atravesse de teoria e de estudos, depois traga as conclusões para a realidade, indicando um caminho, uma ação, um rumo, para o bem da vida e das pessoas. Acenda uma luz, um archote, um farolete. A ciência existe para aliviar o sofrimento humano, que sabemos que em sua maioria foi socialmente produzido e pode ser cientificamente decifrado e esclarecido e, depois politicamente transformado."

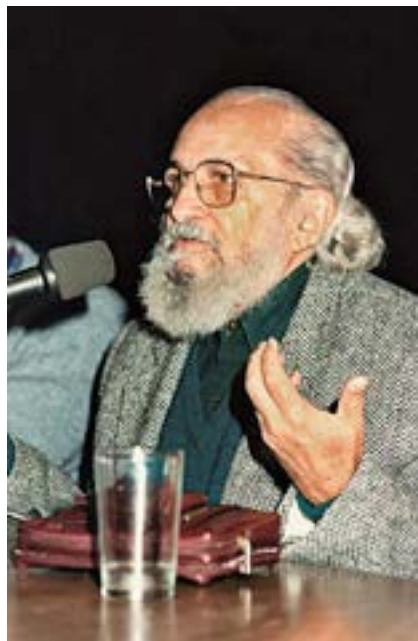
Foram alguns minutos caiológicos que mudaram minha visão de mundo, alteraram o sentido de minha existência e puseram-me, definitivamente, na compreensão da ciência como prática social de compreensão e de transformação da realidade humana, subjetiva e social, singular e comunitária. Ainda agora,

a lembrança desse acontecimento paradigmático, didaticamente reproduzido aqui, envolve-me em agráveis emanações de vívidos sentimentos e de inesperadas saudades.

A DIALÉTICA DO CONFRONTO POLÍTICO

Uma outra lembrança reinterpretada diz respeito a uma viagem que fazíamos de São Paulo para Campinas, com o horário sempre apertado, para chegar no campus no horário correto. No caminho fizemos uma parada curta para um café, como era de costume. Ao voltar para o carro o Professor Paulo Freire virou-se a mim e disse: - "Cézinha, nem um dia de minha vida se passou, depois de adulto e de cidadão participante de minha época e sociedade, sem que alguém me acusasse de ser o que não sou, de dizer o que não penso." Eu fiquei surpreso com essa declaração, pois num instante pude ver o professor Paulo Freire demonstrando a plena consciência de todas as absurdas acusações e das denotadas falsidades que se diziam sobre ele, alimentadas pelos grupos e agentes conservadores, sobretudo naquela conjuntura eleitoral de fim da ditadura militar e seu difícil e exigente processo transitivo. Mas, ao mesmo tempo em que eu pensei isso Paulo Freire, com um sorriso singelo e acolhedor, continuou: - "mas, nenhum dia de minha vida se passou sem que eu respondesse soberanamente a essas acusações, afirmando que não sou o que dizem, que não penso o que me

Mas, andando sobre algumas dissertações e teses, as próprias traças se recusam a comê-las, pois foram escritas sem alma, sem intencionalidade transformadora, realizadas somente para burocracias institucionais e para alpinismo acadêmico, sem sentido



Fiquei atônito pela grandeza dessa declaração, que me ensinava a compreender a dialética do enfrentamento político e da ideologia, em todas as esferas da vida cotidiana e da vida pública.

querem fazer que penso e não digo o querem dizer que digo! Mesmo no conflito, eu me manifesto, despedido de agressividade, temos que ser revolucionários no conteúdo e na forma!” Fiquei atônito pela grandeza dessa declaração, que me ensinava a compreender a dialética do enfrentamento político e da ideologia, em todas as esferas da vida cotidiana e da vida pública. Ensinava-me a contestar, a esclarecer, a responder, sem capitular e sem agredir. Essa lição tenho buscado refazer ou recriar com meus alunos e alunas, quando me cercam pelos corredores, à porta das salas de aula, com carinho e inconfundíveis olhares de admiração, assim como eu fazia com o Professor e amigo Paulo Freire.

Ao puxar pela memória revisitada, para escrever essas linhas, retomando a importância dessa curta e intensa convivência com Paulo Freire, para um registro público, permanece em mim a certeza de que seu legado e que sua personalidade transcenderam a sua singularidade e a seu próprio tempo. Inscrevem-na na História, na resistência cultural e política travada no século XX, na gestação da democracia e da justiça social, no Brasil e no mundo, prioritariamente no campo da prática social da Educação. Ao ouvir, hoje, homenagens e discursos sobre Paulo Freire, marcadas por frases e premissas, sintéticas e profundas, de expressão categórica de seu pensamento e de sua visão de mundo, sinto uma incomensurável alegria. E, para finalizar, registro uma

última situação, se me permittem. Ao recebê-lo na Câmara Municipal de Campinas, na criação do Diploma do Mérito Educacional Paulo Freire, ocorrida no ano de 1996, um ano antes de seu triste falecimento, após o discurso que fez na Tribuna, sempre brilhante, didático e instigante, descendo do parlatório eu o abracei, agradecido por ter dado a mim a infinita grandeza de sua presença naquela situação, e disse-lhe; *“Professor Paulo Freire, como eu admiro e como eu amo tudo o que o senhor diz, tudo o que o senhor fala e faz”* – eu já tinha incorporado uma orgânica apropriação da ontologia social da significação do amor, ele manteve-se abraçado a mim por alguns minutos, pois Paulo Freire era um homem de abraços, (um dia ainda escreverei um livro com esse título, pois o título já tenho – Paulo Freire, o educador dos abraços), ele me respondeu: *“Cézinha, a gente somente admira nos outros o que o nosso coração já está cheio, o que já contém em si, é só um reconhecimento, você admira em mim o que já está em seu coração!”*

Não precisava dizer mais nada. Foi nosso último encontro, depois somente o vi no dia das despedidas, no seu sepultamento. Mas, como os discípulos de Emaús diziam, *“por acaso não ardia o nosso coração dentro de nós, enquanto ele nos falava pelo caminho? (Lc 24,32)”*. Com um abraço imaginário registro aqui minha gratidão a Paulo Freire! Salve!

Voltar ao índice

BREVE DEPOIMENTO SOBRE PAULO FREIRE

CELSO DOS S. VASCONCELLOS

Minha relação com Paulo Freire¹ tem várias e complementares facetas: leitor de sua obra, aluno, participante de encontros e palestras com ele, “interlocutor” em minhas práticas escolares e de formação docente, “vizinho”, secretário de educação, amigo de amigos dele, parceiro em algumas atividades e, depois de seu falecimento, “autoconvocado” a reinventar sua obra, além de ser convidado a falar e a escrever sobre seu legado. Faço, a seguir, um breve depoimento de alguns destes diversos momentos.

CONTATO COM A OBRA

Meu primeiro contato com a obra de Paulo Freire deu-se, não no âmbito da academia, mas dos movimentos sociais, mais precisamente em 1977, com a leitura de um trecho da *“Pedagogia do Oprimido”*, num papel mimeografado que ainda

cheirava a álcool, numa noite de sábado, na sede da OAF-Organização de Auxílio Fraterno, antes de sairmos para a ronda no centro de São Paulo (onde eram distribuídos chá, lanche e cobertor, se fosse o caso, para os moradores de rua).

Eu, com 21 anos, era aluno do 1º ano do curso de Engenharia Eletrônica da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, e já tinha sido professor na Escola Técnica Industrial Lauro Gomes, em São Bernardo do Campo, onde me formara no curso Técnico em Eletrônica, em 1974. Estava num processo de metanoia, de “viragem à esquerda”, de um desvelamento de uma realidade que, até então, como um produto do “milagre brasileiro” (técnico eletrônico, iniciando engenharia) e participando de um movimento católico de jovens bastante elitista e conservador, tinha sido poupado.



1. Não consigo chamá-lo simplesmente de Paulo, uma vez que não tive tanta intimidade assim com ele.

Os encontros foram fantásticos! Íamos lendo o texto “Ciço”, de Carlos Rodrigues Brandão, e a cada trecho, parávamos para dialogar. Às vezes, passávamos a noite toda dialogando sobre um único parágrafo.

Mais tarde um pouco, com um grupo de amigos que faziam o curso de Teologia para Leigos no CEVAM-Centro de Evangelização Missionária, na Vila Carioca, em São Paulo, voltamos a ler *“Pedagogia do Oprimido”*.

CURSO “CIÇO”

Depois de ter deixado a engenharia (1979), ter ido para o seminário franciscano em Guaratinguetá, deixado o seminário após um breve período e voltado para São Paulo (1980), em 1983 eu cursava as últimas disciplinas do curso de Filosofia na Faculdade Nossa Senhora Medianeira. Trabalhava, pela manhã, como coordenador pedagógico no Instituto de Ensino Imaculada Conceição-Imaco e, à noite, como orientador educacional e professor no Colégio São Luís. Fazia uma disciplina optativa, no curso de Pedagogia, com a Profa. Selma Garrido. Numa das aulas, ela trouxe a divulgação de um curso com o Prof. Paulo Freire (e professores convidados): *“Dimensões Políticas, Sociais, Econômicas e Culturais da Educação através da leitura do Ciço”*. Fiquei muito interessado!

O curso transcorreu entre 03 de maio e 14 de junho.

Conhecer pessoalmente Paulo Freire foi uma grande emoção. Os encontros foram fantásticos! Íamos lendo o texto *“Ciço”*, de Carlos Rodrigues Brandão, e a cada trecho, parávamos para dialogar. Às vezes, passávamos a noite toda dialogando sobre um único parágrafo. Numa das noites, a grande surpresa foi a presença do próprio Brandão. Imaginem a magia de um curso como este!

Pois bem, num dos dias do curso, Paulo Freire comentou que estava precisando de um lugar para o CEEde-Centro de Estudos em Educação (logo em seguida denominado Vereda) que ele e alguns amigos tinham fundado recentemente. Falei com o diretor do Imaco², Prof. Luiz Pierre, que cedeu uma sala no 1º andar do colégio para o Vereda.

“VIZINHO”

O período de minha maior proximidade com Paulo Freire foi justamente quando a sede do Vereda foi instalada no Imaco, onde eu era coordenador pedagógico (e depois diretor), e lá ficou de meados de 1983 até final de 1988³. Tornou-se, assim, nosso *“vizinho”*, já que, de quando em quando, cruzávamos com ele pelos corredores. Participei

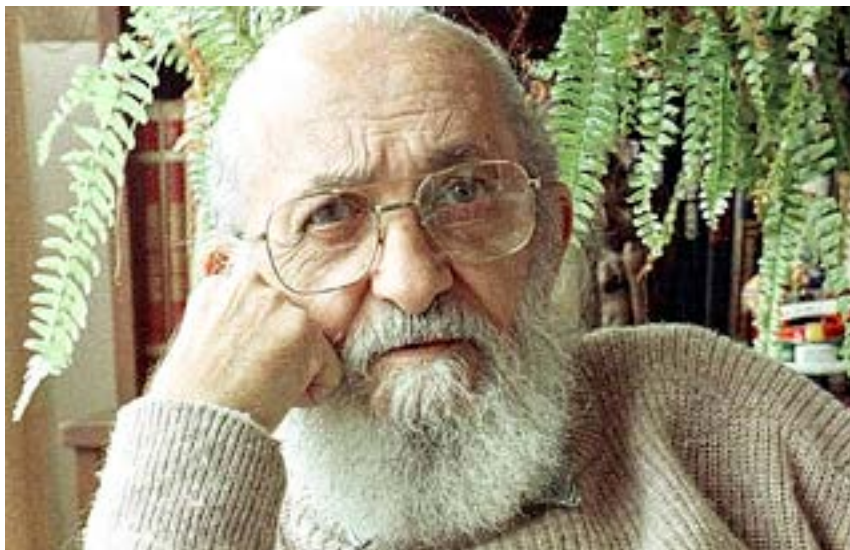
2. Colégio dos Frades Capuchinhos, no bairro da Bela Vista, em São Paulo, e que tinha direção leiga.

3. Recentemente, através da Profa. Andreia Queiroga Barreto, filha de José Carlos e Vera Barreto, grandes companheiros de Paulo Freire no Vereda, tive acesso à cópia da carta, datada de 28 de novembro de 1988, a mim dirigida como diretor do Imaco, em agradecimento pelo empréstimo do espaço para a sede do Vereda, assinada por Paulo Freire. Foi uma grande emoção!

de diversas atividades de estudos no Vereda, com intelectuais⁴ de muitas áreas do saber (o que revela, mais uma vez, a forte curiosidade que animava Paulo Freire). Ele nos brindou com vários encontros com nossos alunos do Ensino Médio (aos quais ia com muito gosto), bem como com nossos professores e comunidade educativa.

FALECIMENTO DE ELZA

Em 1986, no dia 24 de outubro, faleceu Elza, primeira esposa de Freire. Eu era aluno de Dermeval Saviani no mestrado em História e Filosofia da Educação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e, ao mesmo tempo tinha, como disse, encontros com Paulo Freire nos corredores do Imaco. Eram dois educadores por quem eu tinha (e tenho) grande admiração e profundo respeito. Naquele momento, todavia, era ainda forte no meio acadêmico o embate entre “competência técnica” e “compromisso político” do educador, e a maneira enviesada como era conduzido em alguns círculos, se extrapolava e dava-se a en-



tender que Saviani e Freire seriam “inimigos mortais”. Tenho pra mim que a polêmica, embora fosse originalmente no campo teórico mais relacionado a Saviani, acabou sendo usada para atacar Paulo Freire, insinuando que pregava o “educador-político”, mas não dava muito valor para a escola, para o conhecimento. Este viés, carece totalmente de fundamento⁵. Basta ver, por exemplo, a obra “*Extensão ou Comunicação?*”, que comento em seguida.

Pois bem, para minha surpresa e alegria, quem vi no cemitério? Dermeval Saviani, solidário à dor de Paulo Freire, desmascarando todo aquele construto

4. Foi ali que conheci o Prof. Moacir Gadotti, de quem fui aluno especial na disciplina “Filosofia da Educação”, no Programa de Pós-graduação em Supervisão e Currículo, na PUC/SP, durante o 1º semestre de 1984. É um professor que me marcou muito. Nas primeiras edições do texto “Boniteza de um Sonho”, para minha grande satisfação, embora sabendo que era algo sem pertinência, além de um total exagero, Gadotti referia-se a mim como “um dos melhores alunos de Paulo Freire”. Quando o texto foi transformado em livro, esta referência desapareceu. Há pouco tempo, numa conversa, brinquei dizendo que ele tinha se arrependido, ao que argumentou que deve ter sido coisa do editor. Na verdade, o que importa mesmo é o privilégio de ter sido aluno de Paulo Freire; isto sim é algo maravilhoso!

5. Paulo Freire sofreu críticas praticamente a vida toda. Para a direita, ele seria comunista, ateu, marxista, subversivo, um perigo à nação etc. Para a(s) esquerda(s), ele seria cristão, liberal, hegeliano, idealista, não-diretivo, espontaneísta, escolanovista, só preocupado com a educação popular etc.

Uma das coisas que sempre me encantou foi a paixão constante de Paulo Freire pelo conhecimento...

32

artificial de “briga irreconciliável”!

Minha intenção ao fazer este registro, algo totalmente subjetivo (minha surpresa e alegria no cemitério ao ver Saviani), é ajudar a superar picuinhas que, eventualmente, perdurem até hoje e, para além das saudáveis divergências, apontar para o que interessa e nos une no campo progressista: Um Outro Mundo e Uma Outra Educação Possíveis!

EXTENSÃO OU COMUNICAÇÃO?

Uma das coisas que sempre me encantou foi a paixão constante de Paulo Freire pelo conhecimento, que é também minha temática de paixão maior. Em seus diálogos, frequentemente, partia da política (que pronunciava com “boca cheia”, com muita ênfase e gosto), ia para a ética, para as grandes questões mundiais etc. mas sem perder a referência epistemológica, ou gnosiológica, como preferia dizer; o conhecimento como instrumento de libertação.

No ano de 1987, no período de 17 a 22 de agosto, fiz um curso de extensão em “Filosofia para Criança”, na PUC/SP, ministrado pelo Prof. Marcos Lorieri, em

que uma das referências básicas foi o livro “Extensão ou Comunicação?”.

Neste livro, depois de fazer a crítica à tradição educativa de “transformar o sujeito em objeto para receber pacientemente um conteúdo de outro”, Paulo Freire vai nos brindar com os fundamentos epistemológicos da atividade pedagógica, apresentando a sua leitura da teoria dialética do conhecimento, bem como o seu desdobramento didático-metodológico, em especial o diálogo problematizador, uma vez que “*sem a relação comunicativa entre sujeitos cognoscentes em torno do objeto cognoscível desapareceria o ato cognoscitivo.(...) A educação é comunicação, é diálogo*”⁶.

“Extensão ou Comunicação?” marcou muito a minha formação, na medida em que aliou a reflexão gnosiológica, normalmente um tanto hermética e sisuda, à práxis da educação libertadora. Nos dias atuais, com tantos modismos e solicitações, esta obra, infelizmente pouco conhecida, torna-se indispensável⁷ para ajudar o professor a ressignificar sua atividade a partir do seu núcleo mais profundo, possibilitando a articulação consistente entre a prática cotidiana

6. Trabalha também temáticas centrais de sua obra: tomada de consciência, relação pensamento-linguagem, teoria-prática, tema gerador, esperança crítica, busca do ser mais, processo de libertação do homem etc.

7. Considero este livro de Paulo Freire fundamental na formação do professor por tratar, com profundo rigor, de um dos pilares básicos da prática docente: o trabalho com o conhecimento. Como pode o educador desenvolver uma prática emancipatória se sequer compreende como se dá o processo de conhecimento?

de sala de aula, as contraditórias demandas sociais e o horizonte de um novo histórico-viável.

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO

Paulo Freire foi secretário de educação (de janeiro de 1989 a maio de 1991) da rede municipal de ensino da cidade de São Paulo, onde meus três filhos foram estudar, na E.M. Padre Manoel de Paiva⁸, durante o governo de Luiza Erundina (1989-1992), e onde fui membro do Conselho de Escola (na condição de pai de aluno). Foram anos de uma muito fértil convivência democrática, de aprendizagens riquíssimas para o Tiago, o Bruno e a Maíra, assim como para minha esposa e para mim.

Na perspectiva pedagógica, um ponto alto foi o Conselho de Escola ter aprovado a participação da escola no “Projeto da Interdisciplinaridade” que propiciou, entre outras coisas, o trabalho coletivo constante, as reuniões pedagógicas semanais na escola, fato bastante raro naquele momento tanto nas escolas públicas quanto particulares.

No primeiro semestre de 1990, como membro do Conselho Editorial da Re-

vista de Educação AEC, entrevistei a Profa. Ana Maria Saul, que era diretora da Diretoria de Orientação Técnica-DOT da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

ITAICI

Um aspecto da personalidade de Paulo Freire que propiciava sentir-me muito acolhido era a união, algumas vezes um tanto tensa é certo, que ele fazia entre sua visão cristã do mundo e a postura dialética diante da realidade que clama por transformação⁹. *“Meu encontro com Marx jamais me sugeriu deixar de me encontrar com Cristo nas esquinas da rua!”*¹⁰

Em 1992, participei, como assessor pedagógico da AEC/SP, da Assembleia Geral da Regional Sul I-CNBB, no Convento de Itaici, no município de Indaiatuba/SP, que refletia sobre educação. No dia 24 de junho, tive o privilégio de presenciar o rico diálogo de Paulo Freire com os bispos sobre a problemática da educação no Brasil. Fiquei tão impactado pela força da justa raiva e indignação de Paulo Freire que, logo em seguida, publiquei um artigo na Revista Dois Pontos:

8. Esta escola me foi sugerida pela querida amiga Olgair Gomes Garcia, na época Diretora de Educação Infantil da SMESP, que em função de sua proximidade com Nita (Ana Maria Araújo, que veio a se tornar a segunda esposa de Paulo Freire), tornou-se muito amiga de Freire.

9. Esta tensão também era vivida nos setores da igreja ligados tanto à Educação Libertadora quanto à Teologia da Libertação.

10. Encontro de Paulo Freire com educadores, promovido pela AEC/SP, no dia 8 de outubro de 1984, no Imaco.

Paulo Freire continua muito vivo e presente em minha existência, lembrando o que ele dizia “Na verdade, não me é possível separar o que há em mim de profissional do que venho sendo como gente”

“Como afirma Paulo Freire, uma das coisas que a academia (e a sociedade) ensina ao professor é detestar o cheiro do pobre, é considerá-lo incompetente, incapaz, indolente por natureza. Ora, a educação tem como fundamento justamente a esperança na possibilidade de mudança do outro; se não há esta esperança por parte do professor, como pode educar.” (vejam-se as “profecias autorrealizantes” de fracasso).

FALECIMENTO

No dia 2 de maio de 1997, quando de Paulo Freire me despedi, no hall do TUCA-Teatro da PUC/SP, onde seu corpo estava sendo velado, lembro de ter conversado rapidamente com sua filha Madalena sobre a responsabilidade de todos aqueles que o admiravam em relação à continuidade de sua obra.

REINVENÇÃO

Paulo Freire continua muito vivo e presente em minha existência, lembrando o que ele dizia *“Na verdade, não me é possível separar o que há em mim de profissional do que venho sendo como gente”*. Alguns elementos de sua obra estão tão incorporados, que me faz lembrar e parafrasear a música *“seu sangue errou de veia”*... Só dois sinais externos: o centro de formação que

criei, em 1989, chama-se *“Libertad”*¹¹, e a denominação que dei à concepção de educação que procuro sintetizar é *“Dialética-Libertadora”*!¹² Não quero, nem de muito longe, dizer com isto que eu seja um ser humano da densidade que ele é, mas que ele continua me provocando a viver minha *“histórica e ontológica vocação de Ser Mais”*, como tanto insistia. Gosto muito daquela pergunta: *“Menino, quem foram teus mestres?”* Paulo Freire, sem sombra de dúvidas, foi/vem sendo um deles!

Ao sentir, pensar e intervir no mundo, algumas formulações de Paulo Freire, sejam conceitos ou neologismos próprios, sejam conceitos ou ainda palavras já conhecidas, mas que ganharam um novo vigor em suas falas, estão em mim sempre presentes: A humanização do homem, que é sua libertação permanente, não se opera no interior de sua consciência, mas na história que eles devem constantemente fazer e refazer; Alegria; Amor/Amorosidade; Boniteza; Consciência do Inacabamento/Incompletude/Humildade; Criticidade; Curiosidade Epistemológica; Dar a resposta sem passar pela pergunta; Dialética Humanização-Desumanização; Diálogo; Dodiscên-

11. Libertad-Centro de Pesquisa, Formação e Assessoria Pedagógica, em São Paulo.

12. Muito sinteticamente, a Concepção Dialética-Libertadora de Educação procura articular, de forma concreta, a Epistemologia (campo do conhecimento) de uma Filosofia Dialética com a Ontologia (campo da existência como um todo) de uma Concepção Libertadora de Educação

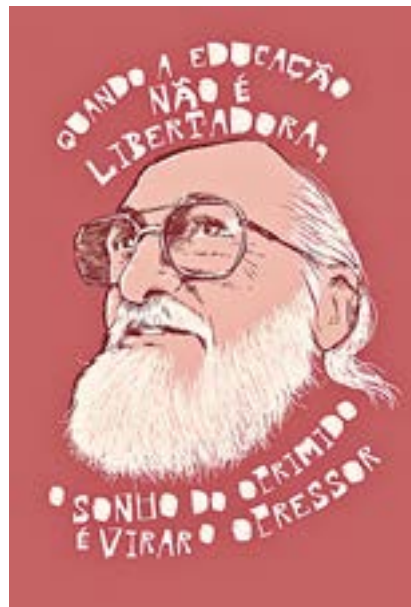
cia; Educação Bancária; Educação Libertadora; Esperança; Ética; Impregnar/Encharcar de Sentido; Inédito Viável; Investigação Temática; Indignação/Justa Raiva; Leitura do mundo precede a leitura da palavra; Liberdade¹³; Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio. (...) Desde logo, qualquer busca implica, necessariamente, numa opção (tomada de posição, a favor de quem, contra quem); Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro a tarde...; Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo...; O mundo não é. O mundo está sendo; Oprimido hospeda o opressor; Política; Práxis; Problemática; Rigor/Rigoriedade/Seriedade; Saberes Necessários; Tema Gerador; Teoria do Conhecimento/Gnosiologia/Ciclo Gnosiológico; Transformação etc.

Meninos, eu vi! Mais do que isto, eu vivi (e procuro viver)! Paulo Freire vive naqueles que buscam radicalmente fazer da Educação uma Prática da Liberdade!

Sou profundamente grato pelas marcas (insignare – marcar com sinal, dar a conhecer) que Paulo Freire deixou em minha forma-

ção! Estes registros, que espero sejam vistos como um convite, provocam muitas saudades, alegria e esperança de “um novo mundo em que seja menos difícil amar”!

Voltar ao índice



PROF. CELSO DOS SANTOS VASCONCELLOS

Doutor em Educação pela USP, Mestre em História e Filosofia da Educação pela PUC/SP, Pedagogo, Filósofo, pesquisador, escritor, conferencista, professor convidado de cursos de graduação e pós-graduação. Foi Professor (Educação Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior, Pós-Graduação), Orientador Educacional, Coordenador Pedagógico e Diretor de Escola. É consultor de secretarias de educação, responsável pelo Libertad - Centro de Pesquisa, Formação e Assessoria Pedagógica. celsovasconcellos@uol.com.br www.celsovasconcellos.com.br

13. A primeira produção de Paulo Freire de maior repercussão foi “Educação como Prática da Liberdade”. Sua grande obra, “Pedagogia do Oprimido”, trata da luta dos oprimidos para a superação da negação da liberdade. Sua última obra, “Pedagogia da Autonomia”, tem como referência a autonomia que é um outro nome para a liberdade. Por aí podemos perceber um dos motivos da vitalidade de sua obra, uma vez que a liberdade se confunde com o próprio processo de humanização.

DEPOIMENTO

ANDARILHAGENS COM PAULO FREIRE

CONEXÕES ENTRE A FRANÇA E O BRASIL

ANA LÚCIA SOUZA DE FREITAS



Paris/França – Porto Alegre, RS/Brasil, 14.11 – 04.12, 2025.

Estimado Matheus Batalha e demais interessados/as no conhecimento e reinvenção do legado de Paulo Freire na França

[...] olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo para melhor construir o futuro (Freire, 1987, p.73).

Os momentos que vivemos ou são instantes de um processo anteriormente iniciado ou inauguram um novo processo de qualquer forma referido a algo passado. Daí que eu tenha falado antes no "parentesco" entre os tempos vividos que nem sempre percebemos, deixando assim de desvelar a razão de ser fundamental do modo como nos experimentamos em cada momento (Freire, 1992, p.28).

É com imensa alegria que respondo ao convite à escrita para a Revista *Approches Cooperatives*, cuja edição especial marca a presença de Paulo Freire

neste ano do Brasil na França. De modo peculiar, o convite à escrita propõe compartilhar depoimentos sobre a presença de Paulo Freire em histórias de vida de quem com ele conviveu e o mantém vivo como referência para compreender/exercer a educação e a docência como forma de intervenção no mundo, em busca da criação de outros mundos possíveis, nos quais seja menos difícil amar.

Cada um dos depoimentos nos convida a conhecer o educador a partir de narrativas singulares, reveladoras das marcas da gentitude de Paulo Freire e das implicações em seu fazer teórico, produzido mediante a valorização dos diferentes saberes e de seu reconhecimento nos diálogos exercidos. Conjuntamente, as escritas compartilhadas nesta publicação instigam a curiosidade para conhecer e reinventar o legado de Paulo Freire, somando esforços junto às homenagens prestadas ao

longo deste ano no que se refere a enfatizar a relevância e a vitalidade do legado freireano, bem como a atualidade das iniciativas que o reinventam neste país.

ENTRE A FRANÇA E O BRASIL

Grata pelo convite, busco realizar a escrita neste momento em que me encontro em trânsito, entre o Brasil e a França. Este final de novembro e início de dezembro está sendo um tempo de organizar a vida para ficar um período em Porto Alegre, minha cidade natal, no estado do Rio Grande do Sul. Buscando expandir as brechas do cotidiano, escrevo assim, em movimento, para me dedicar ao compromisso assumido, com a devida atenção que merece. Ao fazê-lo, é inevitável lembrar as palavras de Paulo Freire, cuja influência na minha formação pessoal e profissional reverberam até hoje:

Não sei se quem leia este livro perceberá facilmente o prazer com que o escrevi. Foram quase dois meses em que à sua redação entreguei parte de meus dias, o maior tempo em meu escritório, em nossa casa, mas também em aviões e quartos de hotéis. Mas não foi apenas com prazer que escrevi este trabalho. Escrevi-o tocado por um forte sentido de compromisso ético-político e com decidida preocupação em torno da comunicação que busco estabelecer a todo instante com seus prováveis leitores e leitoras (Freire, 1993, p. 05).

Foi com Paulo Freire que aprendi a compreender/exercer o prazer da autoria de pensamento e da escrita como forma de luta por sonhos possíveis. Todavia, diferentemente de outras pessoas que com ele conviveram, estabeleceram relações pessoais de estudo, trabalho acadêmico e militância, meu encontro com Paulo Freire se deu principalmente por meio da leitura de suas obras. Pessoalmente, nosso encontro ocorreu uma única vez, mas com grandes repercussões na minha experiência profissional na Secretaria Municipal de Educação em Porto Alegre (SMED), bem como na minha formação acadêmica nos estudos de mestrado e de doutorado.

Nos limites do texto, farei uso das imagens para expressar a relevância das Andarilhagens com Paulo Freire que hoje se realizam em conexões entre a França e o Brasil. A primeira imagem remete ao contexto de origem cujas inquietações me encaminharam aos estudos da obra de Paulo Freire, com maior densidade.

A imagem apresenta uma sequência de registros referentes ao memorável encontro presencial com Paulo Freire e suas repercussões. O autógrafo no livro *Pedagogia da Esperança* (Freire, 1992) tornou ainda mais preciosa a leitura, até então realizada sem imaginar quão importante se tornaria Paulo Freire e sua obra

Foi com Paulo Freire que aprendi a compreender/exercer o prazer da autoria de pensamento e da escrita como forma de luta por sonhos possíveis.

ANA LÚCIA SOUZA DE FREITAS

Doutora em Educação pela PUC-RS, com estudos de Pós-Doutorado em Pedagogia Crítica pela Liverpool Hope University.

Atualmente aposentada, é pesquisadora visitante da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) Campus Jaguarão, integrando o Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas, Avaliação e Gestão da Educação/GEPPAGE. Autora dos livros: *Pedagogia da Conscientização: um legado à formação de professores* (2001); *Leituras de Paulo Freire: Uma trilogia de referência* (2014; 2020) e *Andarilhagens de uma educadora pesquisadora: Cartas Pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire* (2020; 2023; 2024).

Coautora e organizadora dos livros *Paulo Freire em diálogo com outros autores/las* (2013; 2021); *Contra o desperdício da experiência: a Pedagogia do Conflito revisitada* (2009), entre outros; autora de verbetes no *Dicionário Paulo Freire* (2018), entre eles, registro, curiosidade epistemológica e reflexão sobre a prática.

Tem participações na *Revista Literária Texturas* e na *Revista Vinca Literária*, além de atuar como editora associada da *Caravana Grupo Editorial em Paris*. Cofundadora e vice-presidente da *Association Collectif Lectrices de Paulo Freire en France*. 0311anafreitas@gmail.com



Image 1 : Le dialogue du savoir avec Paulo Freire à Porto Alegre (compilation s'une collection personnelle)

"A Educação Popular morreu? Dois olhares reinventando a escola" foi a reflexão compartilhada com Paulo Freire e Madalena Freire

na continuidade de meus estudos e pesquisas. Posteriormente, as fotos realizadas neste encontro foram motivo de aproximação com Ana Maria Araújo Freire (Nita), durante a participação no evento Paulo Freire: ética, utopia e educação realizado pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em 1998, que celebrou a memória do educador ao completar o primeiro ano de sua morte. A presença de Paulo Freire no encontro de Porto Alegre também compõe a capa do livro *Pedagogia da Conscientização: Um legado de Paulo Freire à formação de professores* (Freitas, 2001), no qual compartilho estudos bibliográficos realizados no Curso de Mestrado em Educação (PUCRS, 1997-1999) sobre as obras publicadas na década de 90, após sua experiência como gestor na secretaria municipal de educação de São Paulo.

O referido encontro ocorreu em dezembro de 1995, quando a Secretaria Municipal de Educação em Porto Ale-

gre (SMED) organizou um grande evento intitulado *"A Educação Popular morreu? Dois olhares reinventando a escola"* foi a reflexão compartilhada com Paulo Freire e Madalena Freire. A participação, como integrante da equipe pedagógica da SMED repercutiu significativamente na continuidade de minha prática profissional, motivando realizar os estudos acadêmicos neste desafiador contexto da experiência de construção e implementação da política educacional da Administração Popular (AP) em Porto Alegre.

UMA REFERÊNCIA IMPORTANTE

As leituras de Paulo Freire, em especial no que concerne à experiência como secretário municipal de educação em São Paulo, entre janeiro de 1989 e maio de 1991, foram importante referência para o diálogo exercido na construção da política educacional no contexto da democracia participativa na gestão da cidade.

Durante quatro mandatos

consecutivos (1989-2004)¹, a Administração Popular produziu, teórica e praticamente, um legado de gestão democrática na história da educação municipal em Porto Alegre, concretizando a complementaridade entre Democracia Participativa e Educação Cidadã (Azevedo, 2020). Ao longo deste período, Paulo Freire se fez presente como fonte de inspiração e referência diante do desafio de reinventar a escola na perspectiva da educação popular (Freitas, 2021a).

De modo especial, Nita Freire contribuiu na experiência da Rede Municipal de Porto Alegre, realizando a palestra Utopia e Democracia: os inéditos-viáveis na Educação Cidadã, na abertura do VII Seminário Internacional Utopia e Democracia na Escola Cidadã, promovido pela SMED, entre os dias 3 e 8 de julho de 2000 (Azevedo, 2000). Também no RS, participou como convidada de diversas edições do Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire.

O Fórum do RS é um evento que se realiza anualmente, de forma itinerante entre instituições de ensino superior, celebrando o encontro e atualizando estudos e leituras que mantém vivo o legado de Paulo Freire. Desde



o início, a modalidade itinerante do evento convidou seus/suas participantes a Andarilhar pelo estado do RS, a fim de conhecer diversos contextos e práticas educativas. Diante da ocorrência da pandemia da Covid-19, as situações emergenciais de isolamento social e os fortes impactos nas práticas educativas, a realização do Fórum foi suspensa por um ano, em 2020, e ocorreu de modo exclusivamente virtual nos anos de 2021 e 2022. Na continuidade, em suas três últimas edições (2023, XXIV; 2024, XXV; 2025, XXVI), o *Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire* vem sendo organizado de modo híbrido, ampliando significativamente as participações no que se refere à abrangência territorial, incluindo a França.

Não por acaso, esta escrita tem o título *Andarilhagens com Paulo Freire: Conexões entre o Brasil e a França*. Desde junho de 2019, a ocasião

1. Primeira gestão da AP (1989-1992): prefeito Olívio Dutra; secretaria municipal de educação: profª. Esther Pillar Grossi. Segunda gestão da AP (1993-1996): prefeito: Tarso Genro; secretaria municipal de educação: prof. Nilton Bueno Fischer (jan a out /1993) e profª. Sônia Pilla Vares (nov/1993 - dez/1996). Terceira gestão da AP (1997-2000): prefeito Raul Pont; secretaria municipal de educação: prof. José Clóvis de Azevedo. Quarta gestão da AP (2001-2004): prefeitos: Tarso Genro e João Verle; secretaria municipal de educação: prof. Eliezer Pacheco (jan/2001 - dez/2002); profª. Sofia Cavedon Nunes (jan/2003 - março/2004); profª. Maria de Fátima Baierle (abril a dez /2004). (Fonte: Freitas, 2004).

Os resultados obtidos nas Andarilhagens de docência compartilhada elucidam a crescente (auto)exigência quanto ao ato crítico de registrar, do qual Paulo Freire é inspiração e referência.

de um ano sabático na França se estendeu para além do inicialmente planejado, resultando na publicação do livro: *Andarilhagens de uma educadora pesquisadora: Cartas Pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire*. Atualmente em terceira edição (Freitas, 2024), celebrativa à XXV edição do Fórum, é uma versão ampliada da publicação de 2020, incluindo trabalhos com coautorias de integrantes do Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França (Freitas; Maior; Baudry, 2023).

Desde 2019, as conexões entre os dois países por meio dos estudos e leituras de Paulo Freire têm sido um crescente modo de ser e de viver, estabelecendo o diálogo com novos contextos. Paradoxalmente, é a partir da imersão cultural em Paris que amplio experiências de docência compartilhada, em conexões entre a França e o Brasil, por meio das *Andarilhagens de reinvenção das Cartas Pedagógicas* no ensino superior (Freitas, 2021b). Entre outras, estão relacionadas aos diálogos exercidos, por escrito, as seguintes publicações: *Varal de cartas pedagógicas: constituir-se pesquisador(a) em educação* (Stecanela; Bizotto, 2024); *Cartas pedagógicas: (re)formar(-se) por meio das experiências* (Claro, 2025); *A gestão escolar por meio de cartas pedagógicas* (Bairros, 2025).

Os resultados obtidos nas *Andarilhagens de docência compartilhada* elucidam a crescente (auto)exigência quanto ao ato crítico de registrar, do qual Paulo Freire é inspiração e referência.

A respeito do termo, merece destacar, Paulo Freire tornou-se conhecido como um andarilho da utopia em função de sua experiência de 16 anos de exílio, durante a ditadura militar no Brasil, período em que percorreu diversos países nos quais tornou-se conhecida a *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 1987), na teoria e na prática. *Andarilhagem* é também um dos verbetes que integram o *Dicionário Paulo Freire*:

Somos humanos porque aprendemos a andar. Somos humanos porque aprendemos a pendular entre um “estar aqui” e um contínuo “partir”, “ir para”. Entre os que andam, viajam e vagam, há os que se deslocam porque querem (os viajantes, os turistas), os que se deslocam porque creem (os peregrinos, romeiros), os que se deslocam porque precisam (os migrantes da fome, os exilados) e há os que se deslocam porque devem (os “engajados” – para usar uma palavra cara aos dos anos 1960 – os “comprometidos com o outro, com uma causa”) (Brandão, 2018, p.44).

Andarilhar com os estudos e leituras de Paulo Freire vem sendo um modo de produzir conhecimento a partir das próprias práticas, por meio

da documentação das experiências em processo. Andarilhagens com Paulo Freire, em conexões entre a França e o Brasil, vem sendo um desafio permanente à reinvenção das ações de ensino, em articulação com ações de pesquisa e extensão. Nesta direção, são crescentes nos últimos anos as iniciativas de articulação entre os dois países em prol do conhecimento e reinvenção do legado de Paulo Freire.

O FÓRUM DO RIO GRANDE DO SUL

O Fórum do RS é um evento que se realiza anualmente, de forma itinerante entre instituições de ensino superior, celebrando o encontro e atualizando estudos e leituras que mantêm vivo o legado de Paulo Freire. Desde o início, a modalidade itinerante do evento convidou seus/suas participantes a Andarilhar pelo estado do RS, a fim de conhecer diversos contextos e práticas educativas. Diante da ocorrência da pandemia da Covid-19, as situações emergenciais de isolamento social e os fortes impactos nas práticas educativas, a realização do Fórum foi suspensa por um ano, em 2020, e ocorreu de modo exclusivamente virtual nos anos de 2021 e 2022. Na continuidade, em suas três últimas edições (2023, XXIV; 2024, XXV; 2025, XXVI), o Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire vem sendo organizado de modo híbrido, ampliando significativamente as participações no

que se refere à abrangência territorial, incluindo a França.

Não por acaso, esta escrita tem o título Andarilhagens com Paulo Freire: Conexões entre o Brasil e a França. Desde junho de 2019, a ocasião de um ano sabático na França se estendeu para além do inicialmente planejado, resultando na publicação do livro: Andarilhagens de uma educadora pesquisadora: Cartas Pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire. Atualmente em terceira edição (Freitas, 2024), celebrativa à XXV edição do Fórum, é uma versão ampliada da publicação de 2020, incluindo trabalhos com coautorias de integrantes do Coletivo Leituras de Paulo Freire na França (Freitas; Maior; Baudry, 2023).

AS CONEXÕES ENTRE OS DOIS PAÍSES

Desde 2019, as conexões entre os dois países por meio dos estudos e leituras de Paulo Freire têm sido um crescente modo de ser e de viver, estabelecendo o diálogo com novos contextos. Paradoxalmente, é a partir da imersão cultural em Paris que amplio experiências de docência compartilhada, em conexões entre a França e o Brasil, por meio das Andarilhagens de reinvenção das Cartas Pedagógicas no ensino superior (Freitas, 2021b). Entre outras, estão relacionadas aos diálogos exercidos, por escrito, as seguintes publicações: Varal de cartas pedagógicas: constituir-se pesquisador(a) em

Desde 2019, as conexões entre os dois países por meio dos estudos e leituras de Paulo Freire têm sido um crescente modo de ser e de viver, estabelecendo o diálogo com novos contextos.

educação (Stecanela; Bizotto, 2024); Cartas pedagógicas: (re) formar(-se) por meio das experiências (Claro, 2025): A gestão escolar por meio de cartas pedagógicas (Bairros, 2025).

Os resultados obtidos nas Andarilhagens de docência compartilhada elucidam a crescente (auto)exigência quanto ao ato crítico de registrar, do qual Paulo Freire é inspiração e referência.

A respeito do termo, merece destacar, Paulo Freire tornou-se conhecido como um andarilho da utopia² em função de sua experiência de 16 anos de exílio, durante a ditadura militar no Brasil, período em que percorreu diversos países nos quais tornou-se conhecida a Pedagogia do Oprimido (Freire, 1987), na teoria e na prática. Andarilhagem é também um dos verbetes que integram o Dicionário Paulo Freire:

Somos humanos porque aprendemos a andar. Somos humanos porque aprendemos a pendular entre um “estar aqui” e um contínuo “partir”, “ir para”. Entre os que andam, viajam e vagam, há os que se deslocam porque querem (os viajantes, os turistas), os que se deslocam porque creem (os peregrinos, romeiros), os que se deslocam porque precisam (os migrantes da fome, os exilados) e há os que se deslocam porque devem (os “engajados” – para usar uma palavra cara aos dos anos 1960 – os “comprometidos com o outro, com uma

causa”) (Brandão, 2018, p.44).

Andarilhar com os estudos e leituras de Paulo Freire vem sendo um modo de produzir conhecimento a partir das próprias práticas, por meio da documentação das experiências em processo. Andarilhagens com Paulo Freire, em conexões entre a França e o Brasil, vem sendo um desafio permanente à reinvenção das ações de ensino, em articulação com ações de pesquisa e extensão. Nesta direção, são crescentes nos últimos anos as iniciativas de articulação entre os dois países em prol do conhecimento e reinvenção do legado de Paulo Freire.

A segunda imagem, apresentada a seguir, contém as marcas das Andarilhagens em que se fortalecem as conexões entre os estudos e leituras de Paulo Freire no Brasil e na França.

A imagem apresenta a série histórica das XXVI edições do Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, realizadas de 1999 a 2025, em ordem decrescente. Na primeira linha, estão também incluídos dois eventos realizados na França, em consonância com a experiência do Fórum do RS. De modo mais recente, em 26 de setembro de 2025, a Jornada de estudos *L’écriture comme expérience émancipatrice : dialogue(s) avec Paulo Freire* e anteriormente, em 25 de setembro de 2023, o Encontro Franco-Lu-

2. Este é o título de um CD gravado em novembro de 1998, em São Paulo, pela rádio Nederland, emissora internacional da Holanda. É uma co-produção em parceria com a CRIAR Produções Artísticas de São Paulo, no estúdio Trilha Certa. A gravação conta com 72 minutos, divididos em cinco blocos em forma de programas de rádio. É um documento radiofônico que retrata não apenas a vida do educador brasileiro, mas também o Brasil de sua época. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lsvMFA1_9wo



Imagem 02: Registros das Andarilhagens e conexões. Fonte: Elaboração a partir de acervo pessoal.

Enfim, por meio das experiências compartilhadas, destaco a relevância de Paulo Freire na minha formação como educadora e pesquisadora...

so-Brasileiro de Educação Popular: Pedagogia do Oprimido e Pedagogia da Esperança na contemporaneidade (Rodrigues; Freitas, 2024), evidenciam a crescente articulação das ações realizadas entre os dois países.

Notadamente, a experiência de reinvenção das Cartas Pedagógicas como modalidade de submissão de trabalho acadêmico, oriunda da experiência coletiva do Fórum do RS, vem se fazendo presente nos eventos realizados na França.

Apesar de ainda não terem ocorrido autorias francesas nos trabalhos apresentados e publicados em forma de Carta Pedagógica nos referidos eventos, são fecundas as experiências que proporcionam vislumbrar futuras possibilidades. Entre elas, a mais recente experiência de docência compartilhada com a professora Izabel Galvão, na disciplina Les Pédagogies de l'émancipation, do Curso de Licence en sciences de l'éducation (L3), em 2024-2025, na Université Paris 8 Vincennes Saint-Denis. Como trabalho final, foi solicitada a produção escrita de uma Carta Pedagógica que *“expresse a atualidade de seu pensamento sobre as Pedagogias da emancipação, estabelecendo relações entre sua história de vida e os estudos realizados”*.

As autorias desta turma destacam-se quanto a contribuir para ampliar a compreensão sobre como as Cartas Pedagógicas, reinventadas na universidade, estão constituindo um gênero híbrido de escrita ca-

racterizado por conter, simultaneamente, marcas da escrita de cartas pessoais e peculiaridades da escrita acadêmica (Freitas, 2024).

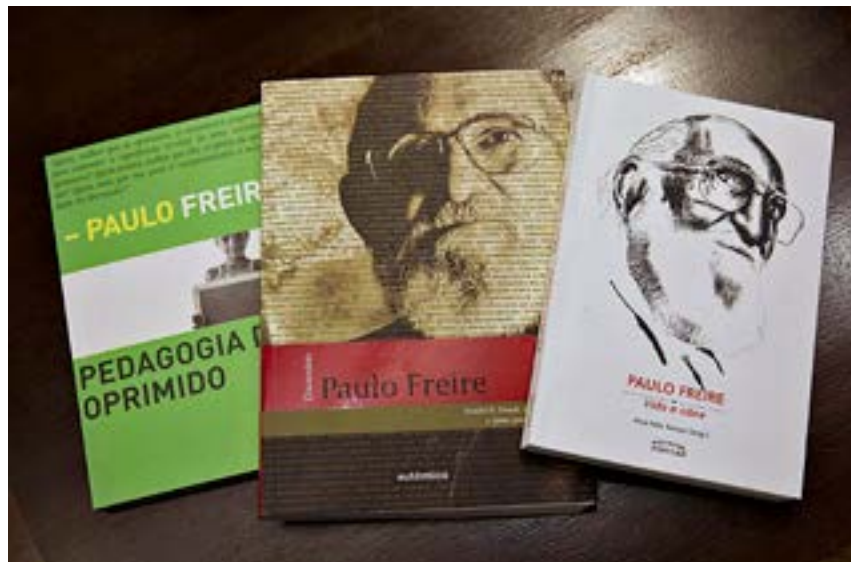
Entre outros aspectos, a escrita endereçada a um/a destinatário/a é um diferencial desta modalidade de trabalho, cujos efeitos e repercussões vêm sendo objeto de investigação, estabelecendo diálogo entre experiências em distintos contextos. A experiência na Paris 8 trouxe especial contribuição para pensar/concretizar o potencial emancipatório da escrita endereçada, inovando ao realizar a aproximação com a literatura. A orientação para a escrita convidava a olhar para sua experiência como estudante e analisá-la a partir de sua compreensão atual, em diálogo com um/a dos/as autores/as estudados/as escolhido/a como seu/sua destinatário/a, tais como Amadou Hampâté Bâ, Annie Ernaux e Daniel Pennac.

A IMPORTÂNCIA DE PAULO FREIRE

Enfim, por meio das experiências compartilhadas, destaco a relevância de Paulo Freire na minha formação como educadora e pesquisadora e a atualidade da presença de seu legado nas Andarilhagens em conexão entre a França e o Brasil, com ênfase na reinvenção das Cartas Pedagógicas na formação acadêmica. Escrevi esta Carta Pedagógica endereçada a você, professor Matheus Batalha, com a expectativa de que a forma seja também conteúdo para argumentar a

relevância do legado de Paulo Freire no que se refere a apoiar a experiência de ler, escrever e aprender na universidade (Carlino, 2017). Como professor de psicologia da educação, com certeza tem muito a contribuir para o diálogo sobre a carta que Paulo Freire intitulou “Não deixe que o medo do difícil paralise você” (Freire, 1993). Espero que de alguma forma a leitura suscite o desejo de continuidade do diálogo, também por escrito.

Antes de concluir, destaco para nossa reflexão as palavras de Paulo Freire, tomadas como epígrafe. É da Pedagogia do Oprimido a afirmação de que [...] olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo para melhor construir o futuro (Freire, 1987, p.73). Ao reencontrá-la na Pedagogia da Esperança, sua compreensão se atualiza, acrescentando que “Os momentos que vivemos ou são instantes de um processo anteriormente iniciado ou inauguram um novo processo de qualquer forma referido a algo passado” (Freire, 1992, p.28); além disso, enfatiza: “Daí que eu tenha falado antes no “parentesco” entre os tempos vividos que nem sempre percebemos, deixando assim de desvelar a razão de ser fundamental do modo como nos experimentamos em cada momento” (Ibidem). É neste sentido de historicidade do conhecimento produzido que as Andarilhagens com Paulo Freire em conexões entre a França e o Brasil corroboram o valor da documentação das



experiências em processo e convidam a fazê-lo por meio da escrita de Cartas Pedagógicas.

Finalizo esta escrita na madrugada do dia 04 de dezembro, quinta-feira, com a triste notícia do falecimento do professor Bernard Charlot, cuja referência é inestimável por sua vasta produção intelectual sobre a relação com o saber e fecunda experiência na articulação entre a França e o Brasil no campo da formação pedagógica. A irreparável falta de sua presença de alguma forma se manterá viva por meio de suas obras, disponíveis nos dois idiomas.

Em referência ao seu pensamento me despeço, fazendo da memória de suas palavras uma singela forma de homenagem: “Nascer é ingressar em um mundo onde se é obrigado a aprender” (Charlot, 2000, p. 84).

Um forte abraço,

Ana Lúcia Souza de Freitas

PALAVRAS-CHAVE

Andarilhagens. Fórum Paulo Freire. Paulo Freire na França. Carta Pedagógica.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, José Clóvis de et al. (Orgs.). Utopia e democracia na educação cidadã. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2000.
- AZEVEDO, José Clóvis de. Escola Cidadã: uma experiência contra-hegemônica. In: FREITAS, Ana Lúcia Souza de; SILVA, Antonio Fernando Gouvea da; SANTOS, Maria Walburga dos. Dossiê Temático: Democracia Participativa e Educação Cidadã: legados e reinvenção (ou tempos para esperar). Crítica Educativa. v. 6, n. 1, 2020, p. 1-17. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/473> Acesso: 15 nov 2025.
- BAIROS, Mariângela (org.). A gestão escolar por meio de cartas pedagógicas. Maria Teresa Esteban ... [et al.]. - 1 ed. - Porto Alegre: CirKula, 2025.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Andarilhagem. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). Dicionário Paulo Freire. - 4. ed. rev. amp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p.44-45.
- CARLINO, Paula. Escrever, ler e aprender na universidade: uma introdução à alfabetização acadêmica. Tradução de Suzana Schwartz. - 1 ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. - (Coleção Compreensão Leitora: Teoria e Prática).
- CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. trad. Bruno Magne. - 1 ed. - Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CLARO, Lisiane Costa... [et al.]. Cartas pedagógicas: (re) formar(-se) por meio das experiências [Recurso Eletrônico] - Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2025, p. 13-18. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/123456789/12013>
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 20ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. - 1 ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar. - 1 ed. - São Paulo, Olho D'Água, 1993.
- FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Pedagogia da Conscientização: Um legado de Paulo Freire à formação de professores. - 1 ed. - Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Pedagogia do inédito-viável: contribuições da participação pesquisante em favor de uma política pública e inclusiva de formação com educadores e educadoras. Porto Alegre, RS. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004, 989p.
- FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Paulo Freire no ano do centenário: legado, reinvenção e compromisso com o futuro. In: MANDATO DA DEPUTADA ESTADUAL SOFICA CAVEDON (PT). KAISER. Erick (org.). 100 Anos Paulo Freire: um legado vivo em nossas resistências. Argumenta. Caderno de Debates. Edição 3, setembro 2021a, p. 29-42.
- FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Fazer a aula com Car-
- tas Pedagógicas: legado de Paulo Freire e experiência de reinvenção no ensino superior. Revista Docência do Ensino Superior, Belo Horizonte, v. 11, 2021b, p. 1-20. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/35283> Acesso: 20 out 2025.
- FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Andarilhagens de uma educadora pesquisadora: Cartas Pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire. -- 3a ed. - Ouro Preto: Caravana, 2024.
- FREITAS, Ana Lúcia Souza de; MAIOR, Maria Luísa Souto; BAUDRY, Claudia Becerra. Leitoras de Paulo Freire na França: as bonitezas das andarilhagens de mulheres migrantes e os desafios da reinvenção. Lusotopie, vol. XXII (1), 2023, p. 1-22. Disponível em: <https://journals.openedition.org/lusotopie/6973> Acesso: 20 nov 2025.
- RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de (Orgs.). Anais do Encontro Franco-Luso-Brasileiro de Educação Popular: Pedagogia do Oprimido e da Esperança na Contemporaneidade. [...] Recurso eletrônico. —1.ed.— Bagé : Triálogo, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.70513/enc-franco-luso-brasileiro-educ-pop> Acesso: 20 nov 2025.
- STECANELA, Nilda; BIZOTTO, Débora Salvador. Varal de cartas pedagógicas: constituir-se pesquisador(a) em educação / Nilda,. - 1.ed. - Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2024.

O PROGRAMA "ESCOLA DA TERRA"

PROFA. DRA. MARILENE SANTOS (UFS)

ENTREVISTA REALIZADA POR MATHEUS BATALHA NERY

O Programa Escola da Terra é um dos mais importantes programas de formação de professores Brasileiros. Este foi instituído pelo governo federal, através da Portaria n. 570/2013, com o objetivo de prover uma formação específica para os professores que atuam no campo e em comunidades quilombolas. Desta forma, pactua-se o direito à educação do campo, de modo que respeite e dialogue com a cultura, com os territórios, e com as especificidades das comunidades rurais e quilombolas. Nesta entrevista conversaremos com a Professora Marilene Santos, docente do Departamento de Educação, e coordenadora do Programa Escola da Terra na Universidade Federal de Sergipe (UFS), no nordeste brasileiro. Esta entrevista foi conduzida pelo Professor Matheus Batalha, também docente da UFS. Em sequência a entrevista, as Professoras Marilene Santos e Lívia Jéssica Messias de Almeida (UFS), apresentam um relato de experiência no Programa Escola da Terra.

Olá, Professora Marilene! Primeiramente, gostaria de te dizer que é uma enorme satisfação conversar com você. Neste primeiro momento, gostaríamos que a senhora nos detalhasse os principais objetivos do Programa Escola da Terra, a nível local e nacional?

Oi professor Matheus! Obrigada pela oportunidade de falar sobre o Programa Escola da Terra! Esse é um programa muito importante para os/as professores/as das escolas do campo do Estado de Sergipe! O principal objetivo do Escola da Terra é garantir formação continuada para professores/as que trabalham em escolas do campo (meio rural) e em comunidades quilombolas. A formação continuada é um direito que os professores têm e que nem sempre são garantidos.

Então o programa oferta cursos de Aperfeiçoamento (180 horas) e de Especialização Lato Sensu (360 horas) para os/as professores/as.





Abertura na Universidade Federal de Sergipe da Terceira Edição do Programa Escola da Terra – dezembro de 2023

...Os professores são orientados a realizar ações de escuta da comunidade (reuniões, plenárias, assembleias, entre outros) para identificar temas/problemas de estudo que foram apontados pela comunidade.

De que maneira o programa incentiva a participação ativa da comunidade local, em especial, dos docentes que já atuam ou que passarão a atuar no contexto rural e nas comunidades quilombolas?

A participação da comunidade nas escolas é um dos princípios da Educação do Campo. Então a formação desenvolvida através dos cursos do Programa Escola da Terra é toda orientada para que os/as professores organizem sua atuação pedagógica a partir da escuta à comunidade. Então como uma das principais referências da Educação do Campo é a pedagogia freiriana, na formação do Escola da Terra, os professores são orientados a realizar ações de escuta da comunidade (reuniões, plenárias, assembleias, entre outros) para identificar temas/problemas de estudo que foram apontados pela comunidade.

De que forma a abordagem pedagógica, em especial as abordagens colaborativas, inspirada em Freire se reflete nas metodologias utilizadas pelo programa?

Como afirmei acima, o programa utiliza a pedagogia freiriana para orientar a ação docente dos professores. Então uma das atividades obrigatórias de quem faz o curso do Escola da Terra é elaborar e desenvolver um Projeto de Intervenção Pedagógica – PIP ou Projeto Didático -PP com temática relacionada a uma questão da comunidade nos mais diversos aspectos (cultural, social, econômico, produtivo etc.). Então, naquela comunidade que tem um/a ou mais professores/as fazendo o curso do Escola da Terra, é muito comum os pais, avós ou lideranças da comunidade serem convidados/as para falar de a questões específicas da comunidade (problemas ou questões de potencialidade) na escola.

Como o Programa Escola da Terra busca debater a educação contextualizada para os territórios rurais e quilombolas, e como isso dialoga com a ideia de educação libertadora proposta por Paulo Freire?

Para nós da Educação do Campo, a problematização da realidade para intervir e transformar tem prioridade em detrimento da contextualização dessa realidade. Nesse sentido, no Escola da Terra orientamos os profes-

sores a problematizarem a realidade dos territórios campestres e quilombolas colocando o conhecimento escolar a serviço da comunidade para contribuir para o seu fortalecimento enquanto território camponês e quilombola. Conhecer o território, identificar sua potencialidade, fragilidades e as possibilidades de melhorar essas comunidades fazem parte da formação que o Programa Escola da Terra desenvolve com os/as professores/as.

Quais são as estratégias do programa para a formação de educadores e como essas estratégias se alinham com a pedagogia de Paulo Freire?

Utilizamos a Alternância Pedagógica como estratégia no Escola da Terra. Nessa metodologia a relação teoria-prática deve se constituir no princípio articulador de todo o curso. Os diferentes tempos formativos: Tempo Universidade; Tempo Escola/comunidade partem do entendimento da educação/formação como um processo de reflexão, ação e intervenção na realidade.

Como o Programa Escola da Terra se posiciona em relação ao modelo tradicional de ensino e quais as principais estratégias que este busca difundir em suas práticas formativas?

O Escola da Terra está alinhado aos princípios da Educação do Campo, necessariamente se contrapõe ao modelo tradicional de ensino estabelecendo uma rela-



Encontro do Tempo Universidade do Módulo: Planejamento e ação docente nas escolas do campo e quilombolas - Edição 2023

ção dialógica com o ensino e a aprendizagem. Utilizar a realidade como objeto de estudo na escola se constitui na principal estratégia para demonstrar essa conta posição.

Quais os principais resultados já alcançados pelo programa até agora, e quais desafios ainda persistem?

Como resultado podemos afirmar que nas quatro edições do Programa Escola da Terra em Sergipe já oportunizamos formação continuada para mais de 900 professores/

MARILENE SANTOS

Professora da Universidade Federal de Sergipe no Departamento de Educação - DED; no Programa Pós-Graduação em Educação- PPGEDP e no Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais PROFSCIAMB. pós-doutora em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO (2018). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe - UFS (2013), mestra em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS (2005). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe (1996). Líder do grupo de pesquisa Educação e Movimentos Sociais - GPEMS. Membro do grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação e Currículo -GEPAC e Grupo de Estudos e Pesquisa Identidades e Alteridades: diferenças e desigualdades na educação GEPIADDE . Coordenadora de Área do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência - PIBID 2020 - 2022). Coordenadora do Programa Escola da Terra-Sergipe 2017- 2018; 2020 - 2022; 2023-2024). Tem experiência na área de Educação com ênfase em: Educação do Campo, atuando principalmente nas seguintes áreas: currículo - alfabetização - ensino multisseriado - educação de jovens e adultos, formação de professores, prática de Ensino, política educacional, política pública, cultura., etnomatemática, educação ambiental, história social da criança, literatura infanto-juvenil, gestão educacional e diversidade cultural.

as dos municípios sergipanos. Atuamos em quase todos os territórios do Estado. Contribuímos com processos de transformações de escolas rurais para escolas do campo em muitas comunidades campestres e quilombolas de Sergipe. Como principal desafio temos a situação do fechamento das escolas do campo e a rotatividade dos professores, em virtude da maioria serem contratados temporariamente. Fator que leva a descontinuidade do trabalho dos professores nas comunidades que eles já estabeleceram vínculo de pertencimento com a escola.

Quais são os próximos passos para o Programa Escola da Terra, e de que maneiras a filosofia de Paulo Freire continuará a influenciar suas diretrizes e práticas?

Esperamos poder implementar a quinta edição do programa em 2026. Com o Novo Pronacampo, esperamos ampliar a cobertura de atuação do Programa aqui em Sergipe. Os princípios filosóficos do Paulo Freire continuarão permeando a formação dos professores que farão o curso do Escola da Terra por aqui como nas demais edições.

[Voltar ao índice](#)

"DERRUBAR A CERCA HOJE, PARA ESPERANÇAR NO AMANHÃ!"

A EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA ESCOLA DA TERRA EM SERGIPE

LÍVIA JÉSSICA MESSIAS DE ALMEIDA, MARILENE SANTOS

Resistência. Território. Comunidade. Pedagogia da Alternância. Agroecologia. Esses foram os temas geradores que mobilizaram a construção dialogada da formação continuada de professores do campo no Programa Escola da Terra, em Sergipe, no nordeste brasileiro.

A Universidade Federal de Sergipe, as Secretarias Municipais de Educação de Sergipe, a Secretaria Estadual de Educação de Sergipe e os Movimentos Campesinos Sergipanos têm desempenhado um papel relevante na produção e execução dessa política pública, articulando saberes e práticas comunitárias, conhecimentos acadêmicos e reivindicações históricas das populações do campo na luta pela terra e por igualdade de condições de acesso e permanência na educação pública.

Desde 2017, o Programa tem contribuído no derrubar das cercas por promover processos formativos de professores voltados à produção crítica, emancipadora e democrática,

tendo como organização de base a Pedagogia da Alternância, fundamentada na práxis e nos princípios libertadores freirianos.

O Programa oferta o Curso de Aperfeiçoamento e a Especialização em Educação do Campo, mas nesse breve texto relatamos a experiência do Curso de Aperfeiçoamento, que no contexto sergipano tem se mostrado exitosa, sobretudo porque a organização pedagógica do curso, nascida dos movimentos campesinos, responde aos princípios da Educação do Campo e às suas especificidades socioterritoriais.

Na edição mais recente do curso, aconteceu neste ano de 2025 e abrangeu 7 municípios de três microrregiões sergipanas, com a inscrição de 207 professores do campo vinculados à cerca de 32 povoados. O curso teve carga horária total de 180 horas, distribuídas em seis módulos, a saber: 1) Fundamentos e Princípios da Educação do Campo e em Comunidades Quilombolas; 2) Planejamento e ação docente nas escolas do campo e qui-





Realização do tempo comunidade no município de Aquidabã em 2017 - Primeira Edição

A condução pedagógica é desenvolvida de forma dialogada, envolvendo professoras-formadoras, integrantes dos movimentos camponeses e professores cursistas, alunos dos cursos de licenciatura e membros das comunidades...

lombolas; 3) Meio Ambiente e Educação do Campo; 4) O ensino multisseriado nas escolas do campo e quilombolas; 5) Alfabetização e letramento; 6) Encontro de Educação do Campo e Movimentos Sociais: Escola da Terra.

Cada módulo contou com 30 horas/aula, sendo 20 horas foram destinadas ao Tempo Universidade, realizadas às quintas-feiras, sextas-feiras e sábados, e 10 horas ao Tempo Comunidade.

A condução pedagógica é desenvolvida de forma dialogada, envolvendo professoras-formadoras, integrantes dos movimentos camponeses e professores cursistas, alunos dos cursos de licenciatura e membros das comunidades, a partir de debates fundamentados em suas realidades em relação constante com a análise conjuntural, para que possam elaborar projetos educativos em que os sujeitos do campo sejam protagonistas do processo formativo e da pro-

dução do conhecimento. Vale destacar que os professores cursistas foram acompanhados por professores-tutores de suas localidades. Dessa maneira, os professores cursistas foram acompanhados em todos os processos de realização do curso tanto na universidade, quanto em suas escolas e comunidades.

O Tempo Universidade desta última edição compreendeu momentos de mística; práticas dialógicas a partir das trajetórias docentes na Educação do Campo; rodas de conversa a partir de temas geradores relacionados aos princípios e às práticas comunitárias; orientação e elaboração dos projetos didáticos; além de aprofundamento teórico e analítico dos diferentes contextos das salas de aula, com base nas leituras dos textos disponibilizados no material específico desenvolvido para o curso. No Tempo Comunidade, foram realizadas atividades de diagnóstico da realidade; aprofundamento das leituras presentes no material de estudos; reuniões auto-organizadas pelos professores cursistas para debate e reflexão em suas comunidades; bem como o acompanhamento da elaboração e execução dos projetos didáticos nas escolas.

Nesse contexto, foram produzidos 33 projetos didáticos, construídos e orientados no Tempo Universidade, sendo acompanhados e desenvolvidos no Tempo Comunidade nas escolas e comunidades. As atividades do Tempo Comunidade, permitiram o acom-

panhamento e a orientação das professoras-formadoras em diálogo com as comunidades, assegurando o enraizamento dos projetos nos princípios da Educação do Campo e numa leitura freiriana da realidade. Esses projetos foram apresentados no evento de encerramento do curso intitulado: *“Programa Escola da Terra: Histórico e Movimentos de Transformação na Educação do Campo Sergipana”*.

Entre as produções desenvolvidas, destacam-se, a título ilustrativo, os seguintes trabalhos:

- *“Do plantio à mesa: a produção de alimentos saudáveis na educação do campo”*;
- *“Colhendo sabores e plantando saberes: a agricultura familiar e sua importância na alimentação escolar”*;
- *“A Esteira de Junco como expressão cultural do povoado Aguilhadas: arte, identidade e resistência no campo”*;
- *“Semente crioula e feijão rosinha: cuidar, multiplicar e partilhar”*;
- *“Raízes vermelhas: a cultura do tomate na Lagoa Seca”*
- e *“A escola como guardiã da memória quilombola: saberes, fazeres e o artesanato da palha do ouricuri no povoado Alagamar, em Pirambu-SE”*.

Por fim, ressaltamos que os projetos construídos pelos professores cursistas durante toda a existência do Programa se desdobram em iniciativas de pesquisa, por meio

das quais foram mapeadas as experiências que evidenciam as análises dos docentes, suas ressignificações no cotidiano da sala de aula, suas interações com os educandos e o diálogo com as comunidades e movimentos camponeses.

Esse conjunto de práticas e reflexões geraram a produção de três livros, que inspiram e mobilizam para o esperar na Educação do Campo, que possuem os seguintes títulos, a saber:

- *“Programa Escola da Terra em Sergipe”*,
- *“Escola da Terra: políticas públicas e formação de professores”*
- e *“Experiências na Educação do Campo: diálogos de resistência, (re)invenções e práticas pedagógicas”*.

Assim, afirmamos que o Programa Escola da Terra consolida um percurso formativo que fortalece a Educação do Campo, promove a autonomia docente e reafirma um compromisso ético-político com práticas educativas libertadoras.

Esse conjunto de práticas e reflexões geraram a produção de três livros, que inspiram e mobilizam para o esperar na Educação do Campo...



LÍVIA JÉSSICA MESSIAS DE ALMEIDA

Professora Adjunta do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Especialista em História da Cultura Africana e Afro-brasileira, Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Licenciada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

Membro do "Grupo de Estudos e Pesquisas Identidades e Alteridades: Desigualdades e Diferenças na Educação" da UFS e do Grupo de Pesquisa Estudos Interdisciplinares em Desenho da UEFS. Compõe o Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena (NEABI) da UFS. É Coordenadora Institucional do PARFOR-EQUIDADE/UFS e a Coordenação do Programa Escola da Terra em Sergipe.

Coordena o projeto de pesquisa "Políticas públicas para educação das relações étnico-raciais em Itabaiana-SE: interlocuções entre currículo, avaliação e gestão" e é coordenadora adjunta dos Projetos de Pesquisa ENTRELACOS DE RES/EX/ISTÊNCIAS: O que temos e o que queremos na Educação Escolar Quilombola em Sergipe? e "Educação das Relações Étnico-Raciais e formação docente na perspectiva afro-brasileira: um estudo no campus de Itabaiana". Tem experiência com as temáticas: políticas públicas para Educação das Relações Étnico-raciais, educação antirracista, Educação Escolar Quilombola, gestão escolar, currículo, formação de professores, Educação das Relações Étnico-raciais, direitos humanos e educação, desigualdades sociais e inclusão, desigualdade de classe e raça, história do livro didático, prática pedagógica antirracista.

Voltar ao índice

PAULO FREIRE: QUANDO EDUCAR SE TORNA UM ATO POLÍTICO

COMO A PEDAGOGIA CRÍTICA INFLUENCIOU A EDUCAÇÃO NA FRANÇA E NA EUROPA

DOMINIQUE BÉNARD

Por muito tempo confinado às faculdades de ciências da educação, o nome de Paulo Freire hoje circula muito além do mundo universitário. Em uma Europa marcada pelas desigualdades escolares, pelos debates sobre autoridade, pela ascensão dos extremos e pelos questionamentos sobre o sentido da escola, seu pensamento ressurgiu. Contrariando uma pedagogia estritamente utilitarista, Freire defendia uma visão radical: educar é transformar o mundo.

Mas o que sua pedagogia realmente diz? E como ela marcou as práticas educativas na França e na Europa?

UMA PEDAGOGIA NASCIDA NAS MARGENS

Paulo Freire (1921-1997) foi um pedagogo brasileiro, proveniente de um país então marcado pela pobreza extrema e pelo analfabetismo. Na década de 1960, ele desenvolveu métodos de alfabetização para adultos camponeses, excluídos do

sistema político por não saberem ler.

A questão rapidamente ultrapassou a técnica. Para Freire, aprender a ler não era simplesmente decifrar letras: era aprender a ler o mundo. Ele partia do cotidiano dos alunos (trabalho, família, injustiça, exploração) para construir o aprendizado. A educação se torna um espaço de reflexão coletiva sobre as condições de vida e, portanto, um lugar político no sentido nobre da palavra. Sua abordagem lhe rendeu o exílio após o golpe militar de 1964. Do Chile, depois dos Estados Unidos e da Europa, suas ideias viajaram. Seu livro mais importante, *Pedagogia dos Oprimidos*, tornou-se um clássico mundial.

CONTRA A ESCOLA "BANCÁRIA"

Uma das contribuições teóricas mais famosas de Freire é sua crítica ao que ele chama de pedagogia bancária.



Para Freire, aprender a ler não era simplesmente decifrar letras: era aprender a ler o mundo.

A pedagogia de Freire não visa apenas a inserção profissional. Ela visa a emancipação.

Nessa concepção de educação, o aluno é uma espécie de conta vazia na qual o professor deposita conhecimentos.

Resultado:

- o aluno ouve,
- memoriza,
- restitui,
- sem nunca questionar.

Freire vê nisso uma relação de dominação: o professor sabe, o aluno ignora. Um fala, o outro cala.

A escola reproduz então as hierarquias sociais em vez de questioná-las.

Em contrapartida, ele propõe uma pedagogia dialógica:

- os alunos não são recipientes,
- são sujeitos pensantes,
- produtores de conhecimento,
- capazes de analisar sua realidade.
- O conhecimento não é mais “transmitido”, mas co-construído.

“CONSCIENTIZAÇÃO”: APRENDER A VER OS MECANISMOS DE OPRESSÃO

Conceito central em Freire: a conscientização. Não se trata simplesmente de “tomar consciência” no sentido vago, mas de aprender a:

- identificar os mecanismos de opressão,
- compreender sua origem social, econômica e política,
- reconhecer-se como agente de mudança.

A pedagogia de Freire não visa apenas a inserção profissional. Ela visa a emancipação.

Nesse contexto, o professor não é mais um chefe nem um simples animador: ele é um intelectual engajado, responsável pelos efeitos sociais do que ensina (e do que omite).

UNE INFLUENCE DIFFUSE EN FRANCE

Na França, a obra de Freire continua relativamente pouco conhecida do grande público, mas influenciou profundamente várias correntes.

NA EDUCAÇÃO POPULAR

Freire influenciou:

- as Casas da Juventude e da Cultura,
- os centros sociais,
- as associações de alfabetização,
- certos movimentos sindicais.

Sua pedagogia alimentou uma concepção da animação social como ferramenta política e não simplesmente como “ocupação”.

ENTRE OS PEDAGOGOS CRÍTICOS

Pensadores franceses como Philippe Meirieu, Célestin Freinet (já próximo em espíri-

to) e alguns pesquisadores em ciências da educação retomaram as intuições freirianas:

- papel central do sujeito aprendiz,
- crítica à autoridade vertical,
- aprendizagem pelo sentido,
- ligação entre escola e democracia.

Mesmo que Freire nem sempre seja citado, sua influência é ideológica: ela é visível nos discursos sobre cidadania, participação e poder de ação.

NA UNIVERSIDADE

Na França, Freire é estudado principalmente:

- nas ciências da educação,
- na sociologia,
- nos estudos políticos.

Suas ideias circulam nos meios militantes universitários, frequentemente em relação a:

- as pedagogias feministas,
- os estudos descoloniais,
- a crítica ao neoliberalismo educacional.

NA EUROPA: FREIRE, PENSADOR DA EMANCIPAÇÃO

Na Europa, sua influência é particularmente visível:

EM ESPANHA E PORTUGAL

As pedagogias críticas inspiradas em Freire foram integradas em programas de educação comunitária, na formação de assistentes so-

ciais e em projetos para bairros populares.

NA EUROPA DO NORTE

Os países escandinavos adotaram suas ideias sobre:

- a escola participativa,
- a democracia escolar,
- a cooperação em vez da competição.

NA LESTE EUROPEU

Após a queda do bloco soviético, Freire foi mobilizado como antídoto às antigas pedagogias

autoritárias, para repensar:

- o engajamento cidadão,
- a palavra crítica,
- a liberdade intelectual.

UM PENSAMENTO SEMPRE INQUIETANTE

Embora Freire seja celebrado, ele também é violentamente criticado. Seus críticos o acusam de:

- um pedagogismo ingênuo,
- uma politização excessiva da escola,
- um enfraquecimento da autoridade,
- uma rejeição implícita da transmissão clássica.

Alguns responsáveis políticos associam Freire à crise da escola ocidental. No Brasil, movimentos conservadores tentaram proibir o seu ensino. Mas seus defensores lembram que Freire:

- nunca rejeitou o conhecimento,
- nunca negou a necessidade da autoridade,





Não existe educação neutra. A educação serve como instrumento para promover a conformidade ou para promover a liberdade.

Numa época em que a educação é cada vez mais vista como um “investimento”, uma “competitividade” ou um “capital humano”, Freire lembra esta evidência incômoda: a escola não é uma fábrica.

- nunca defendeu o caos pedagógico.
- Ele questiona não o professor, mas a onipotência vertical.
- Não a cultura, mas seu uso como meio de dominação.

FREIRE NA ERA DAS REDES SOCIAIS

Ironia do destino: o pensamento de Freire é hoje extremamente atual — em um mundo que ele nunca conheceu. Em tempos de:

- notícias falsas,
 - polarização,
 - bolhas ideológicas
 - e retorno do autoritarismo,
- seu apelo para desenvolver o espírito crítico ressoa fortemente. Educar, segundo ele, não é conformar. É:
- aprender a duvidar,
 - a argumentar,
 - a resistir.

Diante dos algoritmos que aprisionam as opiniões, Freire

propõe uma pedagogia da libertação cognitiva.

UMA PEDAGOGIA POLÍTICA... NO SENTIDO NOBRE DA PALAVRA

Freire nunca escondeu que sua pedagogia era política. Mas política no sentido democrático: formar cidadãos, não executantes.

Sua questão fundamental continua atual: Uma escola que não critica a sociedade a serve... ou a trai?

Numa época em que a educação é cada vez mais vista como um “investimento”, uma “competitividade” ou um “capital humano”, Freire lembra esta evidência incômoda: a escola não é uma fábrica.

É — ou deveria ser — um lugar de liberdade.

CONCLUSÃO

Paulo Freire nunca foi um guru pedagógico. Ele não deixou nenhum método pronto para uso, nem milagre educacional. Ele deixou algo melhor: um quadro de pensamento para nos perguntarmos para quem, para quê e contra o quê ensinamos.

Na França e na Europa, seu pensamento não se impõe por decreto. Ele se infunde. Nas margens, nas lutas, nas salas de aula alternativas, nas formações comprometidas. E talvez essa seja sua maior vitória: permanecer indomável, mesmo após sua morte.

[Voltar ao índice](#)

A ABORDAGEM PEDAGÓGICA DE PAULO FREIRE

DOMINIQUE BÉNARD

Paulo Freire parte de uma constatação simples, mas radical: a educação tradicional – que ele denomina “bancária” – reproduz a ordem social e mantém os oprimidos em uma consciência limitada. Nesse modelo, o professor transmite conhecimentos “depositados” na cabeça dos alunos, que são meros receptáculos passivos. A relação pedagógica é vertical, autoritária e baseada na ideia de que o professor detém o conhecimento legítimo, enquanto o aluno deve absorvê-lo sem questioná-lo.

Essa forma de educação corresponde a uma visão do ser humano como objeto maleável, não como sujeito histórico. Ela reforça as desigualdades ao desvalorizar o conhecimento popular e impor a cultura dos dominantes como única referência válida. Nenhuma educação é neutra: ignorar as relações de dominação é já apoiar o status quo.

Diante dessa lógica de do-



mesticação, Freire propõe uma educação crítica e popular, inserida em um projeto mais amplo de transformação social. Não se trata de mudar a sociedade apenas pela escola, mas de reconhecer que, sem a transformação da educação, não haverá humanização sustentável. Essa educação crítica visa fazer emergir uma consciência capaz de compreender e agir sobre o mundo: é o processo de conscientização.

É aqui que a inversão da pedagogia se torna essencial: para que uma pessoa se reconheça como sujeito político, ela precisa primeiro ser reconhecida como sujeito no processo educacional.

A EDUCAÇÃO CRÍTICA COMO MOTOR DA CONSCIENTIZAÇÃO

Para Freire, conscientizar não significa simplesmente “tomar consciência” no sentido psicológico. A conscientização é uma prática: um movimento em que a reflexão e a ação transformadora se alimentam mutuamente.

Ele insiste:

“Não pode haver conscientização fora da ação transformadora de homens e mulheres sobre a realidade social.”

Em outras palavras, compreender o mundo sem agir sobre ele ainda não é compreensão real. A conscientização surge quando um grupo ou indivíduo se apropria de sua própria experiência, a analisa criticamente e a relaciona com as estruturas sociais que a produzem.

É aqui que a inversão da pedagogia se torna essencial: para que uma pessoa se reconheça como sujeito político, ela precisa primeiro ser reconhecida como sujeito no processo educacional.

AS TRÊS FORMAS DE CONSCIÊNCIA: DO FATALISMO À CRÍTICA

Freire descreve a evolução da consciência em três níveis, que não são automáticos nem lineares, mas estão ligados às condições sociais e às práticas educativas.

1. A CONSCIÊNCIA PRIMÁRIA (INGÊNUA/MÁGICA)

- Foco nas necessidades imediatas.

- Explicações mágicas ou fatalistas para os problemas (“é assim mesmo”).
- Ausência de perspectiva histórica.

O sujeito submisso ao mundo.

2. A CONSCIÊNCIA DESPERTA (PRÉ-CRÍTICA)

- Interpretações simplistas, nostalgia do passado.
- Fragilidade do raciocínio, forte emotividade.
- Tendência ao conformismo e à massificação.

O sujeito começa a questionar-se, mas continua vulnerável às ilusões.

3. A CONSCIÊNCIA CRÍTICA/POLÍTICA

- Análise aprofundada dos problemas.
- Diálogo, revisão de ideias preconcebidas, rigor intelectual.
- Responsabilização e recusa do fatalismo.

O sujeito torna-se capaz de agir sobre o mundo e não de sofrê-lo.

O papel da educação é justamente acompanhar essa transição: ajudar cada um a se reconhecer como sujeito histórico, capaz de compreender o mundo e transformá-lo.

A EDUCAÇÃO DIALÓGICA: A PEDAGOGIA DA LIBERDADE

Para superar o modelo bancário e apoiar a conscientização, Freire propõe uma educação problematizante e

dialógica. Para ele, o diálogo não é uma técnica simpática: é a própria maneira pela qual o conhecimento se constrói.

O professor não renuncia a ensinar, mas ensina aprendendo, e o aluno aprende ensinando. O objeto de conhecimento torna-se um mediador entre os dois. Essa relação horizontal permite superar a contradição “professor/aluno” e revela que todos participam da construção do sentido.

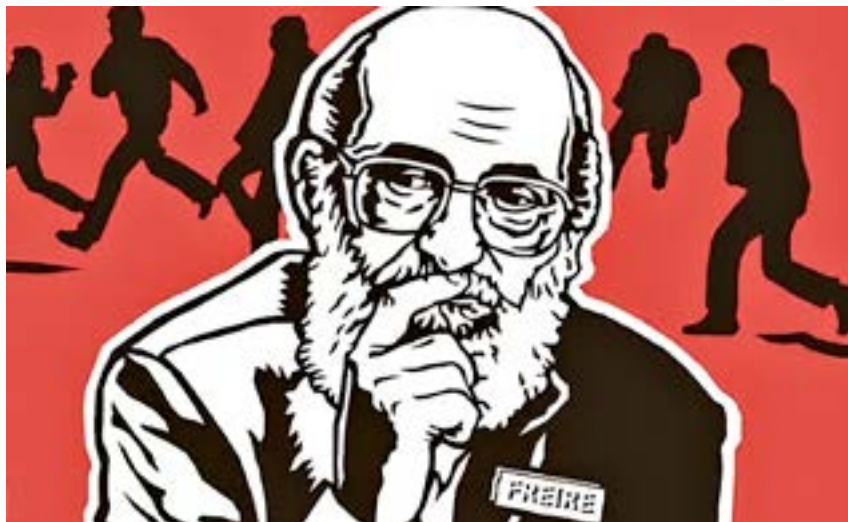
O método freiriano de alfabetização baseia-se em palavras geradoras provenientes das situações existenciais das pessoas em formação e dos debates coletivos. A linguagem do povo torna-se matéria para análise crítica; os alunos passam do status de objetos para o de sujeitos. Essa mudança é o cerne da conscientização.

“A libertação não é algo que se deposita nos homens e nas mulheres. É uma prática que pressupõe a sua ação e reflexão sobre o mundo para o transformar.”

Assim, a educação torna-se uma prática de liberdade, pois possibilita a humanização — sempre incompleta — dos indivíduos e das comunidades. Ela radicaliza a rebelião em projeto político e transforma a leitura do mundo em poder de intervenção.

EM RESUMO

- O modelo bancário reproduz a opressão.



- A educação crítica e popular abre caminho para uma consciência histórica e política.
- A conscientização é ação + reflexão, nunca um simples “despertar interior”.
- As três consciências iluminam esse caminho.
- A pedagogia dialógica torna a educação uma força de libertação.

O professor não renuncia a ensinar, mas ensina aprendendo, e o aluno aprende ensinando.

[Voltar ao índice](#)

APROXIMAÇÕES ENTRE DANÇA E A PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE

CECILIA CAVALCANTE VIEIRA

62



Cecilia Cavalcante Vieira é mestre em Dança (UFBA/2010) e membro do Conselho Estadual de Sergipe, no qual representa a Dança. Dançarina desde tenra idade, professora e coreógrafa de dança oriental desde 1999, produtora e empresária desde 2003, a partir de quando lidera as ações de seu próprio espaço de dança em Aracaju, Sergipe, Brasil, o Portal Hanna Belly.

A primeira aproximação que se pensa entre a pedagogia proposta por Paulo Freire e a prática do ensino de dança, é que ambos colocam o aluno como protagonista do ensino-aprendizagem, bem como da sua cena no mundo.

PROTAGONISMO

Protagonismo é ter expressão própria. É o reconhecimento do poder de agir e discutir. É atuar no ambiente de aprendizagem e de dança. Mas para que isso seja bem compreendido, também tenho que partir do pressuposto, que essa dança a que me refiro, não é a simples imitação de movimentos e técnicas esvaziadas de sentido. Não cabe aqui nesta imagem, aqueles modelos de dança de tradições academicistas, que visam apenas uma reprodução dos passos do passado, sem que haja muitas diferenças entre a encenação no presente, nem entre os copos dançantes.

Nem aquelas, em que no seu ensino, não há contextualização dos momentos em que vieram a emergir, da sua razão de ser e estar no mundo, e, da sua emergência, muitas vezes descontextualizada nos espaços de ensino e aprendizagem, acabam se traduzindo em uma antipolítica de libertação corporal. A dança que me refiro é aquela que fomenta a autonomia do dançarino em processos criativos de experimentação e o reconhecimento de seu lugar no mundo.

Em Paulo Freire, o aprender não é um domínio mecânico de técnicas. É entender o que se aprende e expressar o que se entende. Tanto a Dança¹ quanto ele, reconhecem que no ato de aprendizagem ocorre a criação de algo novo, uma reinvenção do conhecimento, uma incorporação.

Reconhecem que este é um ato verdadeiramente ativo, e não simplesmente passivo. A “incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e

1. Diferencio Dança em maiúsculo, em referência à área de conhecimento, e dança em minúsculo em referência à ação de dançar.

procura. Exige reinvenção."² Para além disso, o autor afirma que não somente o aluno cria, mas também o professor, visto que este segundo precisa se apropriar do que ensina, em ações críticas, não mecânicas e inovadoras. Já o pensamento contemporâneo em Dança tem discutido muito essa questão através da teoria do corpo-mídia, de autoria Helena Katz e Christine Greiner, a qual reconhece o corpo como mídia da cultura e de si mesmo, sendo o epicentro de um processo coevolutivo e transformador, no qual não ocorre somente a difusão de informações, mas sua reorganização³.

APRENDIZAGEM OCORRE SEMPRE COLETIVAMENTE

Isso denota a natureza social da evolução do conhecimento e da apropriação da linguagem. Por isso, Paulo Freire diz que ninguém aprende sozinho, nem se liberta sozinho. Toda transmissão cultural e aprendizagem ocorre sempre coletivamente, com a ressignificação de ideias e informações expressadas por outras pessoas. Há sempre uma indissociação entre quem aprende e o corpo social, bem como entre o corpo do dançarino e a sociedade. A configuração da dança pertence sempre a um coletivo, ao resultado de várias possibilidades de percepção e estruturação. Seu desenvol-



vimento é sempre coparticipativo. Essa constatação traz atenção à responsabilidade de co-laborar, de trabalhar coletivamente, para o diálogo entre sujeitos que se encontram, em transformação, para a *"pronúncia do mundo"*, mesmo que esta pronúncia seja realizada através de passos dançados ou da ginga do corpo.

UMA HISTÓRIA GRAVADA EM SEU CORPO

Para tanto, deve-se negar o ser humano *"abstrato, isolado, solto, isolado do mundo"*⁴, nas palavras de Paulo Freire. Deve-se negar o ser humano como um tábula rasa, como se fosse uma folha em bran-

2. FREIRE, Paulo, 2022. Educação como prática da liberdade. 52ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 127.

3. KATZ, Helena & GREINER, Christine, 2005. Por uma Teoria do Corpomídia in Greiner, C.(org.) O corpo: pistas para estudos indisciplinares. São Paulo: Annablume. pp. 126 - 136.

4. FREIRE, Paulo, 2024. Pedagogia do oprimido. 88ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 98.

Por isso, a cada novo momento, surgem novas pautas e o educador e o discente devem se adaptar a elas. De forma semelhante, a cada novo momento, o corpo se modifica, propondo novos e diferentes movimentos...

co, sem hereditariedades e historicidades, e na qual é possível se inscrever as informações que deseja. Todos os seres humanos têm a sua própria história inscrita no corpo, mesmo no momento do nascimento ou mesmo antes dele, fazendo com que toda a informação aprendida se relacione com as informações já presentes anteriormente neles mesmos, promovendo novos ajustes e incorporações.

O próprio Paulo Freire reconhece que constituem a “*linguagem total*” das pessoas, “*seus bailes, sua música, o uso do corpo, seus gestos, sua maneira de andar, de vestir*”⁵. Com isso se reconhece que todo aluno ou aluna que aporta na sala de aula ou de dança, por mais “iniciante” que seja naquela disciplina, já sabe algo, e vai articular o que se aprende de novo com esse algo mais antigo, não podendo o professor ou a professora ignorar esse saber. Ele deve estimular a expressão disso, pois é com esse algo que o aluno vai relacionar o conteúdo que se pretende ensinar ou dançar.

*“O homem existe – existere – no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica.”*⁶ Aqui já se evidencia também, tanto na dança quanto na pedagogia freiriana, a transitividade do ser humano, da

cultura, fazendo da mudança um elemento fundante de atuação nas transformações que os seres humanos efetuam no mundo, inclusive nas situações de transmissão de informações, sejam elas momentos de aprendizado ou de manifestações culturais.

O CORPO E O AMBIENTE

Essa mudança ocorre na relação entre o corpo e ambiente (que deve ser compreendido não somente como lugares, mas também relações pessoais e sociais), que é contínua.

Por isso, a cada novo momento, surgem novas pautas e o educador e o discente devem se adaptar a elas. De forma semelhante, a cada novo momento, o corpo se modifica, propondo novos e diferentes movimentos. Para a Dança é fundamentalmente importante essa troca entre o corpo e o ambiente, pois é por causa desse ir e vir que ocorrerá a inovação artística. É nesse diálogo que aquela simples imitação do movimento se transforma em dança, quando há de fato algo novo produzido pela reorganização em razão da incorporação⁷. Se Freire afirma somente compreender uma educação que amplie, no ser humano, a consciência de sua transitividade, a arte

5. FREIRE, Paulo, 2021. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 16ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 92.

6. FREIRE, Paulo, 2022. Educação como prática de liberdade. 52ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 57

7. KATZ, Helenna., & GREINER, Christine, 2001. A natureza cultural do corpo. Lições de dança, 3, pp. 77-102.



Foto do acervo pessoal da autora em que mostra uma oficina comunitária de dança oriental, em 2018, no Centro de Criatividade, em Aracaju, Sergipe, Brasil, cujo objetivo explorar a corporeidade feminina.

do movimento em mudança vem a ser uma excelente estratégia para isso.

Inclusive, neste tocante, o comportamento dos alunos, entre os quais incluo os de dança, não devem ser prescritos de cima para baixo, mas fundados em suas próprias pautas situacionais. Ele rejeita a dependência e a passividade nas escolas ao apresentar o aprendizado de maneira puramente abstrata, de forma desligada de qualquer utilização prática e descontextualizada das realidades dos alunos.

O educador deve fomentar ações positivas que considerem circunstâncias e pessoas, evidenciando as situações assimétricas vividas por elas em cada contexto. Deve en-

corajar o aluno a negociar com o mundo em que vive, tornando-o um participante competente e atuante das atividades desse mundo.

Como cocriadores em formação, os estudantes devem exercitar suas faculdades críticas, tendo a sua própria cultura como ponto de partida. Isso tudo implica em criar um ambiente de aprendizado, no qual os conteúdos específicos das disciplinas nunca valem mais do que a criação de posturas favoráveis à crítica e o pensar por si mesmo. Ele propõe o círculo de cultura em substituição à escola tradicional, estruturalmente autoritária, um ambiente no qual os aprendizes, ao mesmo tempo que aprendem um novo

Assim ele também não diminui, nem hierarquiza, o que é feito com o corpo, rompendo com a hierarquia social entre o labor intelectual (sedentário) e manual.

código linguístico, descortinam a própria realidade sócio-histórica. Quem ouve isso e não consegue imaginar uma sala de dança?

ROMPER COM A HIERARQUIA SOCIAL ENTRE O INTELLECTO E O CORPO

Nesse sentido, Paulo Freire não faz discriminação do trabalho físico, reconhecendo a importância deste para além de um fazer desconectado do conhecimento. Ele reconhece a necessidade de os trabalhadores dos ofícios físicos e manuais precisarem conhecer mesmo os fundamentos do seu fazer, como ele deve ser feito, porque ele deve ser feito, para quê ele é necessário, quais as inovações possíveis para o futuro, reconhecendo que há um conhecimento inerente e complexo nos fazeres práticos, e que mesmo eles não são nunca puramente mecânicos⁸.

Assim ele também não diminui, nem hierarquiza, o que é feito com o corpo, rompendo com a hierarquia social entre o labor intelectual (sedentário) e manual. Assim a Dança também reconhece que há conhecimento na dança, através de todos os trânsitos de informações no corpo e ações reflexivas sobre os comportamentos e movimentos. A dança mesmo é um processo físico de pensamento⁹. Ambas, nem a Dança nem a pedagogia freiriana, fazem distinção do trabalho

com o corpo para seu próprio reconhecimento no mundo, sem reconhecer uma hierarquia de conhecimento entre o fazer intelectual e o fazer físico, por exemplo, visto que ambos estarão sempre superpostos, entrelaçados e não podem existir separadamente. Para nenhuma delas há ruptura entre a teoria e a prática.

A CULTURA POPULAR

Ele também não faz discriminação da cultura popular. Propõe claramente a imersão do educador nela, sob pena de este não ser ouvido nem compreendido pelos educandos. Propõe ainda a articulação entre o saber popular e o científico, diminuindo a distância entre a universidade e as populações, e, esperançosamente acredita que futuramente essas duas formas de conhecimento estarão lado a lado em reconhecimento social e acadêmico.

Já a dança sempre esteve ligada ao popular, ao que se faz com o corpo, muitas vezes “desregrado”, “incivilizado”, e para o qual é necessário se estabelecer uma normativa. É na cultura popular que o corpo aparece e tem voz, visto que nos ilustrados círculos eruditos, religiosos e de pensamento, a dissociação entre mente e corpo, assumindo a primeira como superior ao segundo, relegou todos os aspectos corpóreos ao âm-

8. FREIRE, Paulo, 2025. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 36ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

9. KATZ, Helena, 2003. A Dança, Pensamento do Corpo in O homem máquina: a ciência manipula o corpo. Novaes, A. (org.). São Paulo, Companhia das Letras. pp. 261 – 274.



bito do instintivo, bárbaro e animalesco, a algo que deve ser escondido, renegado e subjugado. Porém na cultura popular o corpo viceja no saber de uma medicina ancestral, bem como nas festas, danças, batuques, capoeiras, no roça-roça dos mercados, nas celebrações dos dias santos, etc.

Para a dança — um fazer em que realmente se aprende fazendo —, é completamente inútil a prática da “educação bancária”, conceito elaborado por Freire, na qual o aluno é um mero repositório quantitativo do saber exposto pelo professor, visto que nessa forma de ensinar não ocorre criação, algo fundamental para o trabalho artístico, e mesmo para a transmissão cultural¹⁰. Os professores de dança que optam por esse caminho, repetitivo, memorizador e monótono, geralmente perpetuam em seus alunos um repertório

de movimentos puramente imitativos, vazios de significados, e se ocupam em criar coreografias para apresentações, com passos propostos arbitrariamente sem a participação dos dançarinos, em comunicados prescritos, geralmente com a justificativa de criação de obra artística, que muito pouco apresenta de inovação. Nesse caminho, infelizmente, há na realidade um “adestramento”, no qual sistemas opressores de comando são perpetuados sob a camuflagem de verniz de beleza da arte.

DIZER OU REPETIR

Paulo Freire diferencia o ato de dizer a palavra da de repetir a palavra. A Dança diferencia, de forma semelhante, o ato de fazer-dizer com o movimento do de repetir o passo¹¹. Na dança, sob a ótica da pedagogia freiriana, não há distinção ou ruptura entre coreógrafo e dançarino,

Paulo Freire diferencia o ato de dizer a palavra da de repetir a palavra. A Dança diferencia, de forma semelhante, o ato de fazer-dizer com o movimento do de repetir o passo...

10. FREIRE, Paulo, 2024. Pedagogia do oprimido. 88ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

11. SETENTA, Jussara, 2008. O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade. Salvador, EDUFBA.

E, para além disso, a pedagogia dialógica, assim como as artes e a dança, promovem o exercício da cidadania e da democracia.

há sempre intérprete-criador e cocriação. A dança sob a ótica freiriana pode atuar mesmo na elaboração da coreografia, bem como da cena artística, e não somente na relação ensino-aprendizagem. Com ela se cria toda uma “boniteza”, palavra forjada por Freire, que implica numa dimensão política da estética, e na qual há um dizer próprio, inerente. Com ela há o caminho para o desenvolvimento do corpo consciente.

Para Paulo Freire, a libertação da pedagogia do oprimido e da educação bancária, nas quais há autoritarismo e submissão, se realiza com uma pedagogia contextualizadora, que localiza a pessoa no seu lugar no mundo, e problematizadora, que propõe à pessoa, sua situação como problema, sintetizadas em uma pedagogia dialógica,

na qual há diálogo contínuo entre as partes envolvidas no processo de aprendizagem. E, para além disso, a pedagogia dialógica, assim como as artes e a dança, promovem o exercício da cidadania e da democracia.

O diálogo implica fundamentalmente em respeito entre as pessoas nele engajadas. De modo semelhante, os alunos de arte aprendem a se colocar no lugar do outro - os de dança aprendem literalmente a se colocar no lugar do outro, e não apenas metaforicamente -, uma capacidade que é fundamental para a democracia bem-sucedida, fundamental para o exercício do respeito ao próximo, mesmo que não compactuem com as ideias deste evidenciando a tolerância tão defendida e praticada por Paulo Freire. As artes exercitam



empatia, que é um raciocínio posicional. Afinal, o cidadão precisa aprender a se identificar com a sina dos outros, o que se faz somente através da imaginação. Somente com ela é possível ver o mundo através das lentes dos outros, de sentir vivamente seus sofrimentos. Somente com ela outras pessoas se tornam reais e iguais. Somente com ela se desenvolve a empatia, tão necessária para o processo de humanização, habilmente defendido por Freire. Para ele, os cidadãos de uma democracia, são inquietos, críticos e com maior flexibilidade de consciência. A atitude subserviente, nociva para a vida, é fatal para a democracia, visto que esta não existe plenamente sem cidadãos alertas e atuantes. No seu livro mais difundido, Freire abordou a questão dicotômica entre opressores e oprimidos¹².

Afinal, toda sociedade traz em si, pessoas que estão mais dispostas ao convívio com os outros em termos de reciprocidade e de respeito mútuo, bem como outras que buscam o conforto da dominação. O que é necessário para a sociedade contemporânea e democrática, é compreender como produzir mais cidadãos com as primeiras características e menos com os da segunda. Creio que as artes e a dança são um caminho plenamente viável para isso, visto que são práticas desestabilizadoras de sistemas autoritários de poder e trazem possibilidades de ressignificação do mundo. Para pessoas em situações de opressão, às

vezes, a arte é o único discurso possível, e artistas nunca são simplesmente vítimas das circunstâncias.

Infelizmente, atualmente observamos que o aprendizado ativo proposto por Paulo Freire, assim como a investigação do mundo por meio das artes, foi rejeitado em favor de uma pedagogia conteudista voltada para os exames padronizados de múltipla escolha que atendem a paradigmas modernos de produtividade.

Embora o autor não tenha mencionado expressamente uma pedagogia com uso das artes e da dança como método, ele transmite uma epistemologia totalmente aberta e receptiva a elas, da mesma forma em que contribui de forma substancial para a educação das artes como conteúdo. Afinal, o artista da dança, em consciência da sua incompletude e impermanência, comprometido com sua alteridade histórica, numa corporeidade relacional que se reinventa a cada movimento, promove investigação arqueológica do próprio corpo na sua intencionalidade de “ser mais”.

Afinal, para se explorar o desconhecido e transformar o próprio mundo, é fundamentalmente necessário deixar de lado a rigidez corporal, prima-irmã da submissão e do autoritarismo, bem como a vergonha de assumir o seu lugar na cena.

Voltar ao índice



Afinal, para se explorar o desconhecido e transformar o próprio mundo, é fundamentalmente necessário deixar de lado a rigidez corporal, prima-irmã da submissão e do autoritarismo, bem como a vergonha de assumir o seu lugar na cena.

12. FREIRE, Paulo, 2024. Pedagogia do oprimido. 88ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

TIERRA NUEVA

EDITANDO PAULO FREIRE A PARTIR DO PROTESTANTISMO DO RIO DA PRATA

DR. FEDERICO BRUGALETTA



Federico BRUGALETTA. Instituto de Estudios Sociales (CONICET/UNER), federico.brugaletta@uner.edu.ar

O objetivo destas notas é analisar as relações entre política, religião e edição na circulação em espanhol de Paulo Freire, prestando atenção às iniciativas editoriais associadas ao cristianismo libertador que editaram os livros do pedagogo brasileiro no final dos anos 60 e início dos anos 70.

As editoras ICIRA (Chile), APE (Colômbia) e Tierra Nueva (Uruguai e Argentina) constituíram-se em importantes epicentros locais de circulação da pedagogia de Paulo Freire na confluência entre religião, política e mercado do livro em espanhol. Santiago do Chile, Bogotá e o Rio da Prata se destacaram em um mapa onde cristãos de esquerda publicaram, divulgaram e leram os livros do pedagogo brasileiro para, a partir daí, revolucionar a educação e a sociedade de seu tempo.

A EDITORA TERRA NUEVA

Com foco na editora Tierra Nueva, cabe destacar que ela foi fundada no final de 1969 na cidade de Montevideo, no âmbito da Igreja e Sociedade na América Latina (ISAL), um agrupamento político e religioso protestante que, desde o início daquela década, apostava na conjugação da fé cristã com a ação política. A ISAL pertencia a uma rede transnacional de igrejas protestantes com sede em Genebra (Suíça), reunidas em torno do Conselho Mundial de Igrejas (CMI)¹.

O CMI era uma instituição ecumênica criada em 1948 com uma preocupação marcante com as “rápidas mudanças sociais” que atravessavam o “terceiro mundo”². Os membros da ISAL partiam do diagnóstico de que a sociedade latino-americana se encontrava diante de uma “hora

1. Para um estudo sobre a editora Tierra Nueva, ver: F. Brugaletta, *Tierra Nueva (1969-1985). Protestantismo de esquerda, edição e educação na história recente da América Latina* (Tese de Mestrado em História e Memória - UNLP), 2019.

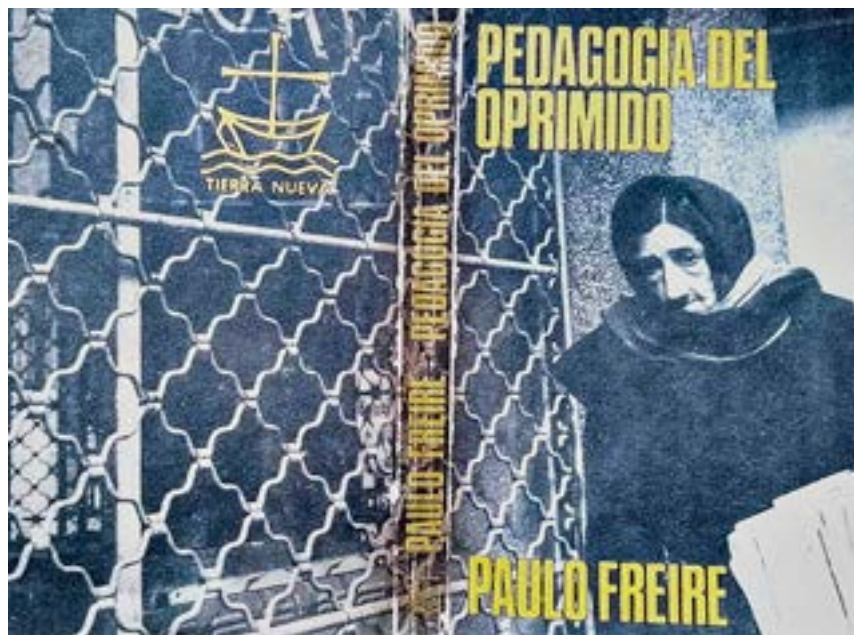
2. Ver: P. Abrecht, *Las iglesias y los rápidos cambios sociales*, 1963; E. De Vries, *El hombre en los rápidos cambios sociales*, 1962.

revolucionária” à qual os cristãos deveriam aderir como expressão de sua responsabilidade social³.

UMA REDE DE LAÇOS ECUMÊNICOS

A editora se inseria, então, em uma rede de laços ecumênicos que se teciam entre Montevideu e Genebra, mas que delimitavam um espaço maior que abrangia toda a América Latina. Seu principal circuito de distribuição era constituído por uma rede de livrarias protestantes de alcance continental consolidada desde o início da década⁴. Sobre essa rede foi montada a distribuição da principal publicação da ISAL, a revista *“Cristianismo y Sociedad”*, para todo o continente, bem como a própria editora⁵.

Julio Barreiro (1922-2005) foi o principal impulsor e líder da editora desde seu cargo como secretário de publicações da ISAL. Membro da Igreja Metodista de Montevideu, Barreiro estudou Direito na Universidade da República



Capa da primeira edição em espanhol de *Pedagogia do Oprimido*, impressa em Montevideu, Uruguai, em 1970. Editada por Marcela Gajardo e José Luis Fiori. Traduzida por Jorge Mellado. ICIRA, 1969.

e lecionou lá nas disciplinas de História das Ideias e Ciência Política.

Desde jovem, ele liderou iniciativas editoriais dentro do protestantismo, como o jornal *“La Idea”* ou a revista para crianças evangélicas *“Arco Iris”*⁶. No entanto, o projeto da editora Tierra Nueva era inovador em relação às iniciativas anteriores, pois buscava transcender o âmbito confessional e apostava em competir no mercado de livros secu-

A editora se inseria, então, em uma rede de laços ecumênicos que se teciam entre Montevideu e Genebra, mas que delimitavam um espaço maior que abrangia toda a América Latina.

3. H. Conteris, “La Iglesia en revolución”, em *Cristianismo y Sociedad*, 1964, p. 1.

4. Entre outros pontos da rede de distribuição confessional, podem ser mencionados: Livraria “La Aurora” na Argentina e no Uruguai; Imprensa Methodista e Livraria Internacional em São Paulo (Brasil); Livraria La Reforma em Porto Rico, Livraria Luz y Verdad em Lima; Livraria El Sembrador e El Lucero em Santiago do Chile; Livraria Odell em Matanzas (Cuba); Casa Unida de Publicaciones (CUPSA) na Cidade do México, Livraria Dominica na República Dominicana, Livraria Senderos na Venezuela. Além disso, também há vendas diretas por meio de representantes da ISAL: Gerardo Pet na Bolívia, Reverendo Jaime Goff na Colômbia e Alvaro Ramos em Bogotá, Waldo César no Brasil, Reverendo Marcelo Pérez Rivas em San José da Costa Rica, Miguel Calvetti e Rev. Gonzalo Carvajal no Equador, Benjamín Monterroso na Guatemala e Reverendo Simón Alvaralo no Panamá.

5. F. Brugaletta, “Cristianismo y Sociedad (1963-1973). Protestantismo de izquierda en la historia reciente de América Latina” (*Cristianismo e Sociedade (1963-1973). Protestantismo de esquerda na história recente da América Latina*), em *Catedral Tomada*, 2018.

6. F. Brugaletta, “Julio Barreiro: trajetória intelectual do editor protestante de Paulo Freire”, em *Políticas da Memória*, 2022.



lares. Nesse sentido, a editora apostou na intersecção de dois mundos, oferecendo aos leitores evangélicos livros que refletiam a nova era revolucionária e, ao mesmo tempo, oferecendo aos leitores progressistas livros sobre o cristianismo em uma perspectiva revolucionária.

AS OBRAS DE PAULO FREIRE

A história da editora pode ser dividida em duas etapas: a primeira, entre 1969 e 1973, que se desenvolveu em Montevideu; e a segunda, entre 1974 e 1985, que se desenvolveu na cidade de Buenos Aires. Ao longo de todo esse tempo, a Tierra Nueva publicou mais de 70 títulos originais e configurou 8 coleções. Em 1974, Julio Barreiro exilou-se em Buenos Aires após ter sido afastado do seu trabalho na universidade, perseguido e preso pela ditadura uruguaia, que durou de 1973 a 1985. Assim, ele continuou o empreendimento editorial na capital argentina e, apesar da ditadura argentina que se desenvolveu entre 1976 e 1983, Barreiro conseguiu permanecer na Argentina — não sem dificuldades — graças ao trabalho editorial e ao apoio financeiro e político do CMI e de suas agências de assistência humanitária, como o ACNUR.

Os títulos associados à pedagogia de Paulo Freire ocuparam um lugar de destaque no catálogo da Tier-

ra Nueva e constituíram o maior sucesso comercial da editora em toda a sua história. Julio Barreiro se orgulhava de ter conseguido os direitos exclusivos para editar os textos do pedagogo brasileiro em espanhol. De fato, os três primeiros títulos da editora estavam associados à pedagogia de Freire: *Consciência e Revolução* (1969), *Se vive como se pode* (1969) e *A educação como prática da liberdade* (1969). O primeiro era uma compilação de ensaios sobre a pedagogia de Paulo Freire organizada pela ISAL, enquanto o segundo relatava a experiência piloto de um “círculo de cultura” desenvolvido por esses protestantes em um bairro popular de Montevideu.

Por sua vez, *A educação como prática da liberdade* (1969) foi o primeiro título de autoria exclusiva de Freire editado em Montevideu, publicado pela primeira vez em espanhol no mesmo ano pela ICIRA em Santiago do Chile. Depois vieram mais dois títulos do autor publicados nessa cidade: *Pedagogia do Oprimido* (1970) e *Extensão ou comunicação?* A conscientização no meio rural (1973). Durante a segunda etapa da editora em Buenos Aires, iniciada em 1974, foram publicados três títulos associados a Paulo Freire. O primeiro deles foi parte da revista “Fichas Latinoamericanas”, sob o título “Paulo Freire na América Latina”, que, entre

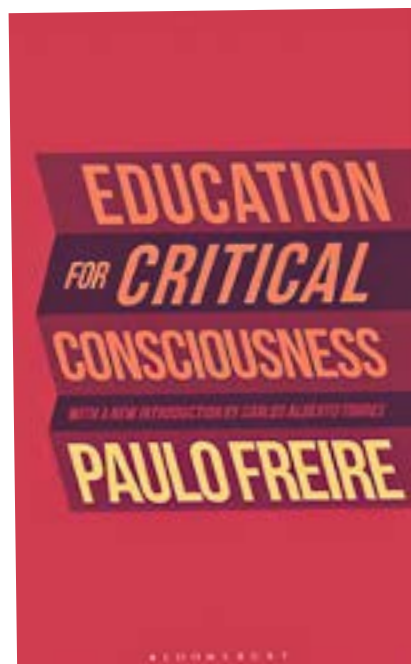


outros tópicos de interesse, incluía textos inéditos do pedagogo brasileiro sobre teologia negra, refletindo os laços que ele havia estreitado durante sua passagem pelos Estados Unidos em 1969. Em segundo lugar, o título Educação para a Mudança Social (1974), que ele compartilhou com outros dois educadores da época, Pierre Furter e Iván Illich. Finalmente, o livro Ação Cultural para a Liberdade (1975), que foi o último que a Tierra Nueva conseguiu publicar em Buenos Aires. Enquanto Cartas a Guinea-Bissau. Apuntes de uma experiência pedagógica em processo (1977) foi o último livro de Paulo Freire editado por Julio Barreiro, mas devido às dificuldades associadas ao controle ideológico por parte da ditadura argentina, teve que ser editado no México apenas sob o selo da editora Siglo XXI.

A ligação entre Freire e Barreiro começou a se formar em 1967. Naquele ano, o editor montevideano começou a trocar corres-

pondência com o pedagogo brasileiro com o objetivo de organizar um encontro de formação em Santiago do Chile. Como resultado dessa primeira troca, em maio de 1968, foi organizado um “seminário de capacitação para a conscientização” em conjunto pela ISAL, pelo Movimento Estudantil Cristão (MEC) e pelo ICIRA. No âmbito da capacitação, os protestantes uruguaios da ISAL apresentaram ao pedagogo brasileiro um “Projeto-Piloto” de “aplicação do método Freire” em um bairro de Montevidéu⁷.

Em setembro de 1968, sob o título “Contribuição para o processo de conscientização na América Latina”, Julio Barreiro editou um suplemento especial da revista Cristianismo y Sociedad, uma série de textos com os quais haviam trabalhado juntos em Santiago do Chile⁸. Os textos eram apresentados como materiais “indispensáveis para todos aqueles que desejam aplicar o método do Prof. Paulo Freire no proces-



Os títulos associados à pedagogia de Paulo Freire ocuparam um lugar de destaque no catálogo da Tierra Nueva e constituíram o maior sucesso comercial da editora em toda a sua história...

7. F. Brugaletta, “Se vive como se puede. Círculo de cultura e literatura popular nos usos protestantes do método de Paulo Freire no Uruguai de 68”, em Southwell, M. (Comp.) Fazer história da educação: enfoques, objetos, problemas (pp. 391-419). La Plata: FAHCE-UNLP, 2024.

8. O índice do suplemento é composto pelos seguintes textos: “A alfabetização de adultos”, “A concepção ‘bancária’ da educação e a desumanização. A concepção problematizadora da educação e a humanização”, “Investigação e metodologia da investigação do tema ‘gerador’”, “A propósito do tema gerador e do universo temático”, “Relação bibliográfica: considerações críticas em torno do ato de estudar”, escritos por Paulo Freire; “Sugestões para a aplicação do método no terreno”, escrito em conjunto por Paulo Freire e Raúl Vellozo Farías; “Dialética e liberdade: duas dimensões da investigação temática”, de José Luis Fiori, e “Aprender a dizer sua palavra: o método de alfabetização do professor Paulo Freire”, de Ernani María Fiori. Muitos desses textos serão reescritos por Freire para a publicação de Pedagogia do Oprimido, bem como utilizados por TN como prólogo neste mesmo livro, como no caso do texto do Prof. Ernani María Fiori.



Paulo Freire. Photo Leandro Melito / Portail EBC

so de conscientização do povo latino-americano”⁹. A “nota explicativa” dava conta dos sentidos que os protestantes da ISAL imprimiam à pedagogia de Paulo Freire, não apenas como um método de alfabetização de adultos, mas como um instrumento associado às aspirações de transformação política e social.

A CONCEPÇÃO REVOLUCIONÁRIA DA ALFABETIZAÇÃO

Além disso, enfatizava-se que se tratava de uma edição “não comercial”, apresentada cuidadosamente como material reservado para “uso interno” da ISAL. Assim, é possível afirmar que esta edição especial da revista *“Cristianismo y Sociedad”* é a primeira publicação de textos de Paulo Freire em Montevideu e que foi distribuída pela ampla rede de livrarias e editoras protestantes associadas à ISAL em toda a América Latina. O sucesso da primeira edição de *“Se vive como se puede”* pela editora Arca em Montevideu, somado ao contato iniciado no Chile com Freire, permite supor que Julio Barreiro reconheceu ali a possibilidade de iniciar com esse tipo de título a empresa Tierra Nueva, que lhe permitiria transcender a comunidade de leitores protestantes.

Um ano depois, na edição nº 21 da revista *“Cristianismo y Sociedad”*, aparece pela primeira vez um anúncio da editora Tierra Nueva oferecendo o livro de Paulo Freire *Educação como prática da liberdade*, que havia sido lançado em novembro de 1969. O título em questão é apresentado como a “concepção revolucionária da alfabetização”, como “um livro diferente e totalmente atual”¹⁰. Segundo

9. ISAL, em *Cristianismo y Sociedad*, suplemento especial, 1968.

10. Anúncio da TN, na revista *Cristianismo y Sociedad*, n.º 21, 1969.

o anúncio, o “método Paulo Freire *“buscava provocar no analfabeto” um desenvolvimento de sua consciência política com vistas à sua participação no processo de libertação nacional*”.

UM SUCESSO IMEDIATO

Os livros da Tierra Nueva em Montevideu eram impressos na Comunidade do Sul, uma gráfica dirigida por anarquistas que faziam as impressões “de forma cooperativa”, muito provavelmente na época com uma máquina de linotipo. É importante ressaltar também que a logística de distribuição nos escritórios da editora em Montevideu era feita de forma bastante artesanal. De acordo com os depoimentos dos filhos de Julio Barreiro, eles eram responsáveis pelo atendimento ao público na livraria localizada ao lado da Igreja Metodista Central, no centro da cidade. Ao mesmo tempo, eram responsáveis por receber os pedidos que chegavam do exterior, montar os pacotes de livros, que eram então carregados e despachados por correio aéreo¹¹.

Vale a pena destacar a edição de *Pedagogia do Oprimido*, publicada pela

primeira vez em 1970 em dois hemisférios simultaneamente, graças à rede protestante transnacional. Por um lado, a primeira edição em espanhol — e primeira edição mundial —, que correspondeu à editora Tierra Nueva, em Montevideu. E, por outro lado, uma versão em inglês que foi publicada pela Herder & Herder, em Nova York¹². Essa afirmação é corroborada por uma das poucas cartas que foram preservadas da correspondência entre Julio Barreiro e Paulo Freire. Data de 24 de fevereiro de 1970, foi escrita em Genebra. Freire havia chegado dos Estados Unidos, onde passou uma temporada em Harvard durante 1969¹³. De 1970 até seu retorno definitivo do exílio ao Brasil em 1979, Paulo Freire trabalhou na sede do CMI em Genebra, de onde coordenou diversos programas educacionais desenvolvidos principalmente na África. Dessa forma, o vínculo de Freire iniciado com os protestantes da ISAL em 1967 adquiriu um ponto de institucionalização formal como pessoal especializado do CMI.

O sucesso das edições de Freire na Tierra Nueva



O sucesso das edições de Freire na Tierra Nueva foi imediato. Em menos de três anos, entre 1969 e 1971, foram vendidos mais de 30.000 exemplares dos livros de Freire a partir de Montevideu.

11. Entrevista realizada pelo autor com Eduardo e Álvaro Barreiro, Montevideu, em 23-7-2015.

12. Editora fundada por Bartolomeus Herder em Freiburg, Alemanha, em 1801; desde o início, o catálogo combinava obras de teologia cristã e pedagogia. Em 1957, a editora abriu uma filial em Nova York sob a direção de Werner Mark Linz (1935-2013), que atuou como diretor da Herder & Herder e da Seabury Press (editora da Igreja Episcopal) e como presidente do grupo editorial Continuum entre 1979 e 1999, tanto em Londres quanto em Nova York.

13. Carta consultada no Arquivo Pessoal de Julio Barreiro em Solymar (Montevideu, Uruguai).



Paulo Freire alfabetizando os anjos. Fonte : (Re)lecture n° 12, printemps 2006

foi imediato. Em menos de três anos, entre 1969 e 1971, foram vendidos mais de 30.000 exemplares dos livros de Freire a partir de Montevideu. A demanda pelos títulos de Paulo Freire era tanta que Julio Barreiro enfrentou sérias dificuldades para abastecer o mercado do Rio da Prata. Ao saber que em Buenos Aires existiam edições “piratas” de Pedagogia do Oprimido, Barreiro estabeleceu uma aliança estratégica com Arnaldo Orfila Reynal, o grande editor da esquerda na história recente da América Latina.

O acordo estabelecido entre Arnaldo Orfila e Julio Barreiro em 1971 permitiu que a editora Siglo XXI publicasse, a partir do México, Buenos Aires e Madri, os títulos mais importantes do pensamento freiriano. A partir de 1985, a Tierra

Nueva deixou de funcionar efetivamente, quando Barreiro conseguiu recuperar seus cargos universitários em Montevideu, após a restauração da democracia no Uruguai. O editor concentrou-se então na gestão dos direitos autorais da obra do pedagogo brasileiro como uma espécie de “agente editorial”. Em 1988, a editora Siglo XXI formalizou contratos diretos com Freire, dispensando a mediação de Barreiro para reduzir custos e facilitar a divulgação da obra. Essa desvinculação marcou o fim de um ciclo de mediações pessoais e institucionais do protestantismo de esquerda que havia sido crucial para a circulação inicial do pensamento freiriano na língua espanhola. Com a saída de Barreiro e a concentração direta dos direitos nas mãos da Siglo XXI, a editora mexicana consolidou seu papel como principal divulgadora da obra de Freire no âmbito ibero-americano, que perdura até hoje.

[Voltar ao índice](#)

"E ENSINEM-NOS TAMBÉM A LER!"

DR. EDUARDO MISSONI

Minha chegada à Nicarágua para trabalhar como médico voluntário nas áreas rurais do país coincidiu com o lançamento da "Cruzada Nacional pela Alfabetização". As escolas fechariam por seis meses, e mais de 95.000 jovens estudantes do ensino médio e seus professores seriam distribuídos por todo o país, desde bairros marginais até as aldeias rurais mais remotas, a fim de ensinar a ler e escrever a 50% da população do país, que na época era analfabeta. Seis meses depois, o Exército Popular de Alfabetização comemorava seu triunfo, com uma redução da taxa de analfabetismo para menos de 13%. Para muitos desses jovens, a maioria proveniente da capital e dos grandes centros urbanos, essa foi também a primeira vez que tiveram contato com as realidades mais pobres e desfavorecidas do país.

UM PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO

Nesse sentido, a Cruzada foi sobretudo um processo de conscientização; ao verem com seus próprios olhos e compartilharem as difíceis condições de vida dos camponeses e camponesas, os jovens puderam compreender a razão de ser da Revolução¹.

A alfabetização foi uma das primeiras tarefas da revolução sandinista, que, apenas um ano antes, havia derrotado a sangrenta ditadura de Somoza, que oprimiu o país durante décadas. Entre os antecedentes da campanha de alfabetização, podemos citar os esforços de alfabetização do general Augusto C. Sandino e o pensamento inspirador do comandante Carlos Fonseca Amador que, nos primeiros dias da insurreição, quando seus companheiros treinavam os camponeses nas montanhas, lhes dizia: "E ensinem-lhes também a ler!".



1. Ver também: Nicaragua triunfa en la alfabetización. Documento y Testimonios de la Cruzada Nacional de Alfabetización. Ministério da Educação. República da Nicarágua - Departamento Ecumênico de Investigaciones, San José, Costa Rica, 1981.



Campanha de alfabetização na Nicarágua nos anos 80

Do ponto de vista pedagógico, a Cruzada adotou o método de Paulo Freire. Durante uma de suas muitas visitas à Nicarágua, ele declarou: “Esta revolução é uma menina pequena, bonita, pura e encantadora, e precisamos apoiá-la”

UMA EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA E LIBERTADORA

Os camponeses eram o setor mais afetado pelo analfabetismo. Muito antes da vitória, grupos de educadores integrados ao processo revolucionário refletiram sobre o que seria uma educação democrática e verdadeiramente libertadora em uma Nicarágua livre. Eles estavam conscientes de que, sobre as ruínas do somocismo, era preciso construir as bases e as estruturas de uma educação diametralmente oposta à educação alienante e submissa daquele período, orientada para o consumo e imposta por especialistas estrangeiros aos professores e alunos nacionais, segundo um esquema capitalista e fértil de individualismo e ausência de solidariedade. Uma educação “bancária” – para usar os termos de Paulo Freire – não apenas em

termos pedagógicos, mas também porque se conformava às necessidades da economia e das finanças internacionais. Para os sandinistas, a revolução cultural não podia ser dissociada da revolução política; para eles, alfabetizar significava ensinar, sensibilizar, politizar e humanizar.

O MÉTODO DE PAULO FREIRE

Do ponto de vista pedagógico, a Cruzada adotou o método de Paulo Freire. Durante uma de suas muitas visitas à Nicarágua, ele declarou: “Esta revolução é uma menina pequena, bonita, pura e encantadora, e precisamos apoiá-la”. Convencido da possibilidade de sucesso, ele afirmava: “Com o que vocês estão fazendo e com esse método, vocês aprenderão a ler em cinco meses, vocês conseguirão”². A coabitação entre estudantes e camponeses colocava em prática a visão de Paulo Freire de uma educação em que ninguém sabe tudo e ninguém ignora tudo, mas onde todos aprendem juntos, influenciados pela realidade.

OS GUERRILHEIROS DA ALFABETIZAÇÃO

Os jovens “brigadistas, guerrilheiros da alfabetização” foram formados nos meses que antecederam o início da Cruzada, graças a um sistema multiplicador

2. Manuel Lucero, 23 de março de 1980: alfabetizar para liberar. Diário Barricada, 23 de março de 2023 <https://diariobarricada.com/2023/03/23/23-de-marzo-de-1980-alfabetizar-para-liberar/>

em cascata. Primeiro, 80 formadores foram preparados em um workshop de 15 dias, que também permitiu verificar a eficácia de sua formação no terreno. Em seguida, uma segunda equipe semelhante foi formada, seguida por cerca de 12.000 professores, que por sua vez foram encarregados de formar os milhares de brigadistas que, *“Puño en alto! Libro abierto!”* (Punho levantado! Livro aberto!), como recitava o hino da cruzada, se preparavam para *“transformar a escuridão em luz”*, equipados com um caderno-livro de alfabetização para uso diário e um manual contendo explicações metodológicas, orientações pedagógicas, organizacionais e políticas.

ALFABETIZAÇÃO POLÍTICA

“Não estamos afirmando que estamos oferecendo uma forma apolítica de alfabetização”, enfatizou Sergio Ramírez Mercado, então membro do Conselho Nacional de Reconstrução. “É hora de nós, na Nicarágua, perdermos o medo do termo ‘político’, porque esta é uma alfabetização política”³. Este programa de alfabetização, ressaltou Ramírez, visava despertar nos camponeses e nas classes mais desfavorecidas da Nicarágua as motivações sociopolíticas que lhes permitiriam integrar-se ao processo revo-



Alfabetização dos camponeses na Nicarágua

lucionário a partir de uma perspectiva produtiva, cultural e social.

Nas diretrizes para instrutores de alfabetização, lia-se: *“Devemos deixar claro que estamos prestes a enfrentar um novo desafio. O trabalho de alfabetização acontecerá em uma casa de família, uma igreja, um coreto, um corredor — em qualquer lugar. Não devemos nos considerar professores oniscientes; aqueles que aprenderem a ler e escrever não serão indivíduos ignorantes que vêm aprender. Seremos a força motriz por trás do processo de ensino e aprendizagem. As pessoas que estamos ensinando são pessoas que pensam, que criam, que expressam suas ideias, que possuem conhecimento. Nesta jornada épica, todos aprenderemos”⁴* Os livros de alfabetização não foram concebidos como ferramentas rígidas, que não deixassem

“Não estamos afirmando que estamos oferecendo uma forma apolítica de alfabetização”, enfatizou Sergio Ramírez Mercado, então membro do Conselho Nacional de Reconstrução.

3. Sergio Ramírez Mercado, Entrevistas y opiniones. Encuentro. Revista Universidad Centroamericana, 16, 1980, pp. 64-65.

4. Cuaderno de educación sandinista. Orientaciones para el alfabetizador, Ministerio de Educación, Republica de Nicaragua, 1980

Em Terrabona, a aldeia onde pratiquei medicina, a vitória sobre o analfabetismo também foi celebrada em 23 de agosto de 1980, como relato em meu livro "Misa Campesina"...

espaço para a criatividade, mas sim para incentivar a discussão, abordagens alternativas e propostas.

O PROGRAMA E O MÉTODO

O programa foi baseado em 23 temas relacionados ao processo revolucionário, abrangendo desde as ideias e propostas dos heróis da Revolução até projetos de transformação social, habitação, saúde, educação e até mesmo política internacional. Para cada tema, uma fotografia que expressava visualmente certos elementos fundamentais foi utilizada para criar o que o método de Paulo Freire chama de "etapa psicossocial". Ao apresentar a imagem ao grupo de alfabetizados, o instrutor incentivava um diálogo em torno do tema sugerido pela imagem, permitindo que o grupo expressasse sua interpretação da realidade e refletisse sobre seu processo de libertação. Após essa etapa inicial analítica, política, oral e psicossocial, uma segunda etapa, de síntese, foi realizada. Durante essa segunda etapa, uma frase foi extraída, condensando alguns dos elementos fundamentais do tema e, ao mesmo tempo, fornecendo os elementos necessários para o aprendizado da leitura e da escrita. Por exemplo, as palavras "A Revolução" contêm as cinco vogais que seriam utilizadas na primeira aula. Finalmente, utilizando as

letras e sílabas aprendidas, o grupo de alfabetização construiu novos elementos de acordo com sua própria criatividade⁵.

TERRABONA: TERRITÓRIO LIVRE DO ANALFABETISMO

Em Terrabona, a aldeia onde pratiquei medicina, a vitória sobre o analfabetismo também foi celebrada em 23 de agosto de 1980, como relato em meu livro "Misa Campesina":

A colheita de feijão estava indo bem. As pequenas plantas, arrancadas da terra com todas as suas raízes e reunidas no centro do campo, secaram ao sol. Agora, os camponeses batiam nos pequenos montes com varas, recolhendo os feijões que saltavam das vagens em um pano. Esses feijões constituíam o alimento básico da população local e de alguns poucos voluntários italianos.

A "cruzada" pela alfabetização também havia rendido bons resultados, e os estudantes, depois de seis meses passados nas montanhas como professores, estavam retornando à cidade. Uma grande festa de encerramento havia sido organizada em Terrabona. Mais uma vez, as brigadas de alfabetização marcharam pelas ruas da cidade, cada uma precedida por um grande cartaz ou placa com o nome da comunidade onde haviam atuado.

5. El Método, Encuentro Revista Universidad Centroamericana, 16, 1980, p. 26.



Comemoração do sucesso da campanha de alfabetização

Os membros da brigada entraram na aldeia cantando e gritando slogans, seus uniformes de algodão cinza completamente desbotados. Para muitos dos estudantes da cidade, a alfabetização havia sido a primeira oportunidade de descobrir uma outra parte, muito diferente, do seu país — um mundo que alguns preferiam conhecer apenas por meio de imagens folclóricas. Muitas famílias abastadas não haviam permitido que seus filhos participassem dessa mobilização nacional. A praça em frente à igreja se encheu de meninas e meninos.

"Punho erguido, livro aberto!" O grito ecoou por toda a vila.

O adro da igreja do Padre Jorge tornou-se, mais uma vez, o palco do evento político e cultural, com discursos de líderes locais da cruzada acompanhados de apresentações teatrais simples. Até mesmo Toño, o coordenador do Conselho de Terrabona, tomou a palavra e aproveitou a oportunidade para anunciar a nomeação de Salomé, minha amiga de El Rincón, como conselheira representando a área rural. A música continuou noite adentro.

"Terrabona: território livre do analfabetismo!" Talvez não completamente. Essas porcentagens, que em nível nacional representavam um resíduo extraordinário e improvável de 12% da população analfabeta, por vezes não eram to-

Ainda hoje, quando entro na sala de aula como professor, convido meus alunos a serem meus professores também, para que juntos possamos analisar criticamente a realidade, aprender juntos e buscar juntos o caminho para construir um mundo melhor.

talmente confiáveis. Muitos brigadistas eram fortemente tentados a apresentar resultados melhores do que os efetivamente alcançados em seu trabalho de alfabetização. Em uma competição de orgulho, mas sem prêmios a ganhar, por vezes fechavam os olhos ao avaliar os resultados dos exames finais de seus alunos. A verdade é que eu tinha que continuar prescrevendo soluções com diagramas apropriados.

Mas também era verdade que esses 80.000 jovens, exilados por cinco meses nas montanhas com os camponeses, representavam um sinal tangível da vontade de mudança.

Infelizmente, até mesmo a Cruzada da Alfabetização teve seus mártires. O assassinato de Georgino Andrade, o primeiro professor de alfabetização morto pelos Contras, mostrou que alguns não apreciavam a mudança. A antiga Guarda Nacional Somoza estava se reorganizando em gangues armadas, que muito rapidamente encontrariam seu principal apoio no novo presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan.

Algumas famílias camponesas que haviam acolhido esses jovens em suas casas durante todo esse período quiseram acompanhá-los até Terrabona; na ocasião da despedida, a emoção era muito forte. Os brigadistas deixaram para trás nessas montanhas parentes, irmãos e irmãos adotivos.”⁶

UMA GRANDE LIÇÃO DE VIDA

A Cruzada Nacional pela Alfabetização e o processo revolucionário nicaraguense também foram grandes lições de vida para mim. Ainda hoje, quando entro na sala de aula como professor, convido meus alunos a serem meus professores também, para que juntos possamos analisar criticamente a realidade, aprender juntos e buscar juntos o caminho para construir um mundo melhor.

Voltar ao índice

6. Eduardo Missoni, Misa Campesina. Un médico italiano en la Nicaragua revolucionaria. Bubok publishing, 2011

UM ABRAÇO COLETIVO

O Professor Bernard Charlot foi uma dessas pessoas que parece ter vivido duas ou mais vidas em uma única existência. Pela grandeza e beleza de sua própria vida. Nasceu na França, em 15 de setembro de 1944, num ano em que a Europa ainda lutava contra as perversidades da Segunda Guerra Mundial. De família humilde, foi sempre um menino dedicado e presente na escola francesa, que nos legou a identidade da educação pública moderna, e lutou muito para chegar à universidade.

Para se manter e ajudar sua família, trabalhou como operário e como garçom, enquanto lia todos os livros que lhe caíam às mãos, com a avidez de quem sabe que a vida exige muito de todos nós. Estava na Sorbonne quando a revolução estudantil de maio de 1968 ganhou as ruas. Se fez professor e foi trabalhar na Tunísia. Viajou pelos Estados Unidos quase que inteiro de ônibus, só para conhecer um pouco

mais do país que lia nos livros. E, com esta bagagem, escreveu, em 1976, um livro que marcou a pedagogia moderna: *A Mistificação Pedagógica*. Esta obra transcendeu a França e chegou ao Brasil em 1979, através da Zahar Editores. Atualmente, é considerada um marco por ampliar o debate e ajudar a desmistificar a própria educação, que reflete realidades sociais diversas e ideologias contrapostas.

Foi, por inúmeros anos, professor da Universidade de Paris VIII. Nos anos 1990, cooperou para organizar o I Fórum Mundial de Educação, em Porto Alegre, sul do Brasil. Também neste período, participou como convidado de um Seminário Internacional organizado pela Secretaria Municipal de Educação em Porto Alegre, sendo referência nos debates curriculares da Escola Cidadã. Publicou, entre outras obras, *“Da Relação com o Saber: Elementos para uma Teoria”* (1997/2000-França/Brasil), *“Da relação com o saber às práticas educa-*



tivas” (2018), que versam sobre como os estudantes se relacionam com o conhecimento; e “Educação ou barbárie?: uma escolha para a sociedade contemporânea” (2020-França/Brasil), que aborda a ausência, na pedagogia contemporânea, de uma proposta antropológica, pois essa se transformou estritamente num espaço no qual os estudantes estudam para garantir um bom emprego e para a melhoria da economia dos países em que vivem.

Radicado no Brasil desde 2003, Bernard Charlot formou família brasileira e foi professor visitante da Universidade Federal de Sergipe (UFS) por vários anos. Se dedicou com empenho à esposa e aos filhos, ao passo que acompanhava de perto o desenvolvimento educacional mundo afora. Na UFS, ajudou a fundar programas de pós-graduação, criou o Colóquio Educon, e formou inúmeros alunos. O “*menino Bernard*”, como alguns amigos o chamavam, teve uma participação extremamente relevante na UniProsa – espaço dedicado à boa prosa e a publicações democráticas em prol da Educação.

Sua vida, no fundo, foi marcada pela potência intelectual, pelo humor crítico e refinado, pela incrível capacidade de organizar e liderar debates e produções, pela amorosidade, pela grande vontade de viver! No hospital, nos dias que antecederam sua partida, pediu que

a esposa e os filhos lessem para ele os artigos que estavam sendo preparados para esta edição da *Approches Coopératives*. Ele havia ajudado a reunir os autores que contribuiriam para esta publicação.

A amizade é um longo e intenso tempo de amadurecimento, já nos ensinou Aristóteles. Perdemos um amigo, um grande e sábio pensador! Um homem, um intelectual e um cidadão comprometido com a escola pública e com a democracia! Um pesquisador da melhor tradição que deixa um imenso legado de conhecimento produzido. Que possamos seguir com sua presença questionadora e sempre propositiva.

Assinam este abraço, Ana Lúcia Souza de Freitas, Dominique Bénard, Celso dos S. Vasconcellos, Cesar Nunes, Maria Amélia Santoro Franco & Matheus Batalha.

[Voltar ao índice](#)

ÊLE VAI ME AMAR CIGANA?

HELENA VALMONT



E assim funciona sua magia
Ela mostra e dá um pedaço do afeto
Porque o resto só a quem se arriscar
E quando a coragem pula do peito
Outra passa na calçada
E faz de rei, um covarde qualquer
Vai casar com uma dona de vestido virgem
E namorar pela janela uma outra mulher



CONTRIBUÍRAM PARA ESTA EDIÇÃO

Membros do comitê editorial

Matheus Batalha Nery coordenou a realização da edição, Dominique Bénard foi responsável pela diagramação.

COLABORADORES EXTERNOS

Maria Amélia Santoro Franco, L. Marcela Gajardo J., Cesar Nunes, Ana Lúcia Souza de Freitas, Marilene Santos, Livia Jéssica Messias de Almeida, Cecília Cavalcante Vieira, Federico Brugaletta, Eduardo Missoni, Helena Valmont.

Foto da contracapa: Estudantes protestam contra os cortes orçamentários do governo Bolsonaro na educação em São Paulo, Brasil, em 15 de maio de 2019. Bruno Rocha/Fotoarena/Sipa USA/PA Images

NO SITE DA APAC

<https://www.approchescooperatives.org/>

Você pode:

- Ler na tela e baixar gratuitamente todas as publicações.
- Assinar a newsletter para se manter informado sobre as últimas publicações.
- Encomendar exemplares da revista Approches Coopératives em formato impresso.
- Aderir à APAC e participar na orientação, produção e avaliação das publicações.
- Fazer uma doação para nos permitir continuar a aventura da Approches Coopératives em benefício do maior número possível de pessoas.

